PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA

NARRATIVAS DE ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL (2014 – 2017):

UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO HISTÓRICA

Londrina
2018

PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA

NARRATIVAS DE ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL (2014 – 2017):

UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO HISTÓRICA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina para a obtenção do título de Mestre.

Orientador(a): Profa. Dra. Marlene Rosa Cainelli

Londrina
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Silveira, Prisciéle Maicá.
Narrativas de alunos do curso de licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina - UEL (2014 - 2017) : Uma pesquisa em Educação Histórica / Prisciéle Maicá Silveira. - Londrina, 2018.
151 f.

Orientador: Marlene Rosa Cainelli.
Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, , 2018.
Inclui bibliografia.

1. Educação Histórica - Tese. 2. narrativas de graduandos - Tese. 3. curso de História - Tese. 4. formação de professores - Tese. I. Cainelli, Marlene Rosa. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. . III. Título.

PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA

NARRATIVAS DE ALUNOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL (2014 – 2017):

UMA PESQUISA EM EDUCAÇÃO HISTÓRICA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina para a obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Rosa Cainelli
Universidade Estadual de Londrina – UEL

_____

Profa. Dra. Katia Maria Abud
Universidade de São Paulo - USP

_____

Profa. Dra. Márcia Elisa Teté Ramos
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 19 de julho de 2018.

Dedico este trabalho àquelas que me instruíram até aqui, minhas professoras; à minha família, base de tudo; aos amigos e ao dono da minha vida, meu amado Jesus Cristo, que renova em mim a paz que excede o entendimento.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dra. Marlene Cainelli, por acreditar nesse trabalho e me impulsionar a ir até o fim com toda a paciência e dedicação. Mesmo sendo uma das maiores pesquisadoras em Ensino de História do Brasil, não se recusa a ensinar os primeiros passos aqueles que desejam um dia tornarem-se pesquisadores relevantes.

Às professoras Dra. Katia Abud e Dra. Márcia Teté, que compuseram a banca, não há como agradecer pelo tempo empenhado na leitura de cada página, pela paciência com os erros e tropeços na tessitura deste trabalho, apontando o caminho para lapidar a pesquisa. Também ao Prof. Ronaldo Alves, membro da banca o meu agradecimento.

Aos professores e funcionários do departamento de História da UEL, por sempre me prestar apoio e incentivo para continuar na jornada acadêmica mesmo diante de circunstâncias difíceis. À minha querida professora Maria de Fátima da Cunha, a qual desde o TCC me acolhe com um sorriso e oferece sua ajuda.

À minha mãe que vivenciou de perto as aflições e angústias durante o processo de desenvolvimento deste trabalho, sempre a me apoiar em tudo. Seu riso discreto me animava, bem sei que esteve silenciosamente nervosa ao roer todas as unhas das mãos por minha causa.

Ao meu pai que luta todos os dias para que o meu futuro seja melhor, espero retribuir a honra que lhe é devida pai querido.

À minha irmãzinha Mariane que nos momentos mais tensos conseguia me fazer rir. A toda minha família que suportou minha ausência e a repetitiva resposta: “não posso, estou estudando”.

À CAPES pela bolsa durante metade do mestrado, indispensável para a permanência no programa de pós-graduação, sem este auxílio seria impossível chegar até aqui dada a circunstância financeira inesperada enfrentada em família.

Ao meu Deus, que me fez acreditar e enxergar além da realidade que se apresentava, com esperança e fé, renovando dentro de mim a paz que eu perdia todas as vezes que pensava nessa pesquisa.

SILVEIRA, Prisciéle Maicá. **Narrativas de alunos do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina – UEL (2014 – 2017):** Uma Pesquisa Em Educação Histórica. 2017. 151f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

Buscamos analisar neste trabalho de pesquisa quais as ideias sobre História e sobre a profissão em História que apresentam os graduandos do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina – PR, entre os anos de 2014 e 2018. O que pensam os futuros professores acerca da História, abordando questões como o curso de História, a docência e a pesquisa. Nossa investigação está inserida dentro do campo de pesquisas da Educação Histórica (BARCA, 2001); (LEE, 2003); (GAGO, 2007); (CAINELLI; SCHMIDT, 2011). A coleta de dados foi realizada em dois momentos, com um questionário aplicado em 2017 aos alunos do último ano do curso e com a análise das narrativas que os alunos apresentaram em nossa pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso realizada quando estavam no primeiro ano da graduação. Nosso objetivo foi verificar se houve mudança nas concepções apresentadas no começo da formação, em 2014, e na finalização do curso de história em 2017, portanto, aplicamos o questionário com questões próximas àquelas feitas aos estudantes no início do curso. A metodologia de análise para o estudo foi a Teoria Fundamentada (CHARMAZ, 2009), seguindo os pressupostos da Educação Histórica.

Palavras-chave: Educação histórica. Pensamento histórico. Narrativas de graduandos. Curso de história. Formação de professores.

SILVEIRA, Prisciéle Maicá. **Narratives of students of the Degree in History of the State University of Londrina - UEL (2014 - 2017):** A Research in Historical Education. 2017. 151 f. Master Thesis (Master in Social History) – State University of Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

We seek to analyze in this research work the ideas about History and about the profession in History that present the undergraduate students of the course of Degree in History of the State University of Londrina - PR, between the years 2014 and 2018. What do future teachers think about of history, addressing issues such as history, teaching and research. Our research is part of the research field of Historical Education (BARCA, 2001); (LEE, 2003); (GAGO, 2007); (CAINELLI, SCHMIDT, 2011). The data collection was carried out in two moments, with a questionnaire applied in 2017 to the students of the last year of the course and with the analysis of the narratives that the students presented in our research of Work of Conclusion of Course realized when they were in the first year of the graduation. Our objective was to verify if there was a change in the conceptions presented at the beginning of the training, in 2014, and at the end of the history course in 2017, therefore, we applied the questionnaire with questions close to those made to the students at the beginning of the course. The methodology of analysis for the study was Theory Grounded (CHARMAZ, 2009), following the assumptions of Historical Education.

Keywords: Historical education. Historical thinking. Narratives of graduates. History course. Teacher training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Grupos de Pesquisa em Educação Histórica, CNPq 48
Quadro 02 - Resultados da pesquisa de 2014.....55
Quadro 03 - Alunos participantes nas duas pesquisas (2014 e 2017).....58
Quadro 04 - Questionário aplicado em 2017 59
Quadro 05 - Questionário 2017, em blocos 60
Quadro 06 - Respostas: Por que você escolheu o curso de História?.....66
Quadro 07 - Respostas: O que você achou mais difícil no curso de História? 70
Quadro 08 - Respostas: No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.....77
Quadro 09 - Respostas: Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê? 80
Quadro 10 - Respostas: Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular? 85
Quadro 11 - Respostas: Qual o papel do Historiador quando ensina História 89
Quadro 12 - Respostas: O que é História para você? 94
Quadro 13 - Respostas: Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)? 96
Quadro 14 - Respostas: Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?.....99
Quadro 15 - Respostas: Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê? 101
Quadro 16 - Respostas: Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? 103
Quadro 17 - Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série? 107

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
CAPÍTULO 1. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: UM BREVE PANORAMA.....18
1.1 A criação das licenciaturas no Brasil.....19
1.2 A licenciatura de História no Brasil 29
1.3 O curso de licenciatura em História na UEL 33
CAPÍTULO 2. EDUCAÇÃO HISTÓRICA: UMA BASE COERENTE PARA UMA HISTÓRIA CONSCIENTE 43
2.1 Educação Histórica 43
2.2 Teoria Fundamentada.....51
CAPÍTULO 3. NARRATIVAS EM FOCO: O QUE PENSAM OS FUTUROS PROFESSORES DE HISTÓRIA.....54
3.1 Estudo exploratório realizado em 2014: desvendando ideias de alunos iniciantes no curso de História.....54
3.2 Estudo exploratório realizado em 2017: desvendando ideias de alunos concluintes no curso de História.....58
3.3 Analisando as narrativas históricas dos alunos 61
a) Questões pessoais 62
- Por que você escolheu o curso de História?.....62
- O que você achou mais difícil no curso de História?.....70
- No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória 76
- Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?.....79
- Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?.....84
b) Questões teóricas.....87
- Qual o papel do Historiador quando ensina História?.....88
- O que é História para você?.....91
- Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada para suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)? 95
c) Questões profissionais.....98

- Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior? 98
- Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê? 100
- Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)? 103
- Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série? 106
CONCLUSÕES 109
REFERÊNCIAS 113
APÊNDICES 117
Apêndice A - Questionário 2017 118
Apêndice B - Questionário 2014 119
ANEXOS 120

INTRODUÇÃO

> O elemento reflexivo é fundamental para a instituição do caráter histórico da consciência da ação no tempo (passado, como presente ou futuro). No processo de constituição dessa consciência, os processos educacionais (formais como informais) são decisivos. Estevão de Rezende Martins[1]

O processo de formação durante os quatro anos de graduação em História é crucial no desenvolvimento do caráter histórico no pensamento dos alunos, é nesse sentido que realizamos esta pesquisa. Analisando as narrativas produzidas pelos alunos do 4º ano do curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no primeiro semestre de 2017, em resposta ao questionário entregue em sala de aula, na turma do período matutino, buscamos identificar qual é o pensamento histórico que estes estudantes manifestam após quatro anos de formação em um curso de História, em outras palavras, o que pensam sobre História os alunos de História. Para tanto, questionamos os futuros professores de História, por exemplo, acerca do que é História, porque eles escolheram o curso de História, quais perspectivas possuem sobre seu futuro profissional, entre outras questões. A análise dos dados obtidos leva em consideração as respostas destes alunos a uma pesquisa realizada em 2014 em nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quando os estudantes se encontravam no primeiro ano do curso de História. Nosso intuito ao considerar as narrativas dos alunos em seu primeiro ano do curso é buscar evidências de mudanças ou permanências em seu pensamento histórico.

O fundamento sobre o qual nos apoiamos nessa pesquisa são os estudos realizados pelos teóricos do campo de investigações da Educação Histórica, Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelli e Katia Abud no Brasil, Isabel Barca e Peter Lee em Portugal. Nossa metodologia segue as orientações deste campo juntamente com a chamada Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*) que permite uma análise qualitativa dos dados no decorrer da pesquisa. No tocante à área do currículo de História contamos com os estudos de Selva Guimarães Fonseca (FONSECA, 1993),

[1] MARTINS, Estevão de Rezende. Educação e Consciência Histórica. In: CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. A. Educação Histórica: teoria e pesquisa. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011, p.49.

Maria das Graças Ribeiro Moreira Petruci (PETRUCI, 1994), José Willington Germano (GERMANO, 1994) Dermeval Saviani (SAVIANI, 2005), Norma Lucia da Silva e Marieta de Moraes (DA SILVA; DE MORAIS, 2011), Paulo Sergio Marchelli (MARCHELLI, 2014).

Nossa investigação é um estudo qualitativo com o objetivo de explorar a concepção de História dos alunos do curso de História, recolhendo suas narrativas para analisar suas ideias ali demonstradas, na tentativa de perceber seu pensamento histórico, procurando analisar os dados a partir das palavras dos próprios estudantes, a fim de tentar compreender parte desse processo de formação tão rico e complexo. Caracteriza-se também como uma investigação qualitativa pelo tipo de questões e pela forma como os dados foram recolhidos e analisados, toda pesquisa e os resultados obtidos a partir da análise dos dados são fundamentados conforme as ideias presentes nas narrativas dos participantes.

A primeira fonte observada foram as narrativas dos alunos em seu primeiro ano do curso de História na UEL, dados obtidos no Trabalho de Conclusão de Curso realizado em 2014, de onde partimos para a realização desta investigação.

A coleta de dados realizada durante o mestrado ocorreu na Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) no dia 27 de Junho de 2017, na sala 112, com a turma do 4º ano do curso de Licenciatura em História, período Matutino. Contamos com a colaboração do Professor Dr. Rivail Carvalho Rolim[2] que, contatado anteriormente, cedeu tempo de sua aula para que os alunos pudessem responder ao questionário. Foram 50 minutos até que todos os presentes tivessem entregado suas respostas.

Quanto ao local onde foi realizada nossa pesquisa, a sala de aula dos quartos anos do curso de História da UEL (sala 112), possui um formato de anfiteatro, com cadeiras universitárias de madeiras, quadro de giz, uma TV pendrive e um projetor de slides. A sala não possui boa ventilação e é pouco iluminada, pois as janelas são pequenas e algumas lâmpadas estavam queimadas, o piso escuro também não colabora para um ambiente mais claro, bem iluminado e arejado, mais adequado e agradável para o estudo, em nossa opinião.

[2] Prof. Dr. Rivail Carvalho Rolim é professor da disciplina de Metodologia e Prática de Ensino do curso de Licenciatura em História, da Universidade Estadual de Londrina, PR.

A escolha pela Universidade Estadual de Londrina se deu por dois fatores, acesso pessoal à universidade e aos alunos do curso, e pelo fato de levarmos em consideração as narrativas construídas pelos estudantes em seu primeiro ano no curso de História da UEL. Sendo assim, neste ano de 2017, alguns dos mesmos alunos em seu quarto e último ano de graduação puderam participar da presente pesquisa, construindo novamente narrativas acerca do que pensam sobre História, sobre o curso e o futuro como professores de história. A turma tem um total de 18 alunos matriculados na disciplina do Professor Rivail, portanto foram 03 faltantes e 15 presentes em sala no dia da aplicação do instrumento de análise, dentre os quais todos concordaram em participar. Os alunos possuem idade entre 20 e 23 anos, dos quais 08 são homens e 07 são mulheres.

Atribuímos nomes fictícios a todos os participantes do estudo para garantir o anonimato e ao mesmo tempo poder tratá-los por um nome, a fim de não vê-los como meros números em nossa pesquisa e sim como pessoas, seres humanos que vivem uma história e estão inseridos em um contexto. Acreditamos que com o anonimato os alunos se sentiriam mais a vontade para expor seus pensamentos, suas ideias e dificuldades, sem a preocupação de ser posteriormente alvo de julgamentos por quem quer que leia os seus nomes e suas respostas nessa pesquisa que, definitivamente, não tem o objetivo de criar julgamento de valor sobre os participantes.

Portanto, os 15 participantes de nossa pesquisa serão tratados com os seguintes nomes fictícios: Eduardo, Lúcia, Leandro, Júlia, Isadora, Bruno, Vinicius, Isabel, Luana, Ricardo, Marcelo, Marcos, Kátia, Cecília, e Gabriel.

Antes de avançarmos, é importante contar como chegamos até aqui, o movimento em direção à área do Ensino de História para desenvolvimento deste trabalho, um caminho que começou ainda na graduação. A respeito disso, o quarto ano no curso de licenciatura em História na UEL foi decisivo para a escolha não apenas do tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, mas principalmente da área de pesquisa, o que levou ao início de uma trajetória no Ensino de História que mostra seus primeiros passos com a presente Dissertação de Mestrado.

A formação no curso de história na UEL foi realizada em cinco anos, com ingresso em Março de 2010 e conclusão em Fevereiro de 2015, portanto um ano após a conclusão prevista para o curso que é de quatro anos. Esse fato se deu por situações ocorridas durante a graduação, desde mudanças residenciais; passando

por dúvidas em relação à escolha do curso; uma situação de depressão, na qual o acompanhamento de um psicólogo através do Sebec[3] foi muito importante; até uma mudança de crença para os princípios de Cristo. Diante das dificuldades enfrentadas durante o curso, o TCC foi desenvolvido no quinto ano após ter sido concluído o estágio obrigatório e não concomitantemente como é estabelecido pela grade curricular.

Foi na aula de Metodologia e Prática do Ensino de História, com um texto de Peter Lee (LEE, 2006) que aborda a educação histórica e a Matriz Disciplinar de Rüsen, que a Professora Maria de Fátima da Cunha[4] fez uma pergunta à turma de formandos mais ou menos assim: Como vocês se sentem enquanto alunos do último ano de graduação em História? Ela continuou instigando os alunos fazendo outros questionamentos, por exemplo, como foi ter passado pela experiência de estágio, e qual era a expectativa enquanto futuros professores de história. Mas, aquela primeira indagação, particularmente, levou-nos a uma reflexão retrospectiva acerca dos quatro anos de curso e determinou os próximos passos acadêmicos que nos trouxeram até aqui.

A resposta àquela pergunta se faz presente nos estudos e inquietações de pesquisa até hoje, faz parte de minhas carências de orientação. Alguns colegas responderam dizendo que se sentiam preocupados com o futuro incerto, inseguros e despreparados para a sala de aula, um deles até afirmou que nunca viria a ser professor e que, apesar do crescimento intelectual que o curso proporcionou, na sala de aula ele nunca mais colocaria os pés. Tomei fôlego e disse mais ou menos assim: Sinceramente, me sinto com uma nuvem de autores, conceitos e teorias soltos pairando sobre minha cabeça e nenhum chão debaixo dos meus pés.

O sentimento era de falta daquela velha linha do tempo histórica ensinada na escola que era tão simples quanto movediça, característica esta que se provou com os estudos da historiografia no decorrer no curso. O problema naquele momento não era o fato de ter constatado o caráter multiperspectivo da história, e sim o fato de não conseguir enxergar um sentido para os novos conhecimentos adquiridos, era tudo uma nuvem. Diante disso, apresentamos aqui o que para mim

[3] SEBEC – Serviço de Bem Estar à Comunidade.

[4] Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima da Cunha é professora da disciplina de Metodologia e Prática de Ensino no curso de Licenciatura em História, na Universidade Estadual de Londrina, desde 1995.

significa os primeiros paralelepípedos debaixo de meus pés. Um estudo que faz sentido na e para minha vida enquanto pessoa e aspirante à historiadora-professora tal qual aquelas que me ensinam e inspiram.

Portanto, buscamos identificar, através da análise das narrativas dos alunos, elementos que possam apontar qual tipo de pensamento histórico apresentam os formandos do curso de História da UEL, e se houve mudança em relação ao que apresentaram em suas narrativas enquanto alunos do primeiro ano, na pesquisa realizada em 2014, sendo esta pesquisa um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido com a orientação da Professora Maria de Fátima da Cunha, apresentado e entregue ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, intitulado *Narrativas de alunos do 1º e 4º ano do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina: um olhar sobre o curso (2014)*, disponível no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da universidade.

Apesar de utilizarmos os dados obtidos na referida pesquisa, nossa investigação não se trata de um estudo comparativo, tampouco segue a mesma análise realizada no TCC, o que nos propomos a desenvolver é verificar quais as ideias dos alunos acerca da história a partir do curso de história, ou seja, após quatro anos de formação em História, qual pensamento ou concepções históricas demonstram ter os alunos e futuros professores de história, levando em consideração os pressupostos do campo de pesquisas da Educação Histórica e as narrativas dos alunos no primeiro ano do curso.

Por se caracterizar como uma investigação sobre um curso de formação de professores, a fim de situar nossa pesquisa no contexto histórico e político/legislativo que envolve esse tema, entendemos que seja necessário traçar um breve panorama sobre a história da formação de professores no Brasil, bem como dos cursos de licenciatura, mais especificamente a licenciatura em História, e por fim, do curso de licenciatura em História da UEL. É nesse sentido que desenvolvemos o primeiro capítulo deste trabalho, intitulado “A formação de professores no Brasil: um breve panorama”.

No segundo capítulo “Educação Histórica: uma base coerente para uma história consciente” discorreremos sobre as questões teórico-metodológicas que envolvem nossa pesquisa, apresentando o campo da Educação Histórica e onde se situa nosso trabalho, os estudos acerca do pensamento histórico de alunos sobre os

quais nos pautamos, e os pressupostos da Teoria Fundamentada utilizada juntamente com os pressupostos da Educação Histórica para análise dos dados.

No terceiro e último capítulo “Narrativas em foco: o que pensam os futuros professores de História” apresentaremos o questionário elaborado para a pesquisa, o questionário da pesquisa de 2014 que foi levado em consideração, as narrativas dos alunos no primeiro e no quarto ano do curso, e a análise realizada.

CAPÍTULO 1. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL: UM BREVE PANORAMA.

A preocupação em preparar profissionais para a educação de forma institucionalizada no Brasil aparece após o processo de independência, no final do século XIX. Com o objetivo de construir a identidade de uma nação traçou-se um caminho para a instrução de seu povo, reflexo dos ideais da Revolução Francesa, o que desencadeou um processo de criação, reformas e consolidação de escolas para preparação de professores a partir da última década do século XIX, as chamadas Escolas Normais.

Segundo o autor Dermeval Saviani (2005), podemos dividir a história da formação docente no Brasil em três momentos importantes e decisivos, 1890 com a reforma da Escola Normal de São Paulo, 1932 com as reformas do ensino no Distrito Federal por Anísio Teixeira e depois em São Paulo por Fernando de Azevedo, e 1971 com a criação da habilitação de magistério na escola normal. A isso acrescentaríamos no que diz respeito, mais especificamente, ao ensino superior, a LDB de 1961, as legislações implantadas durante o regime militar no Brasil e a LDB de 1996.

Foi na reforma da escola de São Paulo, em 1890, que a História foi separada da Geografia nos estudos escolares. (REIS FILHO, 1995 apud SAVIANI, 2005, p.14), além dessa e de outras mudanças referentes às ciências, matemáticas, estudos da língua, artes, educação física, e ciências sociais; a criação da Escola-Modelo, como anexo a Escola Normal de São Paulo para exercícios práticos referentes aos conteúdos, serviu de referência para todo o país, educadores de outros estados brasileiros iam até São Paulo para aprender as novidades da Escola-Modelo, o que desencadeou...

> [...] um amplo processo de organização do campo educacional impulsionado pelo movimento renovador. De fato, a organização do campo educacional implicava a profissionalização da atividade dos educadores, de modo geral, e dos professores, em particular. E a profissionalização, por sua vez, implicava uma forma específica, o que se iniciou no século XIX com as tentativas intermitentes de criação de escolas normais para a formação de professores primários as quais vieram a adquirir alguma estabilidade no século XX. (SAVIANI, 2005, p.15-16).

Ainda que as Escolas Normais estivessem passando por reformas, se tornando um espaço de experimentação pedagógica, com novas cadeiras e professores, faltavam diretrizes básicas e fundamentação teórica. Portanto, em 1932 o movimento renovador leva Anísio Teixeira, então Diretor Geral de Instrução do Distrito Federal, a propor novas reformas. Nesse momento, acreditava-se nas então chamadas escolas-laboratórios para "basear a formação dos novos professores na experimentação pedagógica concebida em bases científicas" (SAVIANI, 2005, p.16).

Saviani aponta que, em sua gestão Anísio Teixeira desenvolveu um novo programa para as escolas normais, dividindo os cursos em três âmbitos: Cursos de fundamentos profissionais, Cursos específicos de conteúdo profissional e Cursos de integração profissional. O objetivo era que todos os cursos oferecidos nas escolas normais para formação de professores finalmente tivessem o que era necessário para a atuação no magistério, ou seja, tanto as matérias como a prática de ensino, preparando-os para a profissão. Esse programa se materializava com a constituição da Escola de Professores (antiga Escola Normal) e uma estrutura de atuação e apoio que contava com Jardim de Infância, Escola Primária e Escola Secundária, um Instituto de Pesquisas Educacionais, uma Biblioteca Central de Educação, Bibliotecas escolares, Filmoteca, Museus Escolares e Radiodifusão.

1.1. A criação das licenciaturas no Brasil

Com a criação da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, em 1935, a Escola de Professores mudou de nomenclatura para Escola de Educação e passou a ser parte da Universidade. Um ano antes em São Paulo o Instituto de Educação paulista também se integrava a então Universidade de São Paulo – USP, criada em 1934, onde cinco anos depois, em 1939 pela primeira vez no Brasil instituíram-se Cursos de Licenciatura e Cursos de Pedagogia, não só na USP como também na Universidade do Brasil. O objetivo dos Cursos de Licenciatura criados no Brasil a partir de 1939 era "formar professores para as disciplinas específicas que compunham os currículos das escolas secundárias" (SAVIANI, 2005, p.17).

A Universidade do Brasil ficou assim denominada durante o governo Vargas, antes disso se chamava Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920, que reuniu a Escola Politécnica (da antiga Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho), a Faculdade Nacional de Medicina (antiga Academia de Medicina e

Cirurgia) e a Faculdade Nacional de Direito, e posteriormente a Escola Nacional de Belas Artes, e a Faculdade Nacional de Filosofia. A Universidade do Rio de Janeiro foi muito importante na trajetória de implantação dos cursos de ensino superior no Brasil. O intuito na mudança de nomenclatura, entre outras mudanças estabelecidas durante o governo Vargas pela reforma promovida por Gustavo Capanema em 1937, era estabelecer a Universidade do Rio de Janeiro como um modelo para outras universidades no Brasil. A Universidade do Brasil ficou assim conhecida até 1965 quando passa a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, atual denominação da universidade.

Não podemos deixar de mencionar em 1912 a fundação da Universidade do Paraná, em Curitiba, que tem sua primeira tentativa de estabelecimento em 1892 e sua efetivação em dezembro de 1912. Porém, em 1915, com a reforma de Carlos Maximiliano, um decreto federal estabelecia que as instituições de ensino superior deveriam funcionar em locais com população superior a 100 mil habitantes, o que forçou a Universidade do Paraná, em 1918 a separar suas faculdades (de Direito, Engenharia e Medicina) para permanecerem em funcionamento ainda que sem o reconhecimento federal como uma instituição de ensino superior.

> Os diversos cursos existentes agruparam-se no interior dessas faculdades, e foram posteriormente reconhecidas pelo Governo Federal. A continuidade do funcionamento de todos os cursos é o caráter que dá à Universidade do Paraná a condição de mais antiga do país. A universidade jamais deixou de funcionar ou de lutar por sua restauração, podendo seu “desmembramento temporário” (mas sob uma única Direção) ser interpretado como uma mera estratégia para corresponder às exigências legais do momento. (PARANÁ, 2017)

A restauração da Universidade ocorreu em 1946, com o reconhecimento federal de Universidade do Paraná, e sua federalização foi em 1950, quando o governo federal oficializa por lei da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Em 1946 foi aprovado o decreto-lei que ficou conhecido como Lei Orgânica do Ensino Normal[5] que modificou o ensino normal dividindo-o em dois ciclos: Primeiro ciclo com quatro anos (ciclo ginasial) formava regentes para o ensino primário. Segundo ciclo com três anos (ciclo colegial) formava os professores do ensino primário, ambos funcionavam em Escolas Normais. Já nos Institutos de

[5] BRASIL, Decreto-lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Normal.

Educação funcionavam, por exemplo, cursos de especialização de professores primários, ensino supletivo, cursos para formação de diretores, orientadores e inspetores escolares. (SAVIANI, 2005, p.18).

Novos direcionamentos são traçados para a educação nacional brasileira com a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB 4.024/61 de 1961, que definia e regularizava o ensino primário, médio e superior em todo o país. Assim,

> [...] o sistema educacional brasileiro foi formulado pela primeira LDB de acordo com a seguinte terminologia: primeiro grau, constituído por escolas maternais, jardins de infância e ensino primário de quatro anos; grau médio, compreendendo dois ciclos, o ginasial de quatro anos que abrangia o secundário e os cursos técnico-industrial, agrícola e comercial, vindo depois o ciclo colegial de três anos, com as modalidades de clássico e científico que complementavam o secundário, bem como as formações que finalizavam o primeiro ciclo de natureza técnica, além do curso normal voltado para a formação de professores; e grau superior, compreendendo os cursos de graduação, pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento e extensão. (MARCHELLI, 2014, p.1483)

Prevista na Constituição de 1934 e regulamentada só em 1961 a LDB dispõe acerca da política educacional brasileira que, segundo seu artigo primeiro, nos princípios de liberdade e solidariedade a educação nacional teria como finalidade a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos grupos sociais; o fortalecimento da nação e a solidariedade internacional; o preparo do indivíduo e da sociedade para vencer as dificuldades do meio, entre outros. (BRASIL, 1961).

Essas determinações ainda mostram a influência dos ideais de liberdade e igualdade advindas da Revolução Francesa (estabelecendo direitos e deveres), também o intuito de construir uma nação, fruto do movimento de formação dos Estados nacionais (fortalecimento da nação), e estabelecendo um objetivo profissionalizante para a educação (preparo do indivíduo para vencer as dificuldades do meio). É claro que uma análise mais específica sobre a legislação e todo contexto político, social e internacional que estão envolvidos nas questões educacionais no século XX iria muito além daquilo que aqui enunciamos, mas esse não é o objetivo de nossa investigação, restringimo-nos a um breve panorama. Marchelli, que faz um estudo mais pormenorizado das circunstâncias que envolvem a aprovação da LDB de 1961 e seus desdobramentos, afirma de modo geral que,

> O período de formulação da LDB/1961 e sua tramitação política deu-se entre os anos de 1947 e 1961 à sombra de um exasperado conflito de interesses envolvendo por um lado os liberais escolanovistas que defendiam a escola pública e a centralização do processo educativo pela União e, por outro, os católicos cujo mote era a escola privada e a não interferência do estado nos negócios educacionais. No entanto, o poder de conciliação do regime liberal populista dentro do qual a LDB foi concebida e aprovada, que se instalou no país em 1945 com o fim da ditadura Vargas e perdurou até o golpe militar de 1964 soube conciliar muito bem os interesses em jogo. (MARCHELLI, 2014, p.1485)

No que diz respeito ao Ensino Superior, no Capítulo I da legislação, a partir do Artigo 66 até o Artigo 87, não são mencionados os cursos de licenciatura para formação de professores que foram instituídos no Brasil a partir de 1939 (o termo licenciatura vai aparecer na LDB de 1996, que veremos mais a frente), a legislação apenas determinou que,

> Art. 66. O ensino superior tem por objetivo a pesquisa, o desenvolvimento das ciências, letras e artes, e a formação de profissionais de nível universitário.
> Art. 67. O ensino superior será ministrado em estabelecimentos agrupados ou não em universidades, com a cooperação de institutos de pesquisa e centros de treinamento profissional.
> Art. 68. Os diplomas expedidos pelas universidades ou pelos estabelecimentos isolados de ensino superior oficiais, ou reconhecidos, serão válidos em todo o território nacional.
> Art. 69. Nos estabelecimentos de ensino superior podem ser ministrados os seguintes cursos:
> a) de graduação, abertos à matrícula de candidatos que hajam concluído o ciclo colegial ou equivalente, e obtido classificação em concurso de habilitação;
> b) de pós-graduação, abertos a matrícula de candidatos que hajam concluído o curso de graduação e obtido o respectivo diploma;
> c) de especialização, aperfeiçoamento e extensão, ou quaisquer outros, a juízo do respectivo instituto de ensino abertos a candidatos com o preparo e os requisitos que vierem a ser exigidos. (BRASIL, 1961)

O artigo 70 que determinaria o currículo mínimo e a duração dos cursos para obtenção de diploma e exercício da profissão liberal, fixados pelo Conselho Federal de Educação foi vetado. Não só este, mas vários outros artigos e parágrafos foram vetados nessa legislação, podemos levantar como hipótese que um dos motivos para isso talvez tenha sido a falta de clareza na elaboração de seu texto, Marchelli analisa as limitações da LDB de 1961 (2014) e afirma que de forma atrapalhada e “carecendo de esforços interpretativos para esclarecimento de

lacunas é que a LDB de 1961 ordena os princípios curriculares da educação brasileira" (MARCHIELLI, 2014, p.1483).

A identidade e o papel dos profissionais que se formariam em cursos de licenciatura no Brasil são tratados no documento de forma escassa e carente de definições mais específicas. A palavra licenciado aparece somente duas vezes, no Art. 63, que regulamenta a formação de orientadores de educação para o ensino médio, com um curso especial que deveria ser criado nas Faculdades de Filosofia, nos quais os licenciados em pedagogia, filosofia ou ciências sociais poderiam se inscrever, todos com estágio mínimo de três anos no magistério. E no Art. 117, onde trata da insuficiência de professores licenciados em faculdades de filosofia, e que neste caso uma habilitação para exercício do magistério serviria juntamente com um exame de suficiência, porém esse artigo foi vetado.

Outra observação que fizemos no documento da lei foi o fato da palavra professor aparecer 23 vezes no documento, sendo na maioria das vezes relacionada apenas a questões técnicas de seu ofício: no Art. 16 sobre a remuneração dos professores em estabelecimentos de ensino primário e médio que não pertencessem à União; no Art. 34 onde fica expresso que o ensino médio abrangeria cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário. No Art. 39, duas vezes, sobre avaliação do aluno; no Capítulo IV – Da Formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio, oito vezes. No capítulo do Ensino Superior, a palavra professor aparece cinco vezes, atribuindo ao professor a responsabilidade pela organização do programa de cada disciplina, sua freqüência, seu afastamento provisório, ou abandono de cargo e da nomeação de diretores pelo Presidente da República dentre os professores catedráticos efetivos em exercício. No Art. 93 sobre o aperfeiçoamento de professores, e mais cinco vezes nas Disposições Gerais e Transitórias.

Acerca dos Institutos de Educação, no Art. 55 fica determinado que além dos cursos de grau médio, poderão oferecer "cursos de especialização [...] e de aperfeiçoamento, abertos aos graduados em escolas normais de grau colegial" (BRASIL, 1961). A formação de professores para o ensino primário continuaria a cargo das escolas normais, conforme Art. 53; e a formação de professores para o ensino médio seria feita nas faculdades, conforme Art. 59.

> Art. 53. A formação de docentes para o ensino primário far-se-á:

> a) em escola normal de grau ginasial no mínimo de quatro séries anuais onde além das disciplinas obrigatórias do curso secundário ginasial será ministrada preparação pedagógica;
> b) em escola normal de grau colegial, de três séries anuais, no mínimo, em prosseguimento ao vetado grau ginasial.
>
> Art. 59. A formação de professores para o ensino médio será feita nas faculdades de filosofia, ciências e letras e a de professores de disciplinas específicas de ensino médio técnico em cursos especiais de educação técnica.
> Parágrafo único. Nos institutos de educação poderão funcionar cursos de formação de professores para o ensino normal, dentro das normas estabelecidas para os cursos pedagógicos das faculdades de filosofia, ciências e letras. (BRASIL, 1961)

Com o golpe militar de 1964 o campo de formação de professores no Brasil passa novamente por reformas que mudam o curso da história no âmbito educacional. Em novembro de 1968 o ensino superior no Brasil já sofre uma reformulação com nova legislação, a Lei n.5.540/68[6] que fixa as normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola, entre outras providências.

Podemos dizer que a tônica da reforma universitária de 1968 do governo militar era “a necessidade de disciplinar a vida acadêmica, coibindo o protesto, reforçando a hierarquia e a autoridade” (GERMANO, 1994, p.117), o que segundo o autor fica claro nas recomendações explícitas em um relatório fruto de acordos do MEC com agências do governo norte americano que formavam parcerias para pensar em realizar mudança na educação brasileira já desde 1966. Além disso, “a importância de racionalizar a universidade, organizando-a em moldes empresariais, privilegiando, assim, a questão da privatização do ensino” (GERMANO, 1994, p.117) também estava presente nesse momento. Dessa forma,

> A reforma, entendida não somente nos estritos limites da Lei nº 5.540/68 e do Decreto-lei nº 464/69, mas abrangendo também o conjunto de discursos e práticas adotados pelo Estado para redirecionar o sistema educacional, implicou a incorporação de duas dimensões essenciais à preservação da dominação política existente: restauração e, ao mesmo tempo, renovação (Gramsci, 1977). Restauração, porque, ao se revestir de legalidade, possibilitou o completo aniquilamento, por parte do Estado de Segurança

[6] BRASIL, Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 28 nov. 1968.

> Nacional, do movimento social e político dos estudantes e de outros setores da sociedade civil. A ordem foi restabelecida mediante a centralização das decisões pelo Executivo, transformando a autonomia universitária em mera ficção, bem como pelo uso e abuso da repressão político-ideológica. A institucionalização das triagens ideológicas, a cassação de professores e alunos, a censura ao ensino, a subordinação direta dos reitores ao Presidente da República, as intervenções militares em instituições universitárias, o Decreto-lei 477/69 como extensão do AI-5 ao âmbito específico da educação e a criação de uma verdadeira polícia-política no interior das universidades, corporificada nas denominadas Assessorias de Segurança e Informações (ASI), atestam o avassalador controle exercido pelo Estado Militar sobre o ensino. (GERMANO, 1994, p.133)

Em 1969 o decreto-lei n. 547[7] autoriza os cursos profissionais superiores de curta duração, uma manobra amparada pelo Ato Institucional nº 5. (FONSECA, 1993, p.26), como podemos ver no texto do decreto.

> O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o § 1º, do artigo 2º, do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1969, DECRETA:
> Art. 1º As Escolas Técnicas Federais mantidas pelo Ministério da Educação e Cultura poderão ser autorizadas a organizar e manter cursos de curta duração, destinados a proporcionar formação profissional básica de nível superior e correspondente às necessidades e características dos mercados de trabalho regional e nacional.
> Art. 2º As condições de funcionamento dos cursos serão examinadas, em cada caso, pelo Conselho Federal de Educação, devendo os mesmos ser disciplinados nos regimentos de cada unidade escolar.
> Art. 3º Os diplomas dos cursos de que trata êste Decreto-lei serão registrados na forma prescrita no § 1º, do artigo 27, da Lei nº 5.540, de 20 de novembro de 1968, importando em capacitação para o exercício profissional na área abrangida pelo currículo de cada curso, e terão validade em todo o território nacional.
> Art. 4º Êste Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
> Brasília, 18 de abril de 1969; 148º da Independência e 81º da República.
> A. COSTA E SILVA
> Tarso Dutra (BRASIL, 1969).

A preocupação em reformar o sistema educacional brasileiro para o mercado de trabalho causou grande prejuízo, a criação de cursos de curta duração é

[7] BRASIL, Decreto-lei nº 547, de 18 de Abril de 1969. Autoriza a organização e o funcionamento de cursos profissionais superiores de curta duração. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, 18 abr. 1969.

apenas um reflexo disso, o que implicou em profissionais mais técnicos que atendessem as demandas do mercado, pois “numa sociedade cujo modo de produção é regido pela lógica do capital – preparar a força de trabalho para o mercado (de trabalho) traz dificuldades praticamente insuperáveis para o sistema educacional.” (GERMANO, 1994, p.141).

E em 1971 com a Lei n. 5.692[8] o ensino primário e ensino médio passam a ser primeiro grau e segundo grau, modificando o que tinha sido definido em 1946 com a Lei Orgânica do Ensino Normal. A partir desse momento o curso primário de quatro anos seguido do curso secundário (ou médio), que era subdividido em ginásio com quatro anos e colegial com três anos, foi substituído por uma nova organização: ensino de primeiro grau, com duração de oito anos, e um segundo grau, com duração de três ou quatro anos.

> Em lugar de um ensino médio subdividido horizontalmente em ramos, instituiu-se um curso de segundo grau unificado, **de caráter profissionalizante**, albergando, ao menos como possibilidade, um leque de habilitações profissionais. Em decorrência dessa nova estrutura desapareceram as Escolas Normais. (SAVIANI, 2005, p.18 -19, grifo nosso).

Em decorrência disso as Escolas Normais foram extintas e substituídas pela Habilitação Específica de 2º grau para o exercício do magistério de 1º grau (HEM), o que segundo Saviani descaracterizou e prejudicou a formação docente no Brasil. (SAVIANI, 2005, p.19). A esse respeito, a lei 5.692/71 determinou, conforme artigo 30 que a formação mínima para exercício do magistério no ensino de todo 1º e 2º grau, seria licenciatura plena; no ensino de 1ª a 8ª série poderia ser uma “habilitação de grau superior, ao nível de graduação, representado por licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração”; e no ensino de 1ª à 4ª série seria exigido a “habilitação específica de 2º grau” (HEM).

> [...] a formação de professores e especialistas para o ensino de 1º e 2º graus implicaria níveis distintos, com elevação progressiva, conforme especificado no artigo 30 [...] (SAVIANI, 2005, p.19).

No entanto, em nível de pós-graduação “a política governamental deu prioridade à pesquisa tecnológica – em geral adaptativa de tecnologia importada –

[8] BRASIL, Lei n. 5.692, de 11 de Agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 11 ag. 1971.

em detrimento do ensino de pós-graduação e da pesquisa fundamental, de grande relevância, a longo prazo, para reduzir a dependência científica e tecnológica do país" (GERMANO, 1994, p.147). Sem incentivo ou reconhecimento e com uma visão empresarial da educação, além da repressão exercida pelo regime militar, sobretudo às ciências humanas, as instituições públicas eram execradas, enquanto instituições particulares surgiam sem que houvesse uma preocupação com o desenvolvimento social do país para um futuro de crescimento intelectual e maior independência com relação a influências estrangeiras.

> As licenciaturas curtas vêm acentuar ou mesmo institucionalizar a desvalorização e a consequente proletarização do profissional da educação. Isto acelera a crescente perda de autonomia do professor frente ao processo ensino/aprendizagem na medida em que a sua preparação para o exercício das atividades docentes é mínima ou quase nenhuma [...] Assim, as licenciaturas curtas cumprem o papel de legitimar o controle técnico e as novas relações de dominação no interior das escolas. (FONSECA, 1993, p.27)

Foi na reforma de 71 que os chamados "Estudos Sociais" foram instituídos nas escolas, juntando as matérias de História e Geografia em uma disciplina só no curso de 1º grau, o que gerou a implantação de cursos de curta duração em Estudos Sociais nas universidades públicas e faculdades particulares com um currículo que abrangia História, Geografia, Ciências Sociais, Filosofia, Ciência Política entre outras, em um período de 1.200 horas, ou seja, um ano e meio, assim "começa a ser formada a nova geração de professores polivalentes, e neles o principal objetivo é a descaracterização das Ciências Humanas [...] transmitidas como um mosaico de conhecimentos gerais e superficiais da realidade social." (FONSECA, 1993, p.27).

A ditadura militar acaba em 1985 com a eleição de Tancredo Neves, que morreu antes de assumir o seu mandato, sendo ocupado pelo seu vice José Sarney que assume e permanece até 1990 quando Fernando Collor é eleito por voto direto, o que não dura muito já sofre um impeachment e perde a presidência da República em 1992 por ter sido acusado de corrupção. De 1992 até o início de 1995, Itamar Augusto Cautiero Franco assume a presidência e, em 1995, Fernando Henrique Cardoso é eleito e fica por dois mandatos até 2002. São muitos os episódios políticos que ocorrem nesse período, dentre os quais a promulgação da nova Constituição Brasileira em 1988, em vigor até hoje.

É também em 1988 na tentativa de reverter a situação insuficiente da formação docente gerada pelo desmantelamento das licenciaturas plenas com a visão de uma educação que fosse útil para o mercado de trabalho, que foi criado pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo os CEFAMs – Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (PETRUCI, 1994, p,9), mais uma ação remendada do governo que em nada mudou o descrédito dos profissionais da educação. Sobre isso, a autora Maria das Graças Ribeiro Moreira Petruci, professora do Departamento de Educação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social da UNESP de Franca, em trabalho apresentado no I Congresso Internacional De Formação De Professores, realizado em Aveiro, Portugal, em 1993, diz o seguinte:

> O Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), ao assegurar condições burocráticas, materiais e de orientação próprias e diferenciadas daquelas que regem a Habilitação Específica do Magistério (HEM), não garante automaticamente o sucesso de uma nova política de formação e aperfeiçoamento de educadores. (PETRUCI, 1994, p.12).

E conclui,

> [...] é preciso ter em mente que os problemas relacionados à carreira do magistério não se resolvem apenas com a implementação de uma política adequada de formação de profissionais da educação. Esta deve ser acompanhada, por exemplo, de medidas de valorização desses profissionais, caso contrário estaremos formando professores competentes que, entretanto, não se sentirão motivados a trabalhar no campo de atuação para o qual se preparam. Tanto que grande porcentagem de alunos do CEFAM de Franca descarta a possibilidade de vir a exercer o magistério nas séries iniciais do 1º grau. Nada mais compreensível, tendo em vista que a desvalorização da carreira do magistério chegou a tal ponto que uma aluna referiu em entrevista, a seguinte observação, a ela dirigida por um profissional do ensino: "tão inteligente e fazendo magistério?" (PETRUCI, 1994, p.20).

Voltemos novamente a um ponto que merece melhor atenção em nossa pesquisa, a reforma universitária de 1971, mais especificamente em seus desdobramentos para o ensino de História no Brasil. Para isso faremos no item subsequente um breve panorama histórico desde a criação do primeiro curso superior de História no Brasil para abordarmos as consequências das mudanças ocorridas durante o regime militar até a nova LDB de 1996.

1.2. A licenciatura de História no Brasil

Segundo as autoras Norma Lucia da Silva e Marieta de Moraes Ferreira (2011) em artigo publicado na Revista História & Ensino da UEL, os primeiros cursos de História no ensino superior no Brasil foram abertos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1934, e na Universidade do Distrito Federal (UDF) no ano seguinte, 1935, sendo nesta oferecido separado da Geografia, uma exceção à regra durante toda primeira metade do século XX. "Somente a partir de 1955, com a Lei 2.594[9], esses cursos se tornaram independentes" (DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p.286).

Nesse período o intuito era formar uma elite intelectualizada no Brasil para assumir cargos públicos, instituir um sistema educacional mais amplo e desvinculado da igreja, controlado pelo Estado, que passou a empreender diversas reformas na educação brasileira e a criação de órgãos estatais como o Ministério da Educação e Saúde Pública para gerir o funcionamento desse sistema.

> Francisco Campos (1891-1968) preocupou-se principalmente com os ensinos superior e secundário, preconizando que este último deveria ser implantado em outras bases, deixando de ser um mero curso preparatório para o ingresso no ensino superior. Os decretos 19.890, de 18/04/1931, e 21.241, de 04/04/1932, estabeleciam para esse nível de ensino um currículo seriado, com frequência obrigatória, em dois ciclos: um fundamental de cinco anos e outro complementar de dois anos (Idem). A Reforma Francisco Campos, como ficou conhecida, criou, ainda, o Conselho Nacional de Educação (Decreto 19.850, de 11/04/1931); a regulamentação do ensino superior (Decreto 19.851, de 11/04/1931); e a organização da Universidade do Rio de Janeiro (Decreto 19.852, de 11/04/1931). (ROMANELLI, 2009). Buscava-se, com isso, estabelecer as bases do sistema universitário brasileiro. (DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p. 287).

Além das reformas de Francisco Campos, Gustavo Capanema que assumiu o Ministério da Educação e Saúde de 1934 a 1945, também empreendeu muitas transformações na educação brasileira, dentre as quais o Plano Nacional de Educação de 1937, que, no que diz respeito ao ensino superior, por exemplo, deu ao "Conselho Nacional de Educação o direito de autorizar e regular a criação de universidades, além de controlar a autonomia 'administrativa, didática e disciplinar'"

[9] BRASIL, Lei nº 2.594, de 08 de setembro de 1955. Dispõe sobre o desdobramento dos Cursos de Geografia e História nas Faculdades de Filosofia.

(DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p. 288), estabeleceu uma divisão entre professores “catedráticos, contratados, livres-docentes e auxiliares” (DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p. 288) e um conteúdo mínimo a ser ofertado nos cursos. Mas, segundo as autoras a principal mudança em relação à reforma do ministro Francisco Campos foi estabelecer o agrupamento físico dos institutos e faculdades, um *campus* de integração.

Com a criação da USP em 1934 já segundo as reformas de Capanema, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi a ela integrada, agregando vários cursos de licenciatura, dentre eles o curso de licenciatura em Geografia e História, disciplinas que ainda eram vinculadas e tinham a incumbência de “preparar professores para todos os níveis de ensino, de cuidar da história do país, da sua diversidade étnica e linguística, ainda pouco conhecidas” (DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p. 290). O curso tinha duração de três anos com o seguinte currículo:

Ano	**Primeiro**	**Segundo**	**Terceiro**
Disciplinas	Geografia	Geografia	Geografia
	História da Civilização	História da Civilização	História da Civilização Brasileira
	Etnologia Brasileira e Noções de Tupi-guarani.	Tupi-guarani	História da Civilização
		História da Civilização Americana (inclusive pré-história).	Tupi-guarani

Fonte: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1934-1935, 1937*. (ROIZ, 2004, p. 68 apud DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p. 290).

Cinco anos depois, em 1939, esse currículo foi modificado devido ao Decreto Federal nº 1.190 de 04 de Abril de 1939, “seu artigo 14 tratava da organização do curso de Geografia e História, que deveria ser oferecido em três anos” com uma nova série de disciplinas que incluiu em 1942 o curso de Didática com novas disciplinas de formação pedagógica (DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p. 290-291), os alunos concluintes dos três anos obtinham diploma de Bacharel, e os que optassem por seguir mais um ano obtinham também diploma de Licenciado, dessa forma o currículo ficou assim organizado:

Ano	Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto
Disciplinas	Geografia Física	Geografia Física	Geografia do Brasil	Didática Geral
	Geografia Humana	Geografia Humana	História da Civilização Contemporânea	Didática Especial
	Antropologia	História da Civilização Moderna	História da Civilização Brasileira	Psicologia Educacional
	História da Civilização Antiga e Medieval	História da Civilização Brasileira	História da Civilização Americana	Administração Escolar e Educação Comparada
	Elementos de Geologia	Etnografia	Etnografia do Brasil e Língua Tupi-guarani	Fundamentos Biológicos da Educação
				Fundamentos Sociológicos da Educação

Fonte: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1939-1949, 1953.* (ROIZ, 2004, p. 86 apud DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p.291).

Foi então em 1955 com a Lei nº 2.594 que os cursos de História e Geografia tornaram-se cursos independentes, o que no ano seguinte em 1956 gerou nova estrutura curricular na USP, e o curso de História ficou organizado da seguinte forma:

Ano	Primeiro	Segundo	Terceiro	Quarto
Disciplinas	Introdução aos Estudos Históricos	História da Civilização Moderna	História da Civilização Contemporânea	
	História da Civilização Antiga	História da Civilização Brasileira	História da Civilização Brasileira	
	História da Civilização Medieval	História da Civilização Americana	História da Civilização Americana	
	Antropologia	Etnografia Geral	Etnografia do Brasil e Noções de Tupi-guarani	
	Geografia	História da Civilização Ibérica	Disciplina Optativa	
		Disciplina		

		Optativa		

Fonte: *Revista de História. São Paulo/USP, 12 (25): 285-86, jan./mar. 1956. (ROIZ, 2004, p. 94* apud DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p.293).

Dessa forma, no quarto ano os alunos podiam escolher “duas ou três cadeiras dos cursos da Faculdade de Filosofia para obtenção do diploma de Bacharel” (DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p. 293) ou os cursos de formação pedagógica para o diploma de Licenciado.

Já na Universidade do Distrito Federal (UDF) o curso de História criado em 1935 já era um curso separado do curso de Geografia, com três anos de duração, organizado sob três eixos, Cursos de Conteúdo, de Fundamento e de Integração Profissional. Um curso de História com ênfase na formação pedagógica do professor, porém em 1937 o curso foi reestruturado e passou a oferecer mais disciplinas de conteúdo ao invés das disciplinas de fundamento. Nesse mesmo ano a UDF foi fechada, seus cursos foram integrados à Universidade do Brasil (UB) em 1939, e o curso de História foi aglutinado ao curso de Geografia. Assim,

> O novo curso, agora de Geografia e História, foi organizado em três anos em 1939, sendo ampliado para quatro anos em 1946. As disciplinas deixaram de ser denominadas História da Civilização no Brasil e História da Civilização na América para serem chamadas de História do Brasil e História da América, fato que revela uma orientação do governo Vargas de valorizar a história política nacional com a exaltação dos grandes personagens da memória nacional, o que contrariava aquela preocupação internacional de não instigar nacionalismos exacerbados. Além disso, o novo curso separava as disciplinas de formação pedagógica (concentradas na Faculdade de Educação), que poderiam ser cursadas após a conclusão das disciplinas específicas, dando aos alunos, assim como na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, duas opções de formação: o Bacharelado e a Licenciatura. (DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p.297).

Segundo as autoras (DA SILVA; DE MORAIS, 2011, p.298) essa concepção de História da valorização nacional se sobrepondo a uma formação de história social da civilização, e esse tipo de currículo organizados na USP e na Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras (FNFi) da UB permaneceriam por muito tempo, pois serviram de modelo para outros cursos criados no país naquele período.

1.3. O curso de licenciatura em História na UEL

O curso de História na Universidade Estadual de Londrina[10] começou em 1958 apenas com habilitação em Bacharelado, somente em 1960 deu início com a habilitação em Licenciatura, porém, em 1970 sofreu mudanças decorrentes do golpe militar[11], um período marcado por censura, repressão e intervenção estatal na economia e educação. Conforme texto disponível no site da Universidade Estadual de Londrina, na página do curso de História, "entre 1970 e 1980, diante das exigências de adaptação às reformas no ensino, (o curso de História) foi substituído pelo curso de Ciências Sociais" (HISTÓRIA, 2017).

Somente após 1980, com o movimento de redemocratização no país, o curso de História aos poucos foi retomando sua organização e independência curricular. Atualmente, o curso tem por objetivo formar o profissional de História enquanto professor e pesquisador, oferecendo curso de graduação (habilitação em licenciatura) com duração de quatro anos, nos períodos matutino ou noturno, com oitenta vagas disponíveis por ano.

Segundo apresentação na página do departamento de História no site da universidade, atualizado em janeiro de 2017, o curso conta com 32 (trinta e dois) membros efetivos, dentre os quais 31 (trinta e um) Doutores e 01 (um) Mestre, distribuídos entre as diversas áreas de estudo da História, desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão. As áreas de conhecimento específico nas quais os professores estão distribuídos, segundo regimento interno do departamento, são seis: História Antiga e Medieval; História Moderna e Contemporânea; História da América; História do Brasil; Teoria e Metodologia da História; e Metodologia e Prática do Ensino de História.

O corpo docente efetivo do curso, segundo dados atualizados em Julho de 2017, é formado pelos seguintes Professores Doutores em História: Prof. Dr. Alberto Gawryszewski; Prof. Dr. Alfredo Dos Santos Oliva; Prof. Dr. André Lopes Ferreira; Profa. Dra. Angelita Marques Visalli; Profa. Dra. Celia Regina Da Silveira;

[10] Página do Curso de História da UEL disponível em <www.uel.br/cch/his/>.

[11] O golpe militar foi um golpe de Estado ocorrido no Brasil em 1964, no qual as forças armadas brasileiras retiraram do governo o presidente João Goulart, que havia sido democraticamente eleito. Este episódio levou ao fim do regime democrático no Brasil e a instauração de um regime militar ditatorial marcado pela censura e forte repressão política, que se estendeu até 1985.

Prof. Dr. Jose Miguel Arias Neto; Prof. Dr. Marcio Santos De Santana; Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares; Profa. Dra. Monica Selvatici; Prof. Dr. Oigres Leici Cordeiro De Macedo; Profa. Dra. Patricia De Castro Santos; Prof. Dr. Richard Gonçalves André; Prof. Dr. Rivail Carvalho Rolim; Prof. Dr. Rogerio Ivano; Profa. Dra. Silvia Cristina Martins De Souza; Profa. Dra. Sylvia Ewel Lenz; Prof. Dr. Wander De Lara Proença; Prof. Dr. Cristiano Gustavo Biazzo Simon; Profa. Dra. Maria De Fatima Da Cunha. Também a Professora Mestre Deise Maia e a Especialista em História a Profa. Silvana Araujo Silva.

Em caráter temporário o curso de História contou até o fim do ano de 2017 com os seguintes professores: Prof. Especialista Antonio Aparecido De Almeida; Prof. Mrs. Barthon Favatto Suzano Junior; Prof. Mrs. Erica Da Silva Xavier Gonçalves; Profa. Mrs. Helena Ragusa Granado; Prof. Dr. Luis Henrique Menezes Fernandes; Prof. Dr. Lukas Gabriel Grzybowski; Profa. Dra. Maria Ilza Zirondi. Na secretaria, as profissionais que atuam na administração técnica do Colegiado do curso, e do Departamento do curso são, respectivamente, Celina Aparecida Negrão, e Neobi Fumiko Kayano, mencioná-las aqui é registrar a importância do seu papel no bom funcionamento do curso, em especial pela atenção e zelo que dedicam aos alunos e professores.

O curso de História na UEL oferece Curso de Especialização em História Social e Ensino de História desde 1993, Curso de Especialização em Patrimônio e História criado em 2011, e Curso de Especialização em Religiões e Religiosidades, também a partir de 2011, todos com duração de dois períodos letivos. Em nível de pós-graduação Stricto Sensu é oferecido o curso de Mestrado em História Social que iniciou suas atividades na UEL em 2007, tendo as seguintes linhas de pesquisa: Práticas Culturais, Memória e Imagem; Territórios do Político; História e Linguagens; e a linha de pesquisa em História e Ensino.

O departamento do curso conta ainda com quatro laboratórios de estudo, o Laboratório de Ensino de História (LABHIS) e o Laboratório de Estudos dos Domínios da Imagem (LEDI), Laboratório de Estudos sobre as Religiões e Religiosidades (LERR), e o Laboratório sobre Estudo na América Latina (LEAL), além do Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH), e o Museu Histórico "Pe. CARLOS WEISS", este localizado no centro da cidade de Londrina, no qual realiza-se muitas atividades de pesquisa e extensão, diversos projetos e

eventos, um vínculo essencial para os estudantes do curso, futuros profissionais da História.

O Curso de Graduação em História (Habilitação Licenciatura), da Universidade Estadual de Londrina, está estruturado por um sistema acadêmico por crédito semestral, com duração média de 08 semestres, e máxima de 16 semestres. No total são 45 disciplinas obrigatórias e 04 optativas, também obrigatórias. Devem ser cumpridas 180 horas de disciplinas optativas, correspondentes a 12 créditos, e 204 horas em Atividades Acadêmicas Complementares, podendo ser em Monitoria Acadêmica; Projetos de Pesquisa em Ensino, Extensão e Integrados; Programas de Extensão e de Formação complementar no ensino de graduação; Disciplinas Especiais; Cursos de Extensão; Eventos Acadêmicos; Estágios curriculares não obrigatórios; Disciplinas Eletivas; e Disciplinas optativas cursadas além do mínimo exigido; o que resulta em uma carga horária total de 2.884 horas. Para a aprovação o estudante precisa obter média final igual ou superior a 6,0 e no mínimo 75% de frequência em todas as disciplinas, bem como cumprir todos os requisitos estabelecidos no currículo.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do Curso de História, Deliberação n.20, de 2011 (PPPH, UEL. 2011), foi estabelecido adequações curriculares no curso de Graduação em História, currículo 2010, que passou a vigorar a partir do ano letivo de 2012, aumentando a carga horária total da disciplina de Língua Brasileira de Sinais – Libras, de trinta para 60 horas, restringindo a carga horária da disciplina Optativa II do 5º Semestre, de sessenta para 30 horas, e alterando a carga horária em disciplinas optativas a ser cumprida pelos estudantes, de 210 horas para 180 horas no total. Estas alterações foram estabelecidas pela Câmara de Graduação, assinada pelo então Pró-Reitor de Graduação, Prof. Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos no dia 20 de setembro de 2011.

Com estas adequações, a estrutura curricular do curso de História da UEL está hoje organizada da seguinte forma:

1º SEMESTRE:

Código	Nome	Crédito	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	TOTAL
1HIS740	Introdução à História	4	60	0	60

1HIS741	História Antiga I	4	60	0	60
1HIS742	História Medieval I	4	60	0	60
1HIS743	História da América I	4	60	0	60
1SOC727	Antropologia e História	4	60	0	60
	TOTAL		**300**	**0**	**300**

(

2º SEMESTRE:

Código	Nome	Crédito	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	TOTAL
1GEO702	Noções Geográficas para a História	4	60	0	60
1HIS744	História do Brasil I	4	60	0	60
1HIS745	História Moderna I	4	60	0	60
1HIS746	História Medieval II	2	30	0	30
1HIS747	História Antiga II	2	30	0	30
1HIS748	Didática da História	4	60	0	60
	TOTAL		**300**	**0**	**300**

3º SEMESTRE:

Código	Nome	Crédito	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	TOTAL
1HIS749	Cultura Afro Brasileira	4	60	0	60
1HIS750	História Moderna II	4	60	0	60
1HIS751	História do Brasil II	4	60	0	60
1HIS752	Teoria da História I	4	60	0	60
1HIS753	História Contemporânea I	4	60	0	60
	TOTAL		**300**	**0**	**300**

4º SEMESTRE:

Código	Nome	Crédito	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	TOTAL
1HIS754	História da América II	4	60	0	60

1HIS755	História do Brasil III	4	60	0	60
1HIS756	História Contemporânea II	4	60	0	60
1PEP702	Psicologia da Criança e do Adolescente	4	30	30	60
	Optativa I	4	60	0	60
	TOTAL		**270**	**30**	**300**

5º SEMESTRE:

Código	Nome	Crédito	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	TOTAL
1EST170	Estágio Supervisionado I	0	0	100	100
1HIS757	História do Brasil IV	4	60	0	60
1HIS758	História da América III	4	60	0	60
1HIS759	Metodologia e Prática de Ensino de História I	4	60	0	60
1HIS760	Teoria da História II	4	60	0	60
1LET093	Língua Brasileira de Sinais	4	30	30	60
	TOTAL		**270**	**130**	**400**

6º SEMESTRE:

Código	Nome	Crédito	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	TOTAL
1EST171	Estágio Supervisionado II		0	100	100
1HIS761	Metodologia da Pesquisa Histórica I	4	60	0	60
1HIS762	Tópicos de Ensino de História da América	2	0	30	30
1HIS763	Tópicos de Ensino de História do Brasil	2	0	30	30
1HIS764	Tópicos de Ensino de História Antiga	2	0	30	30
1HIS765	Tópicos de Ensino de História Medieval	2	0	30	30
1HIS766	Metodologia e Prática de Ensino de História II	2	15	15	30

1SOC728	Ciência Política e História	4	60	0	60
1TCC705	Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso I	2	30	0	30
	Optativa II	4	30	0	30
	TOTAL		**195**	**235**	**430**

7º SEMESTRE:

Código	Nome	Crédito	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	TOTAL
1EST172	Estágio Supervisionado III		0	100	100
1HIS767	Tópicos de Ensino de História Moderna	2	30	0	30
1HIS768	Tópicos de Ensino de História Contemporânea	2	30	0	30
1HIS769	Metodologia e Prática de Ensino de História III	4	30	30	60
1HIS770	Metodologia da Pesquisa Histórica II	4	60	0	60
1LET702	História e Estudos Linguísticos	4	60	0	60
	Optativa III	4	60	0	60
	TOTAL		**210**	**190**	**400**

8º SEMESTRE:

Código	Nome	Crédito	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	TOTAL
1EST173	Estágio Supervisionado IV		0	100	100
1HIS771	Metodologia da Pesquisa Histórica III	4	60	0	60
1HIS772	Metodologia e Prática de Ensino de História IV	2	15	15	30
1TCC705	Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso II	2	30	0	30

	Optativa IV	2	30	0	30
	TOTAL		**300**	**0**	**300**

O estágio curricular, segundo o Regulamento de Estágio Curricular do Curso de História, é um conjunto de atividades que integram o currículo de graduação e contribui para a formação acadêmica do estudante, sob a responsabilidade da coordenação de estágio, através das disciplinas de Metodologia e Prática de Ensino de História, e Estágio Supervisionado.

O estágio tem por finalidade vincular ensino, pesquisa e extensão; orientando o estudante na elaboração do conhecimento histórico para aplicação destes conhecimentos em sala de aula. Possibilita ao estagiário vivenciar situações de Ensino Fundamental e Médio, conforme Art. 4º do regulamento, contribuindo para o "desenvolvimento de habilidades necessárias à prática educativa e profissional" (REGULAMENTO, 2018, Art.4º, inciso III, p. 01). Como objetivos específicos do estágio estão: "I - caracterização da realidade educacional dos campos de estágio; II - planejamento, execução e avaliação do processo ensino-aprendizagem de cada área; III - avaliação das atividades de Prática de Ensino" (REGULAMENTO, 2018, Art.4º, inciso III, p. 01).

Quanto à carga horária, o regulamento estabelece a carga horária teórica e prática do estágio prevista na grade curricular do Curso de História, sendo um total de 400 horas para a Disciplina de Estágio Supervisionado I, II, III e IV, e 180 horas para a Disciplina de Metodologia e Prática de Ensino de História I, II, III, e IV, sob o critério de cada coordenador e supervisor de estágio que distribui as atividades de observação, participação, orientação, planejamento, regência e execução de projeto de ensino e atividades extraclasse.

O regulamento também estabelece que no mínimo 50% (cinquenta por cento) da carga horária prática do estágio deve ser realizada em atuação direta com alunos na escola. A prática do estágio nos ensinos fundamental e médio do curso de História da UEL é realizada no Colégio Estadual Professor José Aloísio de Aragão (Colégio de Aplicação), ou nas escolas conveniadas.

As atividades a serem desenvolvidas no estágio segundo regulamento são: observação do contexto sócio-histórico da escola; observação das aulas; participação das aulas; planejamento de regência ou elaboração do plano de aula ou

projeto de ensino; regência de classe ou execução de projeto de ensino; e atividades extraclasse.

> §1º Entende-se por observação da escola, atividades nas quais o estagiário toma conhecimento da estrutura, funcionamento e recursos, bem como da clientela da escola na qual realiza o estágio.
> §2º Entende-se por observação de aula, atividades nas quais o estagiário presencia a atuação didático-pedagógica do professor regente anotando as diversas características dessa atuação.
> §3º Entende-se por participação nas aulas as atividades nas quais o estagiário atua juntamente com o professor titular em trabalhos de sala de aula como:
> I - exposição de assuntos à classe;
> II - estudos dirigidos;
> III - orientação de grupos de estudos;
> IV - direção e participação em discussões, debates, pesquisas;
> V - aplicação de testes, exercícios, provas;
> VI - outras atividades apropriadas, desde que sugeridas e/ou autorizadas pelo professor da turma.
> §4º Entende-se por regência de classe e projeto de ensino a atividade em que o estagiário ministra aulas na turma em que está estagiando.
> §5º Entende-se por atividades extraclasses:
> I - planejamento geral do estágio e da regência de classe ou elaboração de projeto de ensino;
> II - elaboração de questões de avaliação;
> III - verificação e correção de trabalhos;
> IV - confecção de material didático;
> V - planejamento e direção de visitas, excursões, concursos, festivais, exposições, maratonas, clubes, jornais, jograis e outras atividades apropriadas, desde que autorizadas pelo supervisor de estágio;
> VI - atividades de treinamento com os próprios colegas sob a orientação e direção do professor de metodologia. (REGULAMENTO, 2018, p. 03 - 04)

É responsabilidade de o estagiário cumprir suas atribuições conforme estabelecido no regulamento (REGULAMENTO, 2018, p.05), tais como: registrar todas as atividades de estágio; entregar relatório final; informar-se junto ao professor supervisor, de todas as atividades desenvolvidas para o cumprimento integral do estágio; comprovar a realização das atividades através de lista de frequência assinada pelo professor titular da classe e/ou pelo professor supervisor de estágio; apresentar planejamento de conteúdo e das atividades didáticas para análise e acompanhamento; assumir a regência de classe na presença do supervisor.

O objetivo do curso de licenciatura em História é a “formação integral do profissional da área de História como professor e pesquisador, isto é, como agente de transformação da sociedade brasileira a partir do trabalho em sua especialidade

[...]” (PROGRAD, 2017), podendo atuar em escolas públicas e privadas, universidades, museus, instituições e arquivos oficiais, editoras, bibliotecas e empresas. Para obter o grau de Licenciado em História,

> Espera-se que o graduado em História na UEL detenha as seguintes competências e habilidades: domínio das diferentes concepções metodológicas que referenciam a construção de categorias para a investigação e a análise das relações sócio-históricas; capacidade de problematizar, nas múltiplas dimensões das experiências dos sujeitos históricos, a constituição de diferentes relações de tempo e espaço; conhecimento das interpretações propostas pelas principais escolas historiográficas, de modo a distinguir diferentes narrativas, metodologias e teorias; capacidade de, transitando pelas fronteiras entre a História e outras áreas do conhecimento, demarcar seus campos específicos e, sobretudo, de qualificar o que é próprio do conhecimento histórico; desenvolvimento da pesquisa, da produção do conhecimento e sua difusão não só no âmbito acadêmico, mas também em instituições de ensino, em órgãos de preservação de documentos e no desenvolvimento de políticas e projetos de gestão do patrimônio cultural. (PROGRAD, 2017).

Observado os objetivos do curso descritos acima, podemos apontar algumas dificuldades expressas nas narrativas dos alunos, que participaram de nossa pesquisa, com relação a algumas competências esperadas dos formandos, por exemplo, o “domínio das diferentes concepções metodológicas”, na questão número dez do nosso questionário “Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Quais?”, verificamos que os estudantes (por exemplo, Luana, Isadora, Leandro e Bruno) apresentam dúvida na diferença entre metodologia e teoria quando respondem a questão citando vários autores e conceitos sem apontar de fato a matriz teórica que utilizaram em suas regências em sala de aula durante o estágio obrigatório, respondendo a essa questão de forma vaga e confusa.

Outra habilidade prevista é a “constituição de diferentes relações de tempo e espaço” pelo estudante, quanto a isso a autora Marília Gago (2007) em sua tese de doutorado afirma que no “domínio da educação histórica relacionar o passado, o presente e o futuro torna-se um desafio permanente, visando-se colocar os alunos perante a necessidade de pensar o passado para fazerem sentido também, dos eventos da sua realidade” (GAGO, 2007, p.98).

Em suas narrativas os alunos do curso de História da UEL mencionam a relação passado–presente–futuro no processo de ensino e aprendizagem em História, porém, quando questionados especificamente sobre qual é o papel do

historiador quando ensina História (questão três do questionário), a maioria não menciona o papel da disciplina de História em desenvolver essa capacidade, alguns falam superficialmente em relação a isso quando escrevem sobre a importância do professor de História ajudar os alunos a se situarem no tempo. Veremos mais sobre a análise dessas questões no capítulo três.

Neste capítulo fizemos um breve histórico desde a implantação do curso de História na UEL em 1958, sua reativação em 1994, até sua atual organização curricular e estrutura de funcionamento, com destaque aos seus objetivos.

CAPÍTULO 2. EDUCAÇÃO HISTÓRICA: UMA BASE COERENTE PARA UMA HISTÓRIA CONSCIENTE.

Para alcançarmos o objetivo de investigar o que os alunos do curso de História da UEL pensam sobre história, considerando sua formação nos quatro anos do curso e suas respostas ao questionário em 2014 enquanto alunos do primeiro ano; pautamo-nos em uma fundamentação teórica e metodológica baseada nos estudos do campo da Educação Histórica, tendo como princípio norteador a Teoria Fundamentada *(Grounded Theory*).

2.1. Educação Histórica

A Educação Histórica é um campo de pesquisas em História que se propõe a investigar a natureza do conhecimento histórico, bem como a aprendizagem e consciência históricas. Em outras palavras, de onde vem e como se aprende História, e o que pensam os sujeitos acerca da História.

Surgiu na Inglaterra nos anos 1970 com estudos de Peter Lee, Keith Alaric Dickinson, Peter Rogers, Denis Shemilt e depois com Hilary Cooper e Martin Booth, que contrapunham a ideia de um pensamento histórico desenvolvido por idades, onde o desenvolvimento etário pressupunha um desenvolvimento no pensamento histórico, o que se concluiu incongruente com as pesquisas desses historiadores. (BARCA, In: CAINELLI; SCHIMIDT, 2011, p.24).

> Para explorar o pensamento histórico dos alunos, estas pesquisas partiram de conceitos inerentes à natureza da História [...] e tiveram grande impacto quer no plano da investigação quer nas concepções e práticas de ensino de História. Fundou-se assim um campo de "educação histórica", hoje reconhecido internacionalmente. Neste campo, o olhar dos investigadores tende a privilegiar as concepções dos agentes diretos da aprendizagem e do ensino [...] (BARCA, 2011, p.25).

Muito mencionado hoje nas pesquisas deste campo o projeto CHATA[12] coordenado por Peter Lee e Rosalyn Ashby na Inglaterra na década de 1970, foi um projeto pioneiro em realizar investigações em cognição histórica que ajudassem a compreender como crianças e jovens constroem ideias históricas.

[12] *Concepts of History and Teaching Approaches 7-14* (Projeto CHATA)

Em Portugal os estudos em Educação Histórica começaram no final dos anos 90 e início dos anos 2000 com estudos como da pesquisadora Isabel Barca uma das principais proponentes no país. Em 2002 e depois em 2006 o Projeto HICON[13] trouxe grandes contribuições com estudos sobre a consciência histórica, utilizando a teoria de Jörn Rüsen em torno desse conceito. Os resultados do projeto ajudam a compreender que sentidos os estudantes e professores portugueses atribuem ao passado e como fazem uso para o presente e o futuro.

No Brasil é a partir de 2004 que começam os primeiros trabalhos desenvolvidos em Educação Histórica com as pesquisadoras Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Maria Braga Garcia, em Curitiba na Universidade Federal do Paraná (UTFPR); com Marlene Rosa Cainelli e Márcia Elisa Teté Ramos em Londrina, na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Katia Maria Abud na Universidade de São Paulo (USP).

Em Curitiba o Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH) é um dos primeiros grupos dedicados a pesquisas nesse campo e muitos trabalhos têm sido desenvolvidos.

Em Londrina, na Universidade Estadual de Londrina, a linha de pesquisa História e Ensino do Mestrado em História Social, e os trabalhos de Mestrado em Educação sob a orientação das professoras e pesquisadoras Marlene Cainelli e Márcia Elisa Teté Ramos, tem sido referência nesse campo de estudos.

> Nesse sentido, a pesquisa em Educação Histórica pressupõe uma reflexão sobre a natureza do conhecimento histórico, tendo como objetivo apurar quais os sentidos que os indivíduos atribuem à História. Trata-se de uma área de investigação cujo foco está centrado, principalmente, nas questões relacionadas à cognição e metacognição histórica, tendo como fundamento principal a própria epistemologia da História. Assim, entre as investigações realizadas no âmbito da Educação Histórica, encontram-se estudos sobre aprendizagem histórica, consciência histórica, ideias substantivas e ideias de segunda ordem em História e sobre narrativas históricas. (CAINELLI; SCHIMIDT, 2011, p.11,12).

Podemos citar como alguns exemplos do mestrado em História Social da UEL, o trabalho de Brayan Lee Thompson Avila (dissertação de 2015), orientado pela Prof.ª Dr.ª Marlene Cainelli, “As narrativas de alunos do ensino médio de Londrina-PR sobre a Ditadura Militar Brasileira (1964 – 1985)”. O objetivo do

[13] Consciência Histórica – Teoria e Práticas (Projeto HICON)

trabalho foi compreender quais eram as ideias de jovens alunos de uma escola pública de Londrina sobre a ditadura militar brasileira e verificar quais justificativas apresentavam quando se deparavam com narrativas divergentes sobre um mesmo evento histórico.

Flávia Mantovani (dissertação de 2014), com a orientação da Prof.ª Dr.ª Márcia Elisa Teté Ramos, trabalho intitulado “Pensamento histórico de jovens sobre “gênero” a partir da revista Capricho (2005 – 2006)”. A investigação buscou analisar o pensamento histórico de jovens alunos do ensino médio de uma escola pública de Londrina acerca de “gênero” partindo da Revista Capricho (edição de Abril de 2005 e Março de 2006) como fonte histórica, a fim de analisar a “literacia histórica” dos estudantes, utilizando a metodologia de grupo focal e da aula-oficina.

Vanessa Kiara Rodrigues (2015), sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Márcia Elisa Teté Ramos, “Literatura e ensino de História: a construção do conhecimento histórico em sala de aula a partir das crônicas de Lima Barreto”. A pesquisa discute o uso de literatura no ensino de história, investigando as ideias dos estudantes do 8º ano de diferentes escolas em Londrina, utilizando o modelo de aula-oficina e também a técnica da “história hipotética” para que os alunos pensassem a situação dos negros após a proclamação da república. O objetivo foi a compreensão da construção de conhecimento histórico pelos alunos e se entenderam a natureza do saber histórico, ou seja, a “literacia histórica”.

Bruno Paviani (2016), sob a orientação da Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima da Cunha, também é um trabalho desenvolvido com base nos pressupostos da Educação Histórica, sob o título “Cada um decide o tipo de cidadão que vai ser... O conceito de cidadania em narrativas de alunos vestibulandos (Londrina – 2015)”, que pesquisou o que pensam os alunos vestibulandos de dois cursinhos particulares de Londrina-PR sobre o conceito de segunda ordem “cidadania” comparando as narrativas dos estudantes com os conceitos de cidadania da Ditadura Militar brasileira presentes em dois livros de Educação Moral e Cívica do período. Para tanto utilizou proposições da Educação Histórica e a metodologia da Teoria Fundamentada.

Do Mestrado em Educação da UEL temos trabalhos como o de Danillo Ferreira de Brito, Marilsa de Paula Casagrande, Lidiane Camila Lourençato, Flávio Batista dos Santos, Giane de Souza Silva, Anilton Diogo da Silva, e Elizabete Tomazini.

Lidiane Camila Lourençato, dissertação de 2012, orientação da Prof.ª Dr.ª Marlene Cainelli, título “A consciência histórica dos jovens-alunos do ensino médio: uma investigação com a metodologia da Educação Histórica”, uma pesquisa de campo em duas escolas estaduais de Londrina buscando compreender como os alunos, depois de onze anos de escola, identificam a evidência histórica, qual sentido atribuem a fonte histórica para a produção do conhecimento histórico, e como lidam com a temporalidade na história e na vida prática. Com a análise do questionário puderam perceber como os alunos estabelecem relações entre a história e a vida prática.

Danillo Ferreira de Brito, dissertação de 2013, orientação da Prof.ª Dr.ª Marlene Cainelli, título “O Ensino de História na Educação de Jovens e Adultos: as concepções sobre História presentes nas narrativas dos alunos do CEIEBJA Prof.ª Dulceney Becker – Londrina, PR.”. Uma pesquisa qualitativa por meio de entrevistas orais e instrumentos exploratórios por meio de narrativas produzidas pelos alunos das séries finais do ensino fundamental, a análise mostrou que é possível haver uma progressão do conhecimento dos alunos de modo eficaz utilizando a metodologia da aula-oficina de Isabel Barca.

Giane de Souza Silva, dissertação de 2014, orientação da Prof.ª Dr.ª Magda Madalena Tuma, do departamento de Educação, título “Educação Histórica: Os sentidos atribuídos por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental ao conhecimento histórico sobre História Local”. O objetivo foi identificar o sentido que os alunos atribuíam à história de Londrina, a partir dos estudos de Rüsen sobre consciência histórica, com base na Teoria Fundamentada, utilizando Barca como referencial para categorizar as narrativas dos alunos que demonstraram a necessidade de avançar para além do discurso do vencedor que permanece na memória coletiva, dentre outras conclusões acerca do Ensino de História.

Flávio Batista dos Santos, dissertação de 2014, orientação da Prof.ª Dr.ª Marlene Cainelli, título “O Ensino de História local na formação da consciência histórica: Um estudo com alunos do Ensino Fundamental na cidade de Ibaiti-PR”. Uma pesquisa realizada em duas escolas, uma particular e uma pública, do município de Ibaiti-PR buscando compreender e perceber a utilidade da aula de História e sua relação com a vida prática dos alunos.

Marilsa de Paula Casagrande, dissertação de 2015, orientação da Prof.ª Marlene Cainelli, título “A compreensão histórica dos professores PDE: Um estudo

no campo da Educação Histórica". O objetivo foi verificar a compreensão histórica que os professores do PDE/PR de 2009 expressam nos trabalhos publicados no site Dia a Dia Educação, levando em consideração os conceitos a partir da Matriz Disciplinar de Jörn Rüsen.

Anilton Diogo da Silva (dissertação de 2017), "Empatia pedagógica como possibilidade para o trabalho com a temporalidade em sala de aula: as experiências de professores de história das redes de ensino municipal e estadual de Brasilândia/MS". Uma pesquisa com o objetivo de verificar quais as noções acerca do conceito de tempo possui um grupo de professores(as) das redes Municipal e Estadual de Ensino da cidade de Brasilândia – Mato Grosso do Sul, e como empregam essas noções ao exercício docente.

Elizabete Cristina De Souza Tomazini (dissertação de 2017), "Aprender a ser professor: Contribuições da Educação Histórica na formação inicial de professores (Pibid História /Uel 2011-2013)". O objetivo do trabalho foi analisar a participação de licenciandos do curso de História da Universidade Estadual de Londrina, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e as possíveis apropriações desses estudantes sobre os pressupostos da Educação Histórica, de modo a interferir em sua formação como futuros professores.

Estes são exemplos de trabalhos de mestrado desenvolvidos dentro do campo de investigações da Educação Histórica, que trabalham com narrativas de alunos ou professores, nos Programas de Mestrado em História Social e Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, considerando trabalhos de 2010 a 2017.

Uma pesquisa no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, do CNPq, com o termo de busca "Educação Histórica", considerando "todas as palavras", fazendo uma consulta por "Grupo" e aplicando a busca nos campos: Nome do grupo, Nome da linha da pesquisa, e Palavra-chave da linha de pesquisa, com situação "certificado" e também "não atualizado", encontramos 36 grupos de pesquisa que correspondem à Educação Histórica. Na área de História somam 13 grupos, na área de Educação são 14 grupos, os 09 restantes correspondem às áreas de Psicologia, Geociências, Linguística, Artes, Educação Física, Ciência da Informação, Filosofia, e dois grupos em Arqueologia.

Uma busca mais refinada com o termo Educação Histórica, selecionando a opção por uma "busca exata", ao invés de "todas as palavras", considerando ainda

uma consulta por “Grupo” e aplicando aos mesmos campos (nome do grupo, nome da linha e palavra-chave), encontramos 19 grupos de pesquisa, sendo 12 da área de História, 06 da área de Educação, e 01 de Filosofia.

Podemos dizer que, segundo uma busca mais ampla pelo termo Educação Histórica no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, existem atualmente no Brasil 36 grupos de pesquisa com estudos relacionados ao campo da Educação Histórica, e segundo uma busca mais específica pelo termo Educação Histórica no Diretório do CNPq, existem atualmente 19 grupos de pesquisa no Brasil com estudos relacionados ao campo da Educação Histórica.

Considerando dentre os 36 grupos apenas aqueles correspondentes às áreas de História e Educação, apresentamos a seguir um quadro que mostra nominalmente cada um dos grupos de pesquisa, em Educação Histórica, registrados no CNPq, com suas instituições, localidades, e professores responsáveis, sendo 13 da área de História e 14 de Educação, como já mencionado acima, um total de 27 grupos.

Quadro 01 – Grupos de Pesquisa em Educação Histórica, CNPq.

Grupo de pesquisa	Líder(s)	Instituição	Área
Ensino de História, Educação Histórica e América Latina.	Éder Cristiano de Souza	UNILA	História
GPEDUH: Grupo Pesquisador Educação Histórica - Consciência histórica e narrativas visuais.	Marcelo Fronza	UFMT	História
ETRÚRIA - Laboratório de Estudos de Memória, Patrimônio e Ensino de História.	Renilson Rosa Ribeiro e Cristiane Thais do Amaral Cerzosimo Gomes	UFMT	História
Educação Histórica: Consciência Histórica e cultura	Geyso Dongley Germinari	UNICENTRO	História

Didática da História e Educação Histórica	Maria da Conceição Silva e Rafael Saddi Teixeira	UFG	História
Ensino de História - Historiografia, Sujeitos, Práticas e Livro Didático.	Maria Cristina Dantas Pina e Edinalva Padre Aguiar	UESB	História
Centro de Estudos do Mundo Atlântico (CEMA)	Keila Auxiliadora de Carvalho e Marcos Lobato Martins	UFVJM	História
Núcleo de História Social e Práticas de Ensino	Marcia Cristina e Lacerda Ribeiro	UNEB	História
Historia: ensino e pesquisa	Celeste Maria Pacheco de Andrade	UNEB	História
Laboratório de História Social da Amazônia	Cássio Augusto Samogin Almeida Guilherme e Fabio Tadeu de Melo Pessoa	UNIFESSPA	História
Interpretações do Tempo: ensino, memória, narrativa e política (iTemnpo)	Erinaldo Vicente Cavalcanti e Jose Amilton de Souza	UNIFESSPA	História
História, Cultura e Sociedade	Henry Marcelo Martins da Silva e Renato Jales Silva Júnior	UFMS	História
Centro Interdisciplinar de Estudos Regionais (CIER)	Humberto Perinelli Neto e Sedeval Nardoque	UNESP	História
Cultura, práticas escolares e educação histórica.	Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt e Ana Claudia Urban.	UFPR	Educação

Polis e Mnemosine: Cidade, Memória e Educação.	Lana Mara de Castro Siman e Karla Cunha Padua	UEMG	Educação
Grupo de Investigação e Produção em Educação Histórica, História e Educação (JANUS)	Marilu Favarin Marin	UFSM	Educação
CRONOS - História Ensinada, Memória e Saberes escolares.	Sonia Regina Miranda	UFJF	Educação
Cultura escolar, práticas curriculares e história da disseminação dos saberes escolares. (CEPCHSAE)	Marileia dos Santos Cruz e Elizânia Sousa do Nascimento	UFMA	Educação
DEHSCUBRA - Educação, História e Cultura: Brasil, séculos XVI, XVII e XVIII.	Jose Maria de Paiva	UNIMEP	Educação
Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil e na América Latina (HISTEDBRAL)	Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão e Marcos Antônio Campos Couto	UERJ	Educação
Grupo de Estudos Pedagógicos – GEP	Fábio Santos de Andrade e Renata Aparecida Carbone Mizusaki	UNIR	Educação
LOGOS	Rita Maria Manso de Barros e Andréa Martello	UNIRIO	Educação
LUDICIDADE, INCLUSÃO E SAÚDE- LIS	Ângela do Céu Ubaiara Brito e Anna Valeska Procópio de Moura Mendonça	UEAP	Educação

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação na Psicologia Sócio-Histórica	Maria Vilani Cosme de Carvalho e Eliana de Sousa Alencar Marques	UFPI	Educação
Núcleo de Estudos em Educação Profissional e Tecnológica	Luciano de Azambuja	IFSC	Educação
NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO – CLIO	Jorge Luiz da Cunha	UFSM	Educação
Trabalho e Educação	Carmen Sylvia Vidigal Moraes	USP	Educação

2.2. Teoria Fundamentada

Para analisarmos as narrativas dos alunos e investigarmos seu pensamento acerca da História após quatro anos em um curso de graduação em História, tomamos como metodologia de pesquisa a Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*) que foi elaborada por dois sociólogos no século XX nos Estados Unidos, Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss que, juntamente com uma equipe de pesquisa, desenvolveram um processo de análise que defende o "desenvolvimento de teorias a partir da pesquisa baseada em dados, em vez da dedução de hipóteses analisáveis a partir de teorias existentes." (CHARMAZ, 2009, p.17).

O método da teoria fundamentada se baseia em "diretrizes sistemáticas", ou seja, um conjunto de princípios, que vai servir para a coleta e a análise dos dados com o objetivo de construir teorias "fundamentadas" nos próprios dados, em outras palavras, teorias embasadas, sustentadas ou respaldadas pelos dados. Desse modo os dados formam a base de sustentação da teoria, e a análise dos dados resulta em conceitos construídos no processo de análise (CHARMAZ, 2009, p.15).

Concordamos com Kathy Charmaz (2009) quando afirma que podemos nos utilizar das diretrizes básicas da teoria fundamentada (codificação, memorandos, amostragem e métodos comparativos), adaptando conforme a especificidade de cada estudo, porém, "a forma como os pesquisadores utilizam

essas diretrizes não é neutra" (CHARMAZ, 2009, p.23); o que significa que as escolhas do pesquisador, a forma como ele se utiliza das diretrizes conduz os dados e faz parte do resultado final, o autor não fica isento por se utilizar da teoria fundamentada, pelo contrário, o percurso durante todo o processo de análise precisa ser descrito a cada etapa, para que a fundamentação fique clara.

Tudo começa com os dados, a teoria fundamentada é o caminho que nos leva da coleta de dados e dos primeiros apontamentos, a um processo de separação, classificação e síntese através de uma codificação qualitativa, o que ajuda a refinar os dados e "fornece um instrumento para que assim possamos estabelecer comparações" (CHARMAZ, 2009, p.16).

> Esta metodologia utiliza de forma constante o método comparativo, fazendo-se a análise de dados através de técnicas de indução e dedução. Uma vez que a colheita de dados inicial se faz para se conhecer a variedade de perspectivas do fenômeno e por comparação constante, o investigador analisa as categorias de informação cruzando-as e voltando constantemente ao campo para as verificar. (GAGO, 2007, p.167)

A codificação diz respeito a uma ligação que se estabelece entre "marcadores e segmentos de dados", os marcadores são como palavras-chave que expressam aquilo que mais se destacou nos dados, e os segmentos aos quais estão ligados trata-se de trechos que correspondem e expressam o que o marcador aponta. Diversos códigos destacam-se em um primeiro momento, conforme a análise avança esses códigos vão sendo modificados e delimitados para o que há de mais importante e relevante, tomando forma e tornando-se mais refinados. Dessa forma,

> Nossas categorias analíticas e as relações delas extraídas nos fornecem um instrumento conceitual sobre a experiência estudada. Sendo assim, construímos níveis de abstração diretamente dos dados e, posteriormente, reunimos dados adicionais para verificar e refinar as nossas categorias analíticas geradas a partir disso. Nosso trabalho culmina em uma "teoria fundamentada" ou em uma compreensão teórica da experiência estudada (CHARMAZ, 2009, p.16).

Kathy Charmaz (CHARMAZ, 2009, p.19) enuncia os componentes necessários para uma teoria fundamentada conforme Glaser e Strauss definem, se trata de sete etapas essenciais: o "envolvimento simultâneo na coleta e na análise dos dados"; a "construção de códigos e categorias analíticas a partir dos dados, e

não de hipóteses preconcebidas e logicamente deduzidas"; a "utilização do método comparativo constante, que compreende a elaboração de comparações"; "o avanço no desenvolvimento da teoria em cada passo da coleta e da análise"; a "redação de memorandos para elaborar categorias"; a "amostragem dirigida à construção da teoria"; e a "revisão bibliográfica".

Quanto à codificação, existem dois tipos que são os mais importantes na teoria fundamentada, um trata os dados em suas minúcias, cada detalhe é importante e levado em consideração, o outro foca na relevância e combinação dos detalhes observados com o objetivo de síntese:

> 1) a codificação linha a linha inicial, uma estratégia que induz o pesquisador a estudar os seus dados rigorosamente – linha a linha – e a começar a conceituar as suas ideias e 2) a codificação focalizada, que permite ao pesquisador separar, classificar e sintetizar grandes quantidades de dados (CHARMAZ, 2009, p.27)

Conforme Marília Gago explica, os "estudos qualitativos pretendem 'descobrir' e compreender o que está para lá do fenômeno acerca do qual pouco se sabe, com vista a vislumbrar os detalhes imbricados desse fenômeno" (GAGO, 2007, p.165). Em estudos dessa natureza é grande a complexidade no processo de análise que "envolve a evolução de conceptualização do conhecimento social, dos significados, da realidade e da investigação" (GAGO, 2007, p.165).

> Tentamos descobrir o que ocorre nos ambientes de pesquisa nos quais integramos e como é a vida dos nossos participantes de pesquisa. Estudamos a forma como eles explicam seus enunciados e ações, bem como questionamos a compreensão analítica que podemos ter sobre eles (CHARMAZ, 2009, p.15).

É nesse sentido que elaboramos o instrumento de pesquisa de nosso trabalho, com questões que nos fornecessem elementos de aspectos pessoais, profissionais e teóricos da vida e do pensamento de nossos estudantes durante o curso de História na universidade, bem como, informações acerca do funcionamento do curso, sua grade curricular, diretrizes e organização, o que fosse capaz de nos mostrar como é a vida acadêmica dos nossos participantes de pesquisa, conforme Charmaz (2009) elucidou, e assim pudéssemos alcançar nosso objetivo com a análise dos dados, o que veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3. NARRATIVAS EM FOCO: O QUE PENSAM OS FUTUROS PROFESSORES DE HISTÓRIA.

É necessário para nós pesquisadores, que nos interessamos pelo ensino de História, refletirmos acerca das ideias que os alunos possuem sobre História a partir do curso de formação em História, não apenas dos alunos da educação básica, mas dos futuros professores de História. Investigações que busquem o que os graduandos pensam ou como eles elaboram a História contribui para uma constante avaliação dos cursos de formação, e principalmente dos estudantes, seu progresso profissional durante o curso.

Ao analisarmos as narrativas produzidas por estes sujeitos, tendo em vista que em breve obterão diploma para atuar no ensino de História, podemos perceber quais referências utilizarão na preparação de suas aulas e futuras pesquisas que se dedicarem.

3.1. Estudo exploratório realizado em 2014: desvendando ideias de alunos iniciantes no curso de História

Em nossa pesquisa de Trabalho de conclusão de curso intitulada “Narrativas de alunos do 1º e 4º ano do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina: um olhar sobre o curso (2014)”, realizada em 2014 tivemos especial interesse em responder alguns questionamentos que nortearam nosso trabalho, o que os alunos de História pensavam sobre o curso de História e outras questões como: sua escolha pelo curso, sua visão sobre o curso antes e após entrar na universidade, o que é História, se gostariam de dar aulas de História, para qual “nível” de ensino e porque, e o que estavam achando mais difícil no curso até aquele momento.

Interessa-nos aqui as narrativas dos alunos do primeiro ano do curso, em 2014, obtidas através dessa pesquisa. Esse questionário possui oito questões abertas e foi distribuído em sala de aula para que os alunos ingressantes no curso de História respondessem.

No total da pesquisa de 2014 foram vinte e cinco participantes, doze do período matutino e treze do noturno. Dos doze alunos do turno matutino, cinco eram do primeiro ano do curso, cujas narrativas nos utilizamos na presente investigação.

Segue abaixo as oito perguntas do questionário entregue ao primeiro ano matutino na pesquisa de 2014:

1. Por que escolheu o curso de História?
2. O curso de História é muito diferente do que você imaginava no ensino médio? Fale sobre.
3. O que é história para você?
4. Você gostaria de dar aulas de História (fundamental, médio, ou nível superior)? Por quê?
5. Você gostaria de iniciar um trabalho de pesquisa? Em qual área e por quê?
6. Se fosse para lecionar História, qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar? Por quê?
7. O que você achou mais difícil até agora no curso de História? Fale sobre.
8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

Os resultados obtidos neste primeiro estudo foram divididos em cinco grandes blocos: questões relativas à escolha do curso; à concepção de História; ao curso de licenciatura; à docência; e à pesquisa. Segue abaixo um quadro com os blocos, as questões correspondentes, as categorias emergentes, algumas narrativas para exemplificar, e as conclusões, oriundas da análise das questões.

Quadro 02 - Resultados da pesquisa de 2014:

BLOCOS	QUESTÕES	CATEGORIAS EMERGENTES	NARRATIVAS	NOSSA ANÁLISE
Quanto à escolha do curso	Por que escolheu o curso de História?	“sempre gostei”; “sempre quis”; “sempre fui fascinada”.	*“Escolhi história porque, durante meu ensino médio foi a matéria que mais causava discussões e era possível tratar do pensamento de forma crítica sem uma estrutura decorada/ pronta.” (Vinicius)*	Gosto pela História, sobretudo por seu caráter crítico.
Quanto à	O que é	“é o estudo do	*“Entendo que*	História é uma

concepção de História	história para você?	efeito do tempo sobre as pessoas e sobre a sociedade"; "é uma disciplina que levanta questionamentos".	*história é muito mais do que o estudo de acontecimentos , mas de um contexto, análise do homem e sua ação em seu meio e tempo." (Cecília)*	ciência que serve para auxiliar a compreender a sociedade.
Quanto ao curso	O curso de História é muito diferente do que você imaginava no ensino médio? Fale sobre.	"sim"; "extremamente subjetivo"; "muito mais complexo".	*"É totalmente diferente. Na escola a gente recebe as informações [...] 'prontas'." (Kátia)*	Os alunos imaginavam que ao fazer o curso de História aprenderiam toda a História. Descobriram que a História não é um conteúdo fixo e acabado.
	O que você achou mais difícil até agora no curso de História? Fale sobre.	"muita leitura"; "o desconhecido".	*"[...] já no primeiro semestre, se depara com um mar de informações que nunca nem ouviu falar [...]" (G9)*[14]*.*	A quantidade e a natureza dos textos acadêmicos. As disciplinas de Didática e Teoria. Situar no tempo o que é aprendido.
Quanto à docência	Você gostaria de dar aulas de História (fundamental, médio, ou nível superior)? Por quê?	"Sim"; "Ensino Médio e Superior"	"*Sim e em qualquer um dos 3 níveis de escolarização, pois acredito que a aula é o momento em que o professor solidifica o seu próprio conhecimento, além de mediar a construção do*	Todos desejam dar aulas de História. A maioria para o ensino médio e superior. Os principais motivos foram: participar do processo de construção de conhecimento do aluno, e fazer

[14] "G9" significa "Graduando número nove", nomenclatura da pesquisa realizada em 2014. Este aluno não participou da presente pesquisa em 2017, por essa razão não atribuímos a ele um nome fictício, pois utilizamos apenas este trecho de sua narrativa que melhor representa as narrativas referentes a essa questão.

			conhecimento do aluno" (Júlia)	com que entendam a importância da História.
	Se fosse para lecionar História, qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar? Por quê?	"História Moderna ou Contemporânea"	*"[...], pois acredito que esses dois períodos foram cruciais para a solidificação da atual configuração do mundo, e eu me sinto um pouco perdida em relação a alguns assuntos que permeiam nossa sociedade hoje [...]" (Julia/G1).*	O interesse majoritário em História Moderna ou Contemporânea pode estar associado à concepção de História desses alunos onde o questionamento parte do presente a fim de compreender a organização da sociedade na qual estão inseridos.
	Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?	"Dariam aula mesmo assim"	*"Não, porque dar aula foi e é o objetivo para eu fazer esse curso." (Vinícius)*	Se fosse possível não dar aulas de História, a maioria dos alunos mesmo assim gostariam de lecionar. As justificativas estão pautadas na seguinte afirmativa: "fazer pesquisa apenas para a pesquisa é limitar ou restringir a História que deve ser ensinada" (SILVEIRA, 2014, p.39)

Quanto à pesquisa	Você gostaria de iniciar um trabalho de pesquisa? Em qual área e por quê?	“Sim”; “Na área de História Moderna ou Contemporânea"	“[...] *dois períodos [...] cruciais para a solidificação da atual configuração do mundo [...]” (Julia/G1).*	Mesmas razões da escolha do conteúdo para lecionar.

É importante esclarecer que, em nossa pesquisa de 2014, os alunos do primeiro ano do curso foram identificados com a letra “G” de graduandos. Pelo fato de levarmos em consideração algumas dessas narrativas na presente pesquisa e identificá-los aqui com nomes fictícios, elaboramos uma tabela com essas informações, segue abaixo um quadro com os quatro alunos que participaram das duas pesquisas (2014/TCC e 2017/Mestrado), dos quais nos utilizaremos de suas narrativas no primeiro ano do curso presentes no Estudo Exploratório de 2014.

Quadro 03 - Alunos participantes nas duas pesquisas (2014 e 2017):[15]

Alunos do 1º ano do curso que participaram da pesquisa de 2014 (TCC)	Nomes fictícios correspondentes na Pesquisa de 2017 (DISSERTAÇÃO)
G1	JULIA
G2	VINICIUS
G3	CECILIA
G4	KATIA

3.2. Estudo exploratório realizado em 2017: desvendando ideias de alunos concluintes no curso de História.

Na pesquisa que realizamos em 2014 no trabalho de conclusão de curso distribuímos um questionário para a turma ingressante no curso (item 3.1), e outro

[15] Este quadro é informativo para pesquisadores, que possuam o interesse de consultar nossa pesquisa realizada em 2014, possam identificar as narrativas correspondentes dos estudantes em nossa investigação aqui desenvolvida com nomes fictícios no lugar dos códigos. A pesquisa intitulada “Narrativas de alunos do 1º e 4º ano do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina: um olhar sobre o curso (2014)”, trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e está disponível no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

questionário (SILVEIRA, 2014) para a turma de formandos daquele mesmo ano. Com base nas questões desses dois estudos anteriores, elaboramos o questionário para a presente pesquisa mantendo muitas das perguntas feitas anteriormente por entendermos que são pertinentes ao trabalho atual, acrescentando duas novas questões, a de número três e a de número doze. Esse estudo exploratório foi aplicado aos alunos do quarto ano matutino do curso de História em 2017.

Quadro 04 – Questionário aplicado em 2017:

1. Por que você escolheu o curso de História?
2. O que é História para você?
3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?
4. O que você achou mais difícil no curso de História?
5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?
6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?
7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?
8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?
9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?
10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?
11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?
12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

Para a análise as questões do estudo exploratório de 2017 foram divididas em três blocos de acordo com a abordagem e o objetivo de cada pergunta: Questões Pessoais; Questões Teóricas e Questões Profissionais. As questões pessoais estão ligadas a dados particulares dos estudantes e que possuem importância e relevância no objetivo de nossa investigação; as questões teóricas são perguntas que possuem enfoque em aspectos conceituais da História; e por último

no bloco de questões profissionais estão indagações que buscaram trazer a tona as perspectivas de futuro dos alunos e fazê-los refletir sobre suas dificuldades e expectativas enquanto futuros professores de História.

A aglutinação das questões e de suas narrativas nestes três blocos contribui para a organização e análise dos dados, deixando mais claro o percurso trilhado até os resultados, facilitando a leitura do panorama que se formou conforme o desenvolvimento do trabalho foi avançando, e colaborando na percepção das correlações entre as questões. Segue o quadro tríplice dos blocos:

Quadro 05 – Questionário 2017, em blocos.

BLOCO 01	BLOCO 02	BLOCO 03
QUESTÕES PESSOAIS	**QUESTÕES TEÓRICAS**	**QUESTÕES PROFISSIONAIS**
1. Por que você escolheu o curso de História?	2. O que é história para você?	6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?
4. O que você achou mais difícil no curso de História?	3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?	8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?
5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?	10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?	9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas?
7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?		11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.		

3.3. Analisando as narrativas históricas dos alunos

Aqui apresentamos as narrativas produzidas pelos alunos em resposta ao questionário de 2017 levando em consideração as narrativas de 2014. A organização da análise seguindo os blocos agregadores para as questões proporcionou uma estrutura sequencial que traz sentido do início ao fim para o desenvolvimento de nosso trabalho.

Inicialmente, as questões pessoais nos mostram as motivações dos estudantes ao escolherem o curso de História, o tema de seus Trabalhos de Conclusão de Curso, e suas impressões acerca do curso. Em seguida, as questões teóricas nos trazem uma dimensão dos conceitos históricos desenvolvidos ou não durante sua formação, bem como a importância que os estudantes atribuem ao papel dos professores de História. Por último, as questões profissionais nos dão uma ideia sobre as perspectivas de futuro dos formandos.

Para a análise foi feito, primeiramente, uma leitura corrida de todas as narrativas obtidas através dos questionários, após esse primeiro contato com os dados cada questão foi separada e analisada individualmente para depois serem analisadas entre si.

Posteriormente, destacamos as narrativas que nos chamaram a atenção nas respostas dos estudantes em cada pergunta do questionário e fizemos o registro de nossas primeiras reflexões. Em uma nova leitura empenhamos atenção maior aos conceitos manifestos pelos estudantes em suas narrativas de forma explícita ou implícita, e obervamos que algumas referências teóricas apareciam de forma clara ou tácita.

O método qualitativo de análise, através dos princípios da teoria fundamentada nos dados, nos ajudou a refletir e compreender as questões que os futuros professores de História expõem em suas narrativas quando indagados, por

exemplo, acerca da escolha pelo curso. Desse modo, em cada subitem abordaremos as questões pessoais, teóricas e profissionais identificadas nas respostas dos alunos.

a) Questões Pessoais

Conforme o Quadro 05, as perguntas do questionário, aplicado em 2017 aos alunos do quarto ano matutino do curso de História da UEL, que dizem respeito a questões pessoais são as seguintes:

- Por que você escolheu o curso de História?
- O que você achou mais difícil no curso de História?
- Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?
- Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?
- No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

- **Por que você escolheu o curso de História?**

As ideias apresentadas pelos alunos que destacamos nessa questão representam os motivos de sua escolha, ou seja, o que os levou ao curso de licenciatura em História. As principais razões que obervamos são a seguintes: vontade de ser professor, influência de um bom professor ou uma boa aula de História na escola, pelas discussões que a disciplina suscitava na escola, por curiosidade, ou por provocar um pensamento mais crítico.

Comparando as narrativas dos alunos no quarto ano com suas narrativas no primeiro ano no curso (Estudo Exploratório realizado em 2014), não percebemos mudanças muito significativas nas respostas. No quarto ano os estudantes agregam um sentido para a História em suas vidas mais do que somente o gosto pela disciplina, por uma aula que tiveram na escola, ou pela influência de alguém, seja um professor, familiar ou amigo.

Alguns mencionam política (Júlia), uma mudança de perspectiva em relação ao que pensava sobre História (Cecília), e o protagonismo na História

(Kátia). Existe muito mais uma permanência do que uma mudança nas razões pelas quais os alunos escolhem História para suas vidas profissionais. Vejamos as narrativas da estudante Júlia respectivamente em seu primeiro e último ano ao responder a questão.

> (JÚLIA / G1 / 1º ANO) Eu **sempre quis dar aula** e nunca me imaginei fazendo outra coisa. Mas comecei a gostar de História com **um professor** da 6ª série, que todos os dias chegava na sala de aula e nos dizia que sua função era nos transformar em cidadãos críticos. Ele me inspirou muito. (grifo nosso)
>
> (JÚLIA / 4º ANO) A princípio, quando eu ainda estava no ensino fundamental, eu já **queria ser professora**. Até que na 6ª série eu **tive um professor de história que me inspirava** e que despertou em mim a vontade de fazer história, além disso, eu sempre gostei de discutir sobre **política** e achei que o curso de História fosse o mais indicado para isso. (grifo nosso)

No primeiro ano Júlia diz ter escolhido o curso de História por vontade e influência de um professor, já no quarto ano continua afirmando que sua vontade em estudar história e a influência de um professor foi importante, apenas acrescenta o interesse em política e a ideia de que o curso de História fosse a melhor opção para explorar esse interesse, o que não está de todo errado, o curso de História na UEL de fato proporciona disciplinas que abordam e discutem sobre política, por exemplo, a disciplina de Ciência Política, mas na narrativa da Júlia vemos muito mais uma referência ao passado (“queria”, “achei”), do que uma perspectiva para seu futuro a partir de sua escolha pelo curso de História.

Sua resposta é simplista e as razões que a impulsionaram na escolha pelo curso restringem-se a uma vontade ou influência do passado, mesmo no último ano do curso não vemos nenhuma mudança significativa em sua resposta, nenhum objetivo profissional ou perspectiva de futuro, a aluna continua afirmando que “queria ser professora” desde o ensino fundamental, remetendo-se apenas ao passado e não ao presente ou futuro resultante de sua escolha.

O estudante Vinícius diz ter escolhido o curso de História porque a disciplina de História na escola causava discussões críticas. No último ano, responde os mesmos motivos de forma ainda mais resumida sobre àquilo que vivenciou na escola (as discussões, a boa aula), não destaca nenhum aspecto novo que pudesse ter relação com os quatro anos de formação em História.

> (VINICIUS / G2 / 1º ANO) Escolhi história porque, durante meu ensino médio foi a matéria que mais **causava discussões** e era possível **tratar do pensamento de forma crítica sem uma estrutura decorada/pronta.** (grifo nosso)
>
> (VINICIUS / 4º ANO) Porque **no colégio eu gostava das aulas e das discussões** que fazíamos sobre a disciplina e a partir dela. (grifo nosso).

Outra aluna, Cecília, também escreve que escolheu o curso, a princípio, por um interesse pessoal, tendo uma experiência marcante no curso pré-vestibular. No quarto ano Cecília ainda menciona sua paixão pela História, acrescenta que seu olhar mudou, mas não descreve o quê exatamente mudou.

Um dos objetivos do curso superior em História é levar o estudante a compreender como a História é escrita, os métodos e critérios para uma pesquisa histórica, diferente do senso comum e do estudo raso acerca da historiografia que recebem na escola. Porém, é preocupante que esses estudantes não demonstrem um avanço significativo em suas narrativas após quatro anos de formação histórica.

> (CECÍLIA / G3 / 1º ANO) Escolhi o curso de História, pois percebi que eu tenho **grande interesse pela História**, bem como no curso pré-vestibular eu dava ênfase apenas para a matéria de História. (grifo nosso)
>
> (CECÍLIA / 4º ANO) Porque no cursinho me apaixonei pelas aulas de História, mas ao entrar **na graduação passei a ver a História com outros olhos**. (grifo nosso)

Com base na resposta de Cecília não podemos mensurar qual mudança no seu olhar sobre a História o curso de graduação lhe proporcionou, mas é possível afirmarmos que, afinal, os quatro anos de formação na universidade mudam o olhar do aluno sobre a História.

Os estudantes Júlia, Vinícius e Cecília não apresentam grandes mudanças em suas respostas; a escolha pelo curso permanece ligada ao passado, por uma vontade, interesse ou lembrança.

A curiosidade é componente importante no processo de ensino e aprendizagem histórica, e também aparece entre os motivos da escolha pelo curso. A aluna Kátia, no primeiro ano, fala sobre seu fascínio pela origem das coisas, pelos acontecimentos e suas consequências, bem como pela capacidade que o ensino de História tem para desnudar a realidade, conforme ela afirma.

> (KÁTIA / G4 / 1º ANO) **Porque sou curiosa**, porque eu me vejo sim fazendo outros cursos, mas não sem antes fazer História. Escolher fazer História foi a escolha mais certa de que fiz na vida. **Sempre fui fascinada pela origem das coisas ou como elas aconteceram e continuam acontecendo. É como tirar um véu dos seus olhos quando você estuda a História**, como tirar uma boa parte da alienação, de conseguir enxergar as coisas como elas são e o porquê de serem assim. Por isso escolhi História. (grifo nosso)

Em resposta a mesma pergunta após os quatro anos de graduação, sua narrativa permanece na escola, ela apresenta um sentido para a vida que a História lhe proporcionou, pois, segundo a estudante, a disciplina de História na escola a ajudou "a compreender o mundo" e a si mesma.

> (KÁTIA / 4º ANO) Porque foi a disciplina escolar que mais me **ajudou a compreender o mundo e a mim mesma** e eu quis entender um pouco mais sobre essa situação de ser sujeito e objeto da história. (grifo nosso)

O aluno Gabriel do quarto ano não soube explicar porque escolheu o curso e parece ter se arrependido de fazê-lo quando diz que "deveria estar fazendo agronomia", não sabemos o motivo dessa afirmação, mas podemos verificar nesse caso dois pontos importantes, o fato do aluno mencionar que deveria estar fazendo um curso na área de ciências agrárias, uma área de conhecimento bastante diferente e a princípio distante das ciências humanas; e a palavra "ainda" que nos dá a entender que ele está procurando compreender sua escolha pelo curso.

> (GABRIEL / 4º ANO) Ainda não sei explicar. Deveria estar fazendo agronomia.

Algumas respostas aparecem com frequência nas narrativas do primeiro ano e permanecem nas do quarto ano, como a "influência de pessoas", seja da família ou da escola, "bons professores", boas aulas na escola, "afinidade" com a disciplina, "curiosidade", "gosto pela História", ou a "vontade de ser professor". Mas, outros aspectos como a "menor concorrência no vestibular" em relação a outros cursos de graduação na universidade também aparece, este não deveria ser um motivo para ingressar em curso de licenciatura, o oportunismo não forma bons profissionais, felizmente o aluno Leandro menciona que havia um interesse pela área durante o período escolar.

> (LEANDRO / 4º ANO) Por interesse na área na época do colégio, além da "facilidade" de ingressar no curso.

Além disso, em resposta a questão de número oito do questionário (Se fosse possível, você preferiria não dar aulas?), Leandro afirma que ministraria aulas mesmo assim, pois "depois da experiência de estágio me interessei em atuar na sala de aula" (Anexo 11).

Um ponto muito importante para nós na perspectiva da Educação Histórica é o estudo da História "fazer sentido na vida prática" e estabelecer relações com as "carências de orientação do indivíduo" conforme menciona a aluna Lucia quando escreve que a História responde às suas dúvidas.

> (LUCIA / 4º ANO) Porque sempre tive afinidade com a área, sempre fui muito curiosa e **a História** é um campo do conhecimento que **oferece muitas respostas para minhas dúvidas** de como o mundo funciona. (grifo nosso)

Para melhor visualizarmos os dados elaboramos um quadro com as ideias emergentes nas narrativas dos alunos, quantificando o número de vezes em que são mencionadas, a fim de colaborar em nossa análise qualitativa.

Quadro 06 – Por que você escolheu o curso de História?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Gosto pela História	14
b) Interesse pela docência	05
c) Boas aulas de História na escola ou cursinho	02
d) Bons professores de História na escola	02
e) Curiosidade, paixão ou fascínio.	02
f) Influência/ incentivo de familiares e amigos	01
g) Menor concorrência no vestibular	01
h) Não sabe	01
Total de alunos que responderam a questão	15

Através do quadro podemos ver que o **"gosto pela História"** é o que mais aparece nos motivos da escolha pelo curso, com isso, duas coisas nos

parecem evidentes, a primeira é que os alunos gostam de História, existe uma curiosidade que os levam a buscar mais conhecimento nessa área.

Segundo, os alunos gostam da disciplina de História na escola, várias narrativas trazem experiências positivas que os alunos vivenciaram na escola, não apenas uma curiosidade sobre um fato histórico, ou a "origem das coisas" como a aluna Kátia escreve, mas um gosto pelas aulas de História na escola. Muitos estudantes mencionam bons professores e boas aulas que tiveram no ensino fundamental e médio.

O professor também é figura presente nas respostas dos estudantes, sem dúvida podemos afirmar que o professor influencia muito nas escolhas de seus alunos. Portanto, quanto à escolha dos alunos pelo curso de História, as respostas "a", "c" e "d" se misturam já que o gosto pela história vem sempre atrelado a uma boa aula ou um bom professor em suas narrativas.

O **"interesse pela docência"** é outra resposta que chama nossa atenção, extremamente importante destacar que, dos quinze formandos, apenas cinco mencionam que a docência fez parte da motivação pela escolha do curso. Percentualmente, esse número corresponde a 33% da amostragem, isso é no mínimo preocupante já que se trata de um curso de licenciatura. Sabemos que o total de 15 participantes é um número pequeno diante do curso que forma em média 40 professores por ano, mas tratando-se de um trabalho qualitativo onde a amostragem representa um todo, podemos inferir questões e apontamentos.

A questão que se apresenta aqui é a seguinte, ao ingressarem no curso de História os alunos tomam consciência de que estão ingressando em um curso de licenciatura e o que isso significa para seu futuro profissional? As respostas dos formandos às perguntas seis e oito nos ajudam quanto suas perspectivas de futuro.

Em contrapartida, na questão de número seis do questionário, "Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?", treze alunos manifestam interesse na docência, dois respondem com uma negativa, um deles não gostaria de dar aulas em nenhum nível de ensino, outro daria aulas de filosofia, mas não de História. O que destacamos aqui é o fato da grande maioria dos formandos do curso de História possuir uma perspectiva de futuro na docência, isso é fundamental em um curso cujo objetivo é formar professores de História.

Apesar da docência não ter sido mencionada na questão da escolha pelo curso, os alunos demonstram motivação pela regência em seu futuro profissional. A

questão oito do questionário que apresenta uma situação hipotética aos alunos, “se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?”, traz novamente à tona o interesse pela docência, doze dos alunos respondem que mesmo assim lecionariam.

> (Eduardo/ 4º ano) Mesmo se fosse possível não dar aula, eu ainda prefiro dar aulas por achar essa experiência essencial para o historiador ou para qualquer pesquisador.

Outras questões são importantes nas narrativas dos alunos no primeiro ano curso (Estudo Exploratório realizado em 2014), por exemplo, os argumentos de que a escolha pelo curso se deu pelo fato da História proporcionar discussões e o desenvolvimento de um pensamento mais crítico que apareceu nas narrativas de Júlia e Vinícius, como vimos no começo desta análise. Esses dois aspectos são importantes no ensino de História.

O papel da História no desenvolvimento de um pensamento mais crítico aparece novamente na narrativa da aluna Júlia em resposta a questão de número três do questionário “Qual o papel do Historiador quando ensina História?”, ela responde que o papel do professor de história em sala de aula é “ajudar o aluno a pensar por conta própria [...] oferecendo ao aluno as diferentes perspectivas”, da mesma forma Vinícius afirma que o papel do profissional da História é “mostrar a mudança [...] desvelar discursos [...] desnaturalizar estruturas”. As discussões que as aulas de História proporcionam são imprescindíveis, e de fato cativam os alunos para a importância da História, tanto que leva estudantes a escolher essa profissão.

O tempo verbal nas narrativas também merece atenção em nossa análise, é claro que os alunos se remetem ao passado para responder à pergunta “por que você **escolheu** o curso de História”, mas, enquanto alunos do último ano do curso de História; é intrigante o fato de os estudantes não considerarem o que vivenciaram durante o curso, e continuarem se remetendo apenas as suas experiências no ensino fundamental e médio. Iniciar o curso de História foi uma escolha tomada no passado, mas é vivenciada até hoje, ou seja, os estudantes ainda escolhem o curso de História todos os dias, a cada novo semestre, até o último.

É evidente que outras questões seriam necessárias para falarmos sobre a permanência no curso, porém este não é o objetivo de nosso trabalho, desse modo, deixemos o que foi observado nas narrativas como uma reflexão sobre a

possibilidade de os futuros professores de História não atentarem, sobretudo quando diz respeito a si mesmo, para a importância e influência do tempo presente sobre o estudo do passado, do qual muitas estruturas se mantêm, por exemplo, a escolha pelo curso no caso dos alunos. O importante em uma pesquisa baseada na teoria fundamentada é justamente não saber o que vamos encontrar, partimos dos dados, que nos mostram suas demandas, e assim desenvolvemos a pesquisa até chegarmos aos resultados.

Narrativas na íntegra em resposta ao questionário 2017 (4º ano):

Por que você escolheu o curso de História?

(JÚLIA) A princípio, quando eu ainda estava no ensino fundamental, eu já queria ser professora. Até que na 6ª série eu tive um professor de história que me inspirava e que despertou em mim a vontade de fazer história, além disso, eu sempre gostei de discutir sobre política e achei que o curso de História fosse o mais indicado para isso.

(VINICIUS) Porque no colégio eu gostava das aulas e das discussões que fazíamos sobre a disciplina e a partir dela.

(CECÍLIA) Porque no cursinho me apaixonei pelas aulas de História, mas ao entrar na graduação passei a ver a História com outros olhos.

(KÁTIA) Porque foi a disciplina escolar que mais me ajudou a compreender o mundo e a mim mesma e eu quis entender um pouco mais sobre essa situação de ser sujeito e objeto da história.

(EDUARDO) História era uma das minhas principais opções quando eu pensava em fazer vestibular, acho que o que me fez decidir por esse curso foi a influência de bons professores de história que tive no colégio, em especial no ensino médio.

(ISABEL) Porque eu sempre gostei da disciplina de história quando estava no ensino fundamental e médio. Além disso, desde criança me sentia muito curiosa em relação as civilizações da antiguidade.

(LUANA) Meu pai e uns amigos foram os maiores incentivadores indiretamente, todavia hoje, eu não consigo pensar em um porquê específico. Eu sei para que eu vou usar história, mas não me recordo mais do intuito inicial.

(ISADORA) Porque eu gosto muito e sempre me identifiquei com a matéria no colégio.

(MARCELO) Porque foi minha matéria preferida durante todo o Ensino Básico e também sempre vi a profissão de professor como algo muito belo.

(RICARDO) Após o ensino médio, cursei o curso de Administração. No entanto, não me sentia à vontade e não gostei do curso, por isso optei

em abandoná-lo. Prestei novamente vestibular, escolhendo o curso de História por sempre ter gostado dessa matéria na escola, além de que pensar em trabalhar num ambiente escolar me parecia uma perspectiva agradável.

(MARCOS) Pela vontade de ser professor de uma matéria que eu gosto.

(BRUNO) Escolhi o curso de História porque eu gostava da disciplina no ensino médio e eu quero ser professor.

- **O que você achou mais difícil no curso de História?**

A importância dessa questão para nossa pesquisa é buscar perceber qual reflexão o aluno estabelece sobre os quatro anos de formação acadêmica, para verificar o que os estudantes apresentam em suas narrativas no que diz respeito ao enfrentamento de dificuldades durante a graduação, e quais suas percepções acerca dos quatro anos de curso de História em vias de encerramento.

Grande parte das respostas trazem aspectos como “muita leitura” ou o “ritmo da graduação” como principais dificuldades durante o curso. A quantidade de textos, trabalhos, eventos e a complexidade das provas acadêmicas que o curso superior de História exige foram obstáculos para os alunos, que demonstram em suas próprias opiniões, despreparo para o ensino superior, o que gerou desafios e demandou maior empenho e esforço por parte dos estudantes durante o processo de formação a fim de alcançarem a profissionalização em História. O quadro abaixo mostra as dificuldades mencionadas pelos alunos.

Quadro 07 – O que você achou mais difícil no curso de História?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Muita Leitura | Ritmo da graduação (textos, trabalhos, eventos e provas).	07
b) Linguagem acadêmica dos textos	01
c) Textos em língua estrangeira	01
d) Emancipação nos estudos	02
e) Disciplinas que menos gosta	02

f) Dificuldade com professor(s)	02
g) Dificuldade em participar de eventos e projetos extracurriculares	02
h) Distância da universidade	01
i) Descobrir que não gosta de História	01
j) Descobrir que não quer ser professor do ensino fundamental e médio.	01
k) Estágio | Preparar aula	02
Total de alunos que responderam a questão	15

O ensino superior é uma realidade muito diferente da escola, a capacidade de gerenciamento de tempo, habilidade de leitura e interpretação de textos, desenvolvimento da escrita, relações interpessoais, autonomia e disciplina nos estudos, são alguns requisitos importantes para o desempenho acadêmico, dos quais todos foram apontados pelos alunos como as maiores dificuldades durante o curso.

Trazendo aqui as narrativas do primeiro ano dos quatro estudantes que participaram de nossas duas pesquisas, podemos identificar também que, no início do curso eles já demonstravam, em suas respostas, que enfrentavam dificuldades quanto a situar o aprendizado acadêmico no tempo, ou seja, a contextualização historiográfica, pois conforme expressa a aluna Júlia. Na escola, a linha histórica cronológica pauta o ensino e marca o aprendizado, enquanto que no ensino superior as datas parecem ficar confusas na bibliografia estudada pelos alunos.

> (JÚLIA / 1º ANO) Situar o que é aprendido no tempo. Pois, os professores partem do pressuposto de que o aluno já sabe todas as datas importantes dos acontecimentos. Mas na verdade, o Ensino Médio é muitas vezes defasado nessa questão. Eu não acredito que o aluno deve se prender às datas, mas acho que elas também são importantes e auxiliam na compreensão do contexto histórico dos acontecimentos.
>
> (JÚLIA / 4º ANO) Conciliar a bibliografia de aula com outros livros que também são importantes para a formação no curso, mas que nem sempre estão na ementa.

Podemos dizer que o conceito de tempo é um problema para os graduandos de História, sobretudo no primeiro ano de graduação. Situar no tempo o que é aprendido, como escreveu a aluna Júlia no primeiro ano, ou tentar “encaixar em cada período”, como escreveu Kátia foi o mais difícil no curso de História. Talvez esse seja um ponto fraco no curso de História, que merece maior atenção por parte dos professores.

Nas respostas dos alunos ao longo do questionário, o professor sempre aparece; algumas vezes como “vilão”, outras como “mocinho”. Vinicius critica a metodologia de aula de alguns professores, afirmando que essa foi sua maior dificuldade durante o curso, “ser cobrado” sobre algo que não foi ensinado de modo satisfatório. A frustração do estudante em relação ao método de ensino no curso de História, que muitas vezes é expositivo e possui extensa carga de leitura, é relevante, sobretudo quando no primeiro ano ele aponta a importância da orientação por parte do professor para que o aluno desenvolva sua aprendizagem, porém é preciso lembrar que o aluno é o sujeito de sua aprendizagem e que produz conhecimento quando entende seu papel de protagonista no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

De qualquer modo, a crítica de Vinícius aos professores mostra que a relação professor-aluno não está funcionando como deveria no curso de História, causando dificuldades aos alunos ao longo da formação.

> (VINICIUS / 1º ANO) O mais difícil é ter muitas coisas para ler sem uma orientação/ explicação breve do conteúdo e também ver que muitos professores não buscam atualizar ou melhorar as aulas com novos métodos e didáticas.
>
> (VINICIUS / 4º ANO) O mais difícil foi ser cobrado sobre assuntos e práticas que os professores teoricamente teriam que ensinar.

É preciso superar na prática aquilo que já foi superado na teoria. A “ideia de que seria possível alcançar meios satisfatórios de aprendizagem graças a elaboração de métodos eficientes e de professores capazes de transmiti-los em sala de aula” (GAGO, 2017, p.19), já está ultrapassada para as pesquisas no campo do ensino de História, que consideram a sala de aula um local de produção de conhecimento onde aluno e professor são peças dialógicas no processo de ensino-aprendizagem. Em outras palavras, não é apenas a elaboração de métodos

eficientes que vão garantir a aprendizagem dos alunos, mas a relação entre o aluno e seu professor em sala de aula com o objetivo de construir conhecimento.

O primeiro ano do curso sempre é um período de muita estranheza e adaptação, são muitos autores nunca lidos, linguagem textual acadêmica, a exigência de um domínio mais sofisticado da língua portuguesa, a escrita de tipologias textuais muitas vezes desconhecidas, conhecimentos específicos da área de História, capacidade de autogerenciamento e disciplina para os estudos. A aluna Kátia percebeu essas exigências logo no primeiro ano, e a quantidade de textos aparece novamente como maior dificuldade, juntamente com a figura do professor que é muito criticada pela aluna em sua resposta no quarto ano do curso.

> (KÁTIA / 1º ANO) O mais difícil foi me acostumar a ler tantos textos e livros acadêmicos. Sempre li muito, mas eram livros literários, de ficção, só por diversão e por hobbie. Já na faculdade, temos de ler livros com uma atenção especial, tentando entender cada coisa que o autor diz, **tentando encaixar em cada período** em que aquilo é dito. Existe uma pressão bem maior. Mas agora acostumei com isso. Mas no começo foi bem difícil de me adaptar. (grifo nosso)
>
> (KÁTIA / 4º ANO) O que achei mais difícil foi a necessidade de me virar sozinha em algumas matérias por conta do desinteresse de alguns professores em nos ensinar.

O que pode ter feito a aluna chegar à conclusão de que alguns de seus professores estavam desinteressados em ensinar? E o que gerou na estudante o sentimento de que foi necessário “se virar sozinha” durante a graduação em algumas matérias? Podemos inferir algumas razões para tal afirmação como, dificuldade na comunicação entre professor e aluno, problemas na metodologia de ensino do professor, falta de participação do próprio aluno em sala de aula, ou problemas em matérias específicas, como é o caso da aluna Cecília:

> (CECÍLIA / 1º ANO) Acredito que o tenho tido mais dificuldade é em História Antiga, pois não tenho tanto conhecimento prévio, o que dificulta.
>
> (CECÍLIA / 4º ANO) A maior dificuldade que tive foi acompanhar o ritmo de leitura e eventos da graduação.

Apesar de os alunos mudarem um pouco suas respostas em relação as suas dificuldades durante o curso, comparando suas narrativas do primeiro com as do quarto ano de graduação, fato é que a figura do professor e a quantidade de

textos para ler durante o curso são dois aspectos que permanecem nas respostas. Segue abaixo as narrativas do quarto ano.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano):

O que você achou mais difícil no curso de História?

(JÚLIA) Conciliar a **bibliografia** de aula com outros livros que também são importantes para a formação no curso, mas que nem sempre estão na ementa. (grifo nosso).

(VINICIUS) O mais difícil foi ser cobrado sobre assuntos e práticas que os **professores** teoricamente teriam que ensinar. (grifo nosso)

(CECÍLIA) A maior dificuldade que tive foi acompanhar o **ritmo de leitura e eventos** da graduação. (grifo nosso)

(KÁTIA) O que achei mais difícil foi a necessidade de me virar sozinha em algumas matérias por conta do desinteresse de alguns **professores** em nos ensinar. (grifo nosso)

(EDUARDO) Pela minha experiência no curso, **as matérias que menos se alinham com o meu gosto pessoal** acabam sendo as mais sofríveis e logo as mais difíceis, eu tenho um desgosto em especial por história medieval. Ainda falando sobre as matérias, acredito que a maioria não tenha um nível de dificuldade extremo, e aquelas que são mais complexas podem ser administradas com atenção e uma boa leitura. **Morar longe** sempre foi para mim um fator de dificuldade também, por morar em Rolândia as vezes me senti um pouco afastado da esfera acadêmica (eventos, projetos e mesas redondas fora do horário das aulas). (grifo nosso)

(GABRIEL) **Estágio Obrigatório**. (grifo nosso)

(LUCIA) O mais difícil foi ler uma **carga muito extensa de leitura**, muitas vezes **em linguagem acadêmica** muito rebuscada. (grifo nosso)

(ISABEL) Leituras em espanhol.

(LUANA) Descobrir **que não gosto de trabalhar com história** (apesar da incrível experiência do estágio obrigatório, não me vejo sendo uma professora-pesquisadora). (grifo nosso)

(ISADORA) Me adaptar ao **ritmo** de provas e trabalhos e descobrir que **não quero ser professora** do ensino fundamental/médio. (grifo nosso)

(LEANDRO) As matérias de teoria da história.

(MARCELO) Não tive dificuldades com algo específico do curso, mas sim em **me habituar com a rotina de estudos necessária**, que antes eu não tinha. (grifo nosso)

(RICARDO) A parte de ensino e metodologia. **Preparar-se para a sala de aula**, lidar com conceitos e discussões não é tão simples quanto parece. (grifo nosso)

(MARCOS) De início, a **carga de leituras**, como antes eu cursava uma

> graduação na área de exatas, estranhei isso de início. (grifo nosso)
>
> (BRUNO) Acho que o mais difícil foi **conciliar as leituras** das disciplinas, projetos, TCC. (grifo nosso)

A maior dificuldade para os alunos de História são os textos. Sendo assim, o grande problema enfrentado durante o curso, segundo os estudantes, está diretamente relacionado à bibliografia do curso, principalmente pela quantidade e complexidade dos textos. Quanto à quantidade, pode ser uma questão de adaptação, como disse Isadora e Marcelo, algo difícil no início (Marcos), basta aprender a conciliar as demandas (Júlia). Mas, também pode haver de fato uma sobrecarga de leitura, o que não podemos verificar apenas através das narrativas ou mesmo da grade curricular do curso, seria necessária uma análise da ementa de cada disciplina, que não estão disponíveis no site da universidade.

No entanto, quanto à complexidade dos textos, é necessária maior atenção, se a dificuldade está na leitura e interpretação dos textos, o futuro professor de História não pode chegar ao fim do curso compreendendo de modo insatisfatório o que leu e estudou, de que forma levaria seus futuros alunos a uma interpretação de fontes razoável se ele mesmo teve dificuldades com os textos durante sua formação.

Outro desafio enfrentado pelos alunos é a preparação de aulas. O planejamento antes de entrar em sala “não é tão simples”, como disse o aluno Ricardo em sua resposta. Trabalhar conceitos e proporcionar discussões precisa ser uma rotina nas aulas do curso de História, proporcionando ao estudante um aporte prático de como conduzir suas aulas quando estiver no papel de professor, contudo, pela insegurança expressa nas narrativas, essa não parece ser uma realidade durante a formação.

Em síntese, na análise das respostas dos formandos à questão acima (O que você achou mais difícil no curso de História?), onze dificuldades foram mencionadas por eles: a grande quantidade de leituras; a complexidade dos textos acadêmicos; textos em língua estrangeira; a necessidade de autogerenciamento e emancipação nos estudos; disciplinas com as quais não se identificou; dificuldades com professores; a participação em eventos e projetos extracurriculares; o estágio obrigatório; a preparação de aula; descobrir que não gosta de História, que não quer ser professor no ensino fundamental e médio; e por último a distância de

deslocamento até a universidade, razão pela qual o aluno Eduardo não participou de acontecimentos do meio acadêmico.

Enquanto um aluno (Gabriel) escreve que o estágio obrigatório foi sua maior dificuldade, outro (Luana) afirma ter tido uma experiência incrível no estágio obrigatório, apesar disso não tem em seu futuro profissional a perspectiva de uma carreira docente, pois não gostou de trabalhar com a História. O trabalho historiográfico do professor sem dúvida não é tarefa simples, e Ricardo destacou exatamente isso como sua maior dificuldade durante o curso "preparar-se para a sala de aula". Vejamos o que os estudantes destacam como algo importante para suas vidas depois de todo processo de formação, apesar das dificuldades enfrentadas.

- **No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.**

Os alunos do quarto ano do curso de História destacam como relevante em sua trajetória de formação o desenvolvimento pessoal e crítico proporcionado pelo curso, essa foi a ideia que mais apareceu entre as narrativas, outras como, a convivência entre colegas e professores na universidade, a bibliografia estudada, tudo que o currículo do curso disponibilizou, e os projetos de pesquisa e extensão do contexto de graduação foram características evidenciadas pelos estudantes como importantes em sua trajetória de aprendizado, ainda que de modo pouco expressivo se comparado ao desenvolvimento pessoal e crítico, aspecto mais destacado pelos alunos.

Respostas como de Marcelo, indicando que o mais importante em sua trajetória no curso foi o aprendizado sobre "principalmente alteridade e empatia", e de Marcos que destaca a importância do conceito de alteridade em sua formação, pois o "ajudou muito a ter uma noção de como as narrativas sobre um mesmo fato podem ser distintas, e o porquê disso", apresentam dois conceitos importantes para o desenvolvimento do pensamento histórico. Peter Lee explica o conceito de empatia histórica:

> O que é que está em causa na empatia histórica? [...] a compreender acções e práticas sociais os alunos devem ser capazes de considerar (não necessariamente aceitar ou partilhar) as ligações entre intenções, circunstâncias e acções. Não se trata somente dos

> alunos saberem que os agentes ou grupos históricos tinham uma determinada perspectiva acerca do seu mundo; eles devem ser capazes de ver como é que essa perspectiva terá afectado determinadas acções em circunstâncias específicas. Isto exige o uso da evidência para estabelecer conexões entre a situação na qual as pessoas se encontram, as crenças que tiveram sobre essa mesma situação, os seus valores e ideias sobre o seu mundo. (LEE, 2003, p.20).

Ricardo demonstra em sua resposta esse entendimento quando escreve que o mais importante para ele foi ter aprendido a “respeitar a diversidade do pensamento (...) e seu debate, muito importante para o surgimento sadio de novas ideias, estudos, etc.”, é claro que a empatia histórica não se trata somente de um “respeito” à diversidade, mas sem dúvida essa disposição é essencial para um estudo histórico que é pautado na evidência, “o conceito de empatia facilita a compreensão histórica, ao aproximar as pessoas do passado às do presente” (ABUD, 2005, p.27).

Quadro 08 – No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

RESPOSTAS	TOTAL
a) Desenvolvimento pessoal e crítico	12
b) Convivência na universidade	04
c) Currículo do curso (bibliografia, atividades como produção de artigos).	03
d) Projetos de pesquisa/extensão e eventos	03
e) Professor(s)	02
f) Agentes externos (família, amigos)	02
g) Metodologia de ensino	01
Total de alunos que responderam a questão	15

No quadro acima podemos mensurar uma regularidade enunciativa maior, por parte dos alunos em suas respostas, sobre o desenvolvimento de um pensamento mais crítico proporcionado pelo curso de História, doze dos quinze

alunos mencionam esse aprendizado. Outras respostas apontam a importância de metodologias de ensino utilizadas pelos professores (Júlia), aprender o que é o estudo da História (Kátia), a mudança no modo de pensar e a perda de "pré-conceitos" (Gabriel), o diálogo proporcionado pelo ambiente universitário, os debates fomentados em sala de aula, respeito à diversidade, o trabalho com fontes históricas, estágio no Museu Histórico de Londrina que funcionou como um laboratório para o aprendizado do aluno (Leandro), e compreender a multiperspectividade da História.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano):
No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

(JÚLIA) A ajuda dos meus amigos do curso, a ajuda emocional e financeira da minha família, a ajuda de alguns professores e o método de ensino utilizado por alguns deles.

(VINICIUS) Ter contato com projeto de pesquisa.

(CECÍLIA) O diálogo entre os colegas de classe dentro e for de sala me fizeram abrir a mente para que eu conseguisse pensar conceitos históricos.

(KÁTIA) O mais importante para mim foi aprender de fato o que é o estudo da História, como ele realmente deve ser feito. Foi poder aprender como repassar tudo isso para a comunidade não acadêmica.

(EDUARDO) O crescimento pessoal e a maturidade que o conhecimento do curso me trouxeram como um todo foi muito importante.

(GABRIEL) Conhecimento crítico; leitura; perca de pré-conceitos e preconceitos de antes do curso e etc.

(LUCIA) Discussões com os colegas de sala professores. As trocas de informações e diálogos foram muito enriquecedoras.

(ISABEL) O curso de história influenciou no meu modo de pensar e na minha maturidade. Organização e produção de artigos também foi importante.

(LUANA) Organização nos estudos, carga de leitura, ritmo de graduação, produção de textos acadêmicos, que para mim, será útil na minha próxima graduação: filosofia.

(ISADORA) Pró-atividade para ter iniciativa nos estudos, trabalhos, participação em eventos, projetos de pesquisa e extensão, etc e organização.

(LEANDRO) O Museu Histórico de Londrina e o estágio não obrigatório que realizei, realizo lá, uma vez que dessa forma tive contato com a prática de ensino através das oficinas / monitorias, e a prática de pesquisa, por se tratar

de um laboratório em que há contato direto com as fontes e como lidar com elas em questões técnicas.

(MARCELO) Principalmente alteridade e empatia.

(RICARDO) Talvez o mais importante tenha sido aprender a respeitar a diversidade do pensamento de ideias e seu debate, muito importante para o surgimento sadio de novas ideias, estudos, etc.

(MARCOS) Acredito que o conceito de alteridade, visto no 1º ano na matéria de Antropologia, me ajudou muito a ter uma noção de como as narrativas sobre um mesmo fato podem ser distintas, e o porquê disso.

(BRUNO) Os professores, os colegas, a biblioteca, café, minha família.

- **Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?**

Ao questionar os estudantes acerca do conteúdo que julgariam mais interessante para ser trabalhado em sala de aula, nosso intuito foi provoca-los a pensar no sentido do ensino de História para a vida, o quê na História é importante para ser aprendido, o quê no ensino de História é crucial. Aprender História se torna relevante justamente por sua utilidade para a vida prática, para as necessidades do cotidiano.

Analisando as narrativas percebemos a necessidade de tratarmos essa questão através dos “conceitos de segunda ordem” e “conteúdos substantivos” no ensino de História. Segundo Isabel Barca os conceitos de segunda ordem, “também designados conceitos estruturais ou meta-históricos, exprimem noções ligadas à natureza do conhecimento histórico” enquanto os conteúdos substantivos dizem respeito a “noções ligadas aos conteúdos históricos” (BARCA, 2011, p.25).

São exemplos de conteúdos substantivos: a ditadura, revolução, democracia, Idade Média, Renascimento, História da América. As narrativas dos alunos apresentam mais conceitos substantivos do que de segunda ordem, eles mencionam História do Brasil, guerras mundiais, História Moderna ou Contemporânea, formação do estado de Israel, sistema político brasileiro, História Antiga, Idade Média, Ditadura Militar, Brasil República, História dos excluídos, história dos alunos, história das mulheres, temas que estão em discussão nas mídias, sexualidade e gênero, todos são da categoria dos conteúdos substantivos,

pois não são conceitos fundamentais à cognição histórica como os conceitos de explicação histórica, evidência, objetividade, narrativa, verdade, mudança, tempo, e processo, por exemplo.

Conceitos de segunda ordem aparecem poucas vezes e de modo superficial nas narrativas de apenas três estudantes: Júlia, Vinícius e Luana. Júlia enfatiza um conteúdo substantivo (História do Brasil), mas apresenta um conceito de segunda ordem no final de sua resposta (identidade), também Vinícius do mesmo modo destaca primeiramente “guerras mundiais” e “História dos excluídos”, este apesar de ser um tema mais inovador não é um conceito de segunda ordem, porém, ao explicar o porquê de sua escolha por aqueles temas, Vinícius menciona conceitos como “identidade” e “empatia”. Por último, na narrativa de Luana está presente o conceito de “tempo”, porém, assim como Júlia e Vinícius, isso aparece em segundo plano e não é explorado em nenhuma das narrativas.

É importante destacar o fato de os futuros professores de História acharem interessante trabalhar temas considerados mais novos nas pesquisas em História como “história dos excluídos”, “sexualidade e gênero”, “mídias”, “história dos alunos”, “história das mulheres”, mas é preocupante que poucos abordem conceitos estruturais para o desenvolvimento do pensamento histórico em sala de aula.

Quadro 09 – Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Conteúdos Substantivos	12
b) Conceitos de Segunda Ordem	03
Total de alunos que responderam a questão	15

Comparando as narrativas dos estudantes com a pesquisa de 2014 enquanto alunos do primeiro ano do curso, podemos notar pequenas mudanças, por exemplo, Júlia havia respondido “História Moderna e Contemporânea”, pois acreditava que através desse estudo entenderia a atual configuração mundial o que a ajudaria a se situar no tempo em que vive, já que se sentia perdida, vejamos sua narrativa enquanto ingressante no curso:

> (Júlia/ 1º ano) Conteúdos relacionados à História Moderna e Contemporânea, pelos mesmos motivos citados na resposta anterior, mas principalmente, Revolução Francesa, Revolução Russa, as 2 grandes guerras mundiais e Guerra Fria. (SILVEIRA, 2014, p.38).

Os motivos que ela cita em outra resposta ao questionário são os seguintes:

> [...], pois acredito que esses dois períodos foram cruciais para a solidificação da atual configuração do mundo, e eu me sinto um pouco perdida em relação a alguns assuntos que permeiam nossa sociedade hoje, mas que eu acredito que são diretamente influenciados pela História Moderna e Contemporânea. (SILVEIRA, 2014, p.38).

Em sua resposta no quarto ano Júlia demonstra estar preocupada com o sentido da História para o aluno, ao afirmar que “História do Brasil [...] talvez faça mais sentido para o cotidiano do aluno”, Júlia parece estar considerando que os conteúdos estudados em História do Brasil podem ter uma relação mais direta com a realidade do aluno e ajudá-lo em seu cotidiano na vida prática.

Vinícius mudou bastante sua resposta do primeiro para o quarto ano, no início, seu interesse voltava-se para um conteúdo que para ele tinha sido pouco compreendido e lhe provocava curiosidade (História Medieval), já no quarto ano ele passa de um conteúdo substantivo clássico e amplo, para algo mais inovador e específico, como “História dos excluídos e/ou marginalizados” e “gênero”, mais importante ainda é o fato do estudante mencionar conceitos de segunda ordem como identidade, sujeito, empatia e o “entendimento da história enquanto uma construção”, o quee trata da natureza do conhecimento histórico.

> (VINICIUS / 1º ANO) **História Medieval**, porque é uma matéria cheia de curiosidades que não foram bem explicadas para mim antes de entrar na faculdade. (grifo nosso)
>
> (VINICIUS / 4º ANO) Eu gostaria de trabalhar **História dos excluídos** e/ou dos marginalizados, tocando em novas perspectivas como a de gênero. Acho que um assunto que fascina os alunos são as **guerras mundiais**, então acho um assunto interessante. Eu considero esses assuntos interessantes a medida que os alunos tem contato com uma história para além da tradicional e poder encontrar sentido para suas **identidades** e de outros **sujeitos**, adquirindo dessa forma **empatia** e o **entendimento** da história enquanto uma construção. (grifo nosso)

Kátia não apresenta mudança quanto ao conteúdo que destacou em sua narrativa como sendo o mais interessante para o ensino de História, permanecendo em um conteúdo substantivo.

> (KÁTIA / 1º ANO) Não sei como responder à essa pergunta, porque não tem um conteúdo que eu ache menos importante. Mas com toda certeza não pode falar a **história do Brasil**. Porque nosso país é uma mistura muito grande, formado de uma forma muito diferente dos demais, nós discutimos até sobre nossa identidade, se ela existe, se ela é distinta ou não. Acho que falta um pouco mais de conhecimento sobre si mesmo para que os cidadãos brasileiros consigam viver melhor, entendendo mais seus direitos e deveres, de onde vieram, o que podem fazer para melhorar. Tudo isso pode ser melhorado se houver uma atenção maior no estudo da história do Brasil. (grifo nosso)
>
> (KÁTIA / 4º ANO) **História do Brasil**. Porque se os alunos pudessem compreender as relações da história de nosso país com a realidade deles, eles poderiam ter mais controle de suas ações, a alienação clara que existe na nossa sociedade poderia diminuir. (grifo nosso)

Já Cecília apresenta uma mudança sobre o conteúdo que acharia interessante de trabalhar em sala de aula, porém também permanece em um conteúdo substantivo:

> (CECÍLIA / 1º ANO) A **Era Vargas**. Porque acredito que tenha sido um período no Brasil de grandes acontecimentos e controvérsias. (gripo nosso)
>
> (CECÍLIA / 4º ANO) Acredito ser interessante trabalhar a própria **história dos alunos**, fazer com que façam pesquisa com o passado de sua família. (grifo nosso)

No primeiro ano do curso Cecília destaca o período do governo de Getúlio Vargas no Brasil e justifica sua escolha na “grandiosidade” e nas “controvérsias” desse período, já no quarto ano Cecília afirma que trabalharia com a “história dos alunos”, incentivando-os a fazer uma pequena pesquisa histórica familiar. Apesar de fazer uma escolha mais inovadora em sala de aula, e demonstrar interesse em ensinar os alunos a fazer uma pesquisa histórica, Cecília permanece em um conteúdo substantivo.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano): Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

(JÚLIA) Em geral, qualquer conteúdo relacionado à **História do Brasil**, pois é algo que talvez faça mais sentido para o cotidiano do aluno, pois faz parte da **formação** de sua **identidade** e do lugar onde ele vive. (grifo nosso)

(VINICIUS) Eu gostaria de trabalhar **História dos excluídos** e/ou dos marginalizados, tocando em novas perspectivas como a de gênero. Acho que um assunto que fascina os alunos são as **guerras mundiais**, então acho um assunto interessante. Eu considero esses assuntos interessantes a medida que os alunos tem contato com uma história para além da tradicional e poder encontrar sentido para suas **identidades** e de outros sujeitos, adquirindo dessa forma **empatia** e o entendimento da história enquanto uma construção. (grifo nosso)

(CECÍLIA) Acredito ser interessante trabalhar a própria **história dos alunos**, fazer com que façam pesquisa com o passado de sua família. (grifo nosso)

(KÁTIA) **História do Brasil**. Porque se os alunos pudessem compreender as relações da história de nosso país com a realidade deles, eles poderiam ter mais controle de suas ações, a alienação clara que existe na nossa sociedade poderia diminuir. (grifo nosso)

(EDUARDO) Algum tema de **história moderna ou contemporânea**, acho que seria mais legal por ter uma proximidade maior em relação à realidade temporal dos alunos. (grifo nosso)

(GABRIEL) Temas de **história contemporânea**. Pela proximidade com as realidades dos alunos. (grifo nosso)

(LUCIA) Qualquer conteúdo que ajude a entender o mundo hoje. Por exemplo: **formação do Estado de Israel**, funcionamento do **sistema político brasileiro**, etc. (grifo nosso)

(ISABEL) **História Antiga**. Porque é algo que desperta a curiosidade dos alunos. (grifo nosso)

(LUANA) **Idade Média e Idade Moderna**, porque eu tenho estudado com mais afinco essas duas **"temporalidades"**. (grifo nosso)

(ISADORA) **Idade Média**, porque eu gosto. (grifo nosso)

(LEANDRO) As questões que dialogam com o tema de meu tcc, como **história das mulheres, das sexualidades, discussões de gênero.** (grifo nosso)

(MARCELO) Principalmente transversais e **que estão em discussão nas mídias**. (grifo nosso)

(RICARDO) **História do Brasil**, tanto o período imperial quanto o republicano. O primeiro por estar na imaginação popular: "Monarquia na América", além de sua longa duração. O período republicano, principalmente da Era Vargas em diante, por ainda estar presente na "memória recente" do povo, sendo então uma discussão muito necessária na atualidade por suscitar discussões fortes nos dias atuais. E eu gosto muito de História do Brasil. (grifo nosso)

(MARCOS) **Ditadura Militar**, por ser um tema que tenho mais afinidade. (grifo nosso)

> (BRUNO) **Brasil República**, pois acredito que os alunos conseguiram se identificar mais fácil com esse tema. (grifo nosso)

- **Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?**

Nessa questão os graduandos apresentam escolhas de pesquisa com temas desde os mais tradicionais como História do Brasil, as grandes guerras e ditadura militar, até os mais novos como temas relacionados a discussões sobre gênero e sexualidade, questão ambiental e patrimonial, e temas relacionados às mulheres.

As razões que apresentam em suas narrativas são de demandas pessoais, como interesse, curiosidade ou experiência pessoal (por exemplo, Júlia, Cecília, Isabel, Isadora, Bruno, entre outros que expressam outras razões além desta); influência da participação em projeto de extensão ou iniciação científica durante o curso (Lúcia, Ricardo); indicação do professor-orientador (Marcelo); impacto que o tema causou em sua vida (Vinícius); expectativa de gerar mudanças (Kátia); por acreditar ser um tema de relevância social (Eduardo); pela proximidade com as fontes (Gabriel); memória afetiva (Luana); para fomentar discussões a fim de combater preconceitos (Leandro); e pela possibilidade de um trabalho interdisciplinar (Marcos).

O que observamos de mais preocupante nas narrativas, não foram os temas escolhidos, mas sim a completa ausência do Ensino de História nas respostas dos alunos. Temas de pesquisa relacionados ao ensino da História não aparecem, e nenhum dos quinze formandos escolheu desenvolver pesquisa nesse campo.

Quadro 10 – Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Ditadura Militar	03

b) Relacionado às mulheres	02
c) Movimentos sociais	01
d) História do Brasil	01
e) Literatura	02
f) Identidade	01
g) Grandes Guerras	01
h) Religiosidade(s)	01
i) Gênero e sexualidade	01
j) Ambiental e Patrimonial.	02
Total de alunos que responderam a questão	15

Nas respostas dos alunos não há um tema que apresente uma escolha expressivamente maior ou menor, e existe uma diversidade de áreas e temas contemplados pelas opções de pesquisa para os trabalhos de conclusão de curso. O fato de nenhum, dos 15 (quinze) formandos, escolher um tema relacionado ao ensino de História nos preocupa e surpreende levando em consideração que a maioria destes alunos participou do PIBID[16] (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) conforme as respostas à questão número 11 (onze) do questionário “Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?”.

Apesar do PIBID não ser um projeto de iniciação científica, e o seu objetivo estar em torno da articulação entre ensino superior e escola, a fim de proporcionar melhoria do ensino nas escolas públicas e da formação inicial dos professores, o PIBID é um programa que acaba incentivando a pesquisa na área do ensino de História, além de contribuir para a valorização do magistério, e inserir o licenciando “no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-

[16] O PIBID é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem o objetivo de incentivar a iniciação à docência, para aprimorar a formação docente em nível superior e, por conseguinte, melhorar a qualidade da educação básica pública no Brasil. O PIBID funciona através da concessão de bolsas para estudantes da licenciatura, professores das redes públicas, e professores da universidade, que passam a trabalhar juntos, proporcionando sobretudo o contato do estudante de licenciatura com o ambiente escolar enquanto futuro professor, colocando em prática os conhecimentos adquiridos no ambiente acadêmico.

lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar" (CAPES, 2008), oportunizando ao estudante o enfrentamento e a busca por superação das dificuldades presentes no processo de ensino-aprendizagem.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano): Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

(JÚLIA) Ainda não possuo um tema definido com um recorte, mas será um subtema dentro da **Ditadura Militar brasileira**. Porque é um tema pelo qual eu sempre me interessei. (grifo nosso)

(VINICIUS) No meu TCC eu procuro analisar a construção ou as relações de poder que envolveram **a participação das mulheres nas primeiras comunidades judaico-cristãs** de nossa era. Faço tanto uma análise do que está externo ao sujeito e que o constitui enquanto sua subjetividade, e levo em conta as técnicas que ele opera sobre si. Eu escolhi esse tema a partir da minha própria experiência dentro da instituição religiosa cristã, que construiu um discurso que excluía e proibia as mulheres de assumirem cargos de liderança dentro dessa estrutura. Ao estudar esse tema no projeto de IC entrei em confronto ao perceber que esse discurso e prática foi mais uma construção do que uma característica natural. (grifo nosso)

(CECÍLIA) Meu tema é o **Movimento Operário no Chile**, no período do Governo Allende. Escolhi esse tema porque as ações populares me chamou a atenção. (grifo nosso)

(KÁTIA) Estudo do **século XIX no Brasil (invenção de um passado republicano)**. Escolhi este assunto porque percebi que ainda se propaga esse imaginário inventado até hoje e achei interessante tentar mudar esse quadro. (grifo nosso)

(EDUARDO) Meu TCC irá trabalhar com a **literatura de Gabriel Garcia Marquez**, em especial a obra O amor nos tempos da cólera e os elementos dessa obra literária que podem ser trazidos para a história para se falar de aspectos da Colômbia do século XX. Escolhi esse tema principalmente pelo meu gosto por literatura, em segundo lugar pela relevância social que eu acredito que um estudo de história da América Contemporânea possa ter. (grifo nosso)

(GABRIEL) **Identidade Nipônica no Município de Rolândia**, pela proximidade com as fontes. (grifo nosso)

(LUCIA) Meu tema é "Rádio Auriverde: uma interpretação da participação brasileira na **segunda Guerra Mundial**". O tema é fruto de um projeto de Iniciação Científica sobre o Brasil e a Segunda Guerra. Gostei tanto da temática que decidi continuar trabalhando com a área. (grifo nosso)

(ISABEL) Para meu TCC, eu analiso as influências zocasterianas presentes no antigo testamento judaico (TANAKH). Analiso mais precisamente a **representação do mal (Satanás) nas escrituras hebraicas** do séc. VI a.C.

Porque eu sempre me interessei pela História Antiga e **História das Religiões**. (grifo nosso)

(LUANA) Como o arquétipo medieval de mago, baseado na **literatura**, influencia a leitura dos meus objetos de análise, o mago Merlin, memória afetiva da infância com o filme "A espada era a lei" (1963) do Reitherman. (grifo nosso)

(ISADORA) Identificar as características exigidas pela sociedade medieval para que uma mulher fosse considerada santa, trabalho com hagiografias do séc. XIII da Inglaterra anglo-saxã. Optei por este tema por gostar de **História das Mulheres e de história medieval**. (grifo nosso)

(LEANDRO) **A relação de homens homossexuais com a cidade de Londrina** ao longo de 3 gerações. Escolhi devido a necessidade de se retomar discussões a respeito de temas como esses (gênero e sexualidade) em todos os âmbitos, inclusive o acadêmico de modo a bater de frente com o aumento do discurso conservador. (grifo nosso)

(MARCELO) **"Impactos ambientais** da construção da represa do Capivara", escolhi o tema por indicação do meu orientador e também pelo fenômeno ter atingido minha cidade natal. (grifo nosso)

(RICARDO) **Patrimônio ferroviário**, especificamente a Manobreira Lemluse 101 estacionada no pátio do Museu Histórico de Londrina. Escolhi o tema devido à proximidade com a instituição, realizo estágio na mesma desde o 1º ano da graduação, e também pelo fato de haver disputa pela permanência ou não da peça ferroviária na cidade. (grifo nosso)

(MARCOS) **Ação da Ditadura Militar na UEL**. Por ser um tema intrigante e que possui a oportunidade de trabalhar dentro de uma interdisciplinaridade. (grifo nosso)

(BRUNO) Meu tema é a relação do governo Geisel com a abertura política da ditadura militar, tendo como fonte os seus discursos presidenciais. Escolhi esse tema porque me interesso muito pelo período da **ditadura militar**. (grifo nosso)

b) Questões Teóricas

Conforme o Quadro 05, as perguntas do questionário, aplicado em 2017 aos alunos do quarto ano matutino do curso de História da UEL, que dizem respeito a questões teóricas são as seguintes:

- Qual o papel do Historiador quando ensina História.
- O que é História para você?
- Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

- **Qual o papel do Historiador quando ensina História.**

> (BRUNO) O papel do historiador ao ensinar deve ser despertar nos alunos um pensamento histórico, ou seja, fazer com que os alunos aprendam a pensar a História, em vários ritmos de duração, que entendam a relação entre os diversos setores da sociedade, por exemplo.

Como “despertar nos alunos um pensamento histórico”? Ao responder a questão desse modo, que o “papel do historiador ao ensinar deve ser despertar nos alunos um pensamento histórico”, o aluno Bruno dá a ideia de que o pensamento histórico está adormecido, e isso não tem referência no estudo da cognição histórica, o pensamento histórico pode ser desenvolvido, não despertado, o que o Historiador talvez possa despertar no aluno quando ensina História é a sua curiosidade, interesse ou motivação para o aprendizado. Contudo, na segunda parte de sua resposta o aluno explica melhor o que quis dizer quando continua escrevendo que o papel do historiador em sala de aula é “fazer com que os alunos aprendam a pensar a História”, aprender a pensar historicamente, fazendo questionamentos às fontes históricas, partindo de questões presentes na contemporaneidade para buscar no passado respostas e orientações à demandas da vida, esse é o papel do historiador quando ensina História.

As fontes históricas são indispensáveis para o processo de ensino e aprendizagem e o que fazemos com as fontes determina o que obtemos delas. Desse modo, os questionamentos feitos sobre a fonte histórica também fazem parte da base que vai levar o aluno a aprender “a pensar a História” como escreveu Bruno, extraindo dados e evidências das fontes para elaborar explicações históricas coerentes, com argumentos fundamentados na pesquisa realizada.

É necessário fazer perguntas às fontes para que haja pesquisa histórica e por meio desse processo aluno poderá compreender o que são fontes históricas, como problematizá-las e como materializar essa reflexão em forma de narrativa que exponha evidências e argumentos. Nas respostas dos alunos, a maioria concorda que o papel do Historiador em sala de aula é desenvolver o pensamento histórico, ou como alguns escrevem o pensamento crítico de seus alunos.

Outras ideias também aparecem nas narrativas como o papel do professor de História em ensinar a respeito da multiperspectividade presente na historiografia, e discutir questões referentes à formação de identidade. Ainda outras

ideias foram apontadas pelos alunos como “dar acesso a informações”, “apresentar conteúdos” e “mediar o conhecimento”.

É preocupante que um futuro professor de História limite sua função em levar aos seus alunos informações, com a tecnologia disponível hoje os alunos podem ter acesso facilmente a uma infinidade de informações, o papel do professor de História não pode ser apenas levar informação, e sim desenvolver nos alunos a capacidade de extrair das informações disponíveis algo que faça sentido à vida prática e ajude a responder às demandas do presente.

A ideia que o papel do professor é apresentar conteúdos nos causa ainda mais inquietação pelo fato de muitas pesquisas em ensino de História já terem superado essa ideia tradicional de que uma boa aula de História depende de “apresentar da melhor maneira os conteúdos propostos” conforme escreveu a graduanda Lucia. Sobre a ideia do professor “mediar o conhecimento”, o conceito de mediador para o professor não é condizente com a educação histórica. A educação histórica entende o professor historiador como intelectual que atende as demandas do pensamento histórico no processo de ensino aprendizagem e ajuda os alunos na busca pelas respostas às carências de orientação.

Quadro 11 – Qual o papel do Historiador quando ensina História.

RESPOSTAS	TOTAL
a) Desenvolver o pensamento crítico do aluno	05
b) Desenvolver o pensamento histórico do aluno	07
c) Mostrar a multiperspectividade da história	03
d) Formação de identidade	02
e) Dar acesso a informações	01
f) Apresentar conteúdos	01
g) Mediar conhecimento	01
Total de alunos que responderam a questão	15

Observando o quadro acima é animador perceber que uma ideia mais conservadora e tradicional sobre o papel do professor corresponda a uma minoria entre os estudantes, o que prevalece é a ideia de que a função do professor de História é desenvolver o pensamento crítico dos alunos, porém, é frustrante pensar que nem todos sairão do curso de História com questões fundamentais como esta, bem definidas, e que poderão levar concepções desatualizadas para sua prática enquanto professores de História.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano): Qual o papel do Historiador quando ensina História.

(JÚLIA) Ajudar o aluno a pensar por conta própria, a encontrar o caminho para construir o próprio raciocínio, mas antes, **oferecendo ao aluno as diferentes perspectivas** existentes, para que elas possam fazer suas próprias escolhas.

(VINICIUS) O papel do profissional varia conforme seu entendimento do que é História e de qual a sua importância. Ao meu ver o seu papel **é mostrar a mudança** das coisas dentro de um recorte temporal, **desvelar discursos** marginalizados, **desnaturalizar estruturas** e hierarquias opressoras, construir identidades e **atribuir significado** a termos e acontecimentos do tempo presente.

(CECÍLIA) O Historiador tem papel importante para a formação da identidade das pessoas.

(KÁTIA) É poder dar acesso às pessoas no que se refere à informações, é conseguir relacionar a realidade das pessoas com qualquer assunto, é poder dar acesso à várias perspectivas de diversos assuntos.

(EDUARDO) Acredito que em sala de aula o papel do historiador seja o de **problematização** do conhecimento com os alunos, com a participação destes. O historiador como professor deve também passar para os alunos que eles também se situam na história, fazem parte dos processos e que eles próprios tem suas histórias. Também é importante ser trabalhado a **multiplicidade de narrativas**, que apesar de eu não ter citado na questão 1, eu acredito que é uma parte importante da história, sendo essa também a narrativa sobre o passado.

(GABRIEL) Apresentar um estudo crítico sobre determinado assunto **fazendo com que os alunos questionem** esse assunto e pensem por si próprios.

(LUCIA) Acredito que o papel do historiador no ensino da História consiste em apresentar da melhor maneira os conteúdos propostos, levando ao aluno pensar de forma mais crítica sobre os acontecimentos passados resultaram no cenário atual.

(ISABEL) Ao ensinar, o historiador tem o papel de despertar o aluno e **levá-lo a questionar** a história.

(LUANA) **Mediar** o conhecimento histórico **para orientação** de quem se ensina.

(ISADORA) O Historiador, ao ensinar, deve estar atento a não ser instrutivo. O ensino de história deve abarcar o **ensino da alteridade**, identidade, cidadania, etc.

(LEANDRO) Como professor de qualquer disciplina, sua função é **mediar** o conhecimento entre aluno e o próprio conhecimento.

(MARCELO) Ao ensinar História, o Historiador tem, acima de tudo, **um papel social e político**. Tem o papel de **formar cidadãos** pensantes e capazes de se situar no tempo e espaço.

(RICARDO) Ao ensinar História, o historiador deve buscar fazer seu aluno entender-se enquanto ser histórico e participante de seu contexto, além de buscá-lo fazer entender sua colocação na sociedade, seja através de sua posição social, origem familiar, etc.

(MARCOS) Ao dar aulas no ensino básico, o professor de História tem como função **aguçar o senso crítico dos alunos**, ajudando-os assim a analisar as situações cotidianas de uma forma menos simplista, dualista, e conseguir compreender a multiplicidade de opiniões, visões e discursos presentes na sociedade.

(BRUNO) O papel do historiador ao ensinar deve ser despertar nos alunos um pensamento histórico, ou seja, fazer com que os alunos aprendam a pensar a História, em vários ritmos de duração, que entendam a relação entre os diversos setores da sociedade, por exemplo.

- **O que é História para você?**

> História para mim é o estudo do passado a partir do presente capaz de suprir as carências de orientação do homem, para que ele possa compreender, além do seu meio, sua identidade, sua história, seu passado, enfim, quem ele é. Além disso, é através deste sentido encontrado pela História que é possível ao homem encontrar perspectiva no futuro. (Júlia / 4º ano)

A resposta de Júlia quanto sua concepção de História, é uma das narrativas que mais se aproxima dos princípios da Educação Histórica referente ao conceito de História e sua função para a vida prática. A aluna demonstra um entendimento da importante relação passado-presente-futuro, define História enquanto um estudo capaz de suprir as carências de orientação, uma clara referência aos estudos de Jörn Rüsen, muito utilizado nas pesquisas em ensino de História. Além disso, menciona o papel importante que a História desempenha, de definir identidades, atribuir significados, desenvolver a capacidade de compreender

contextos históricos, sociais, políticos, econômicos diferentes, e gerar perspectivas de futuro, uma resposta muito mais elaborada em relação àquilo que respondeu no primeiro ano do curso:

> (JÚLIA / 1º ANO) Para mim, a História é o estudo do efeito do tempo sobre as pessoas e sobre a sociedade. É a disciplina que auxilia o homem a compreender e a se situar na sociedade em que ele vive.

A princípio pensamos que a aluna quisesse dizer que a História é "o estudo da ação do homem no tempo" conforme definição clássica do historiador Marc Bloch (2001) em seu célebre livro "Apologia da História ou Ofício de Historiador", lembrando que leituras como esta normalmente são estudadas na disciplina de Introdução à História no primeiro ano do curso de História, mas a estudante disse que a História para ela é o estudo da ação do tempo sobre o homem e sobre a sociedade e não a ação do homem no tempo, ou seja, ela coloca em primeiro plano o conceito de tempo, para ela é o transcurso temporal das coisas que incide sobre o homem e sua vida em sociedade.

No quarto ano Júlia há uma mudança em sua resposta, História para a futura professora de História é "o estudo do passado a partir do presente capaz de suprir as carências de orientação do homem". Aproximam-se da concepção de História que Júlia demonstrou as respostas de Eduardo "História para mim é a área do conhecimento que estuda o passado usando como lente os conceitos que foram criados em cada época ao longo da história"; Gabriel "Estudo do passado partindo dos problemas do presente"; Lúcia "História é uma área que estuda os discursos produzidos acerca de eventos passados [...] auxilia a sanar a carência de orientação"; Isabel "História pra mim é um conjunto das possíveis análises das ações do homem em determinado tempo e espaço"; Luana "estudo do homem no tempo que serve para orientação do homem nos três tempos (passado – presente – futuro)"; Isadora "História é o estudo dos feitos do homem ao longo do tempo, seus processos e suas consequências"; Leandro "estudo do homem e da sociedade no decorrer do tempo"; Marcelo "estudo do homem no tempo e no espaço"; Ricardo "História é o entendimento das ações do homem ao longo (do tempo)"; e Marcos "estudo das interações sociais no decorrer do tempo";

Entretanto, Vinícius parece ter retrocedido em relação a sua compreensão sobre História, no primeiro ano do curso, em resposta à pesquisa de 2014, ele responde que História é uma disciplina que levanta questionamentos, discussões e

permite que o indivíduo entenda o seu passado, esboçando as ideias de problematização do conhecimento e compreensão histórica sobre o passado. No quarto ano podemos ver que o aluno reduz a História a acontecimentos passados e uma disciplina que estuda o passado.

> (VINICIUS / 1º ANO) História para mim é uma disciplina que levanta questionamentos, discussões e permite o indivíduo entender o seu passado, além de conhecer temas do pensamento humano tão importantes na vida do cidadão.
>
> (VINICIUS / 4º ANO) História possui dois sentidos: o primeiro, de um passado, daquilo que já passou, em segundo significa uma disciplina que estuda o passado, mais especificamente o transcurso temporal das coisas.

A narrativa de Kátia apresenta uma compreensão ainda limitada do que é História, mas demonstra uma ideia menos vaga. No primeiro ano a definição de História se resumia a uma palavra: “tudo”. No quarto ano História significa “ter acesso a questões de si e do mundo”, o que podemos pensar em algo relacionado ao sujeito histórico.

> (KÁTIA / 1º ANO) Sinceramente? História é tudo. Literalmente tudo. Nada acontece sem que vire história. Desde aquilo que as pessoas consideram mais banal, até grandes fatos históricos que viram filmes. Não vejo outra resposta.
>
> (KÁTIA / 4º ANO) História é poder ter acesso a questões de si e do mundo que muitas vezes estão nubladas para nós; é poder se tornar um cidadão crítico e não deixar que terceiros tomem atitudes por você.

Quadro 12 – O que é História para você?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Estudo das ações do homem em determinado tempo e espaço.	07
b) Estudo de discursos acerca do passado	01
c) Estudo do passado partindo do presente para responder às carências de orientação e	02

encontrar perspectivas de futuro.	
d) Estudo do passado e sua escrita	02
e) Uma ciência	01
f) Narrativa(s)	01
Total de alunos que responderam a questão	15

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano): Quadro 12 – O que é História para você?

(JÚLIA) História para mim é o **estudo do passado a partir do presente capaz de suprir as carências de orientação do homem**, para que ele possa compreender, além do seu meio, sua identidade, sua história, seu passado, enfim, quem ele é. Além disso, é através deste sentido encontrado pela História que é possível ao homem encontrar perspectiva no futuro. (grifo nosso)

(VINICIUS) História possui dois sentidos: o primeiro, de **um passado, daquilo que já passou**, em segundo significa **uma disciplina que estuda o passado**, mais especificamente o transcurso temporal das coisas. (grifo nosso)

(CECÍLIA) História é a **ciência que estuda as relações** sociais, culturais, políticas e econômicas no tempo. (grifo nosso)

(KÁTIA) História é poder **ter acesso a questões de si e do mundo** que muitas vezes estão nubladas para nós; é poder se tornar um cidadão crítico e não deixar que terceiros tomem atitudes por você. (grifo nosso)

(EDUARDO) História para mim é a **área do conhecimento que estuda o passado** usando como lente conceitos que foram criados em cada época ao longo da história, esses conceitos foram criados dentro da escrita acerca da história, a historiografia. (grifo nosso)

(GABRIEL) **Estudo do passado partindo dos problemas do presente**.

(LUCIA) História é **uma área que estuda os discursos produzidos acerca de eventos passados**. Tal campo auxilia a sanar a **carência de orientação** da humanidade em relação ao tempo. (grifo nosso)

(ISABEL) História pra mim é **um conjunto das possíveis análises das ações do homem em determinado tempo e espaço**.

(LUANA) O **estudo do homem no tempo que serve para orientação** do homem nos 3 tempos (passado – presente – futuro). (grifo nosso)

(ISADORA) História **é o estudo dos feitos do homem ao longo do tempo**, seus processos e suas consequências. (grifo nosso)

(LEANDRO) O **estudo do homem e da sociedade no decorrer do tempo.** (grifo nosso)

(MARCELO) História, a meu ver, é o **estudo do homem no tempo e no espaço**, e também minha paixão. (grifo nosso)

(RICARDO) História é o **entendimento das ações do homem ao longo (do tempo)**. História é entender esse **movimento** humano, suas **implicações e consequências**. História é poder situar-se no tempo e no espaço e entender seu contexto e lugar no mundo, ganhando assim perspectivas para lidar com as situações cotidianas. (grifo nosso)

(MARCOS) O **estudo das interações sociais no decorrer do tempo**. (grifo nosso)

(BRUNO) História **é uma narrativa sobre o passado**. Contudo, a História não é ficção, já que ela parte da realidade. Além disso, há divergências nas narrativas, o que mostra a impossibilidade de uma História única, oficial. (grifo nosso)

- **Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?**

Existe certa confusão entre os alunos quanto ao significado e a diferença entre matriz teórica, metodologia, campo de pesquisa, e conceitos específicos de um campo de pesquisa. O termo “matriz teórica” diz respeito a uma ou mais teorias relacionadas a uma concepção específica, por exemplo, no caso de concepções históricas podemos citar concepções marxistas, neomarxistas, positivistas, escola metódica, da escola dos *Annales*, da História Cultural, ou seja, uma matriz teórica em História trata-se de uma fundamentação teórica com pressupostos historiográficos diferentes e, portanto, concepções diferentes para o ensino de História em sala de aula. A “metodologia”, seja de ensino ou de pesquisa, consiste em métodos definidos para a produção de conhecimento científico, cada área possui metodologia própria.

Um “campo de pesquisa” é uma expressão que designa uma área de discussões e investigações científicas acadêmicas. A Educação Histórica, por exemplo, é um campo de pesquisa que se dedica ao estudo da natureza do conhecimento histórico. Cada campo de pesquisas possui “conceitos específicos” da área de conhecimento que abrange. Em Educação Histórica a aula-oficina, por exemplo, é um conceito muito importante que foi desenvolvido por Isabel Barca

(2004), conceito este que os estudantes mencionam em maior número em suas respostas.

Quadro 13 – Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Aula-Oficina de Isabel Barca	10
b) Não consegue identificar uma matriz	03
c) Não respondeu à pergunta	01
d) Outros referenciais (Rüsen, Lee, Candeau, Helena Pinto, Joon Scott, Cainelli, Circe Bittencourt, Guarinelo, Funari, Paulo Freire).	07
Total de alunos que responderam a questão	15

Acreditamos que pode haver pelo menos duas razões para a presença expressiva do conceito de aula-oficina entre os alunos, a participação destes estudantes no PIBID durante a graduação, e nas aulas que ministramos em nossa disciplina de Estágio de Docência na Graduação, parte da grade curricular do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHS) da UEL, na qual trabalhamos especificamente o conceito de Aula-Oficina de Isabel Barca (2004) dentre outros conteúdos.

O PIBID de História da UEL tem por objetivo:

> - Consolidar a formação inicial do licenciando em História com práticas articuladas com a pesquisa e extensão.
> - Elaborar metodologias para o efetivo uso dos livros didáticos de História na formação de leitores tendo o professor como mediador deste processo.
> - Caracterizar os tipos de narrativas históricas presentes nos livros didáticos de História distribuídos pelo Ministério da Educação.
> -Formação de grupos de estudos entre os participantes do projeto (licenciandos, professor supervisor e coordenador) para discussão de fundamentos teóricos relevantes para a aprendizagem histórica dos alunos.
> - Articulação do planejamento das aulas juntamente com o professor supervisor superando a dicotomia academia/escola básica na formação do licenciando de história.

> - Produção de materiais didáticos no âmbito do Laboratório de Ensino de história para posterior desenvolvimento na escola juntamente com o professor supervisor.
> - Desenvolvimento de metodologias de análise e produção de narrativas históricas para uso de alunos do ensino fundamental.
> - Produção de metodologias de ensino que possam ajudar na compreensão, interpretação, explicação e produção de textos históricos.
> - Valorização do livro didático enquanto fonte documental para aprendizagem da História. (PIBID História/UEL, 2018).

Dentre os objetivos destacamos principalmente, as práticas articuladas com a pesquisa, os grupos de estudos para discussão de fundamentos teóricos relevantes para a aprendizagem histórica dos alunos, e a produção de metodologias de ensino, três objetivos que incentivam os alunos no estudo e na pesquisa em ensino de História. Além disso, no site do PIBID História/UEL, consta o texto “Aula-Oficina: Do Projeto à Avaliação” de Isabel Barca (2004) como leitura base para os participantes do programa, outra razão para a presença maciça do conceito de aula-oficina e da autora Isabel Barca na resposta dos alunos.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano):

Quadro 13 – Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

(JÚLIA) Metodologia de aula-oficina da Isabel Barca, além de alguns conceitos utilizados por Jorn Rusen e Peter Lee.
(VINICIUS) Não consigo identificar uma matriz.
(CECÍLIA) Procurei me utilizar da aula oficina da Isabel Barca.
(KÁTIA) Todas eu me utilizei dos métodos da Isabel Barca.
(EDUARDO) Ainda não, mas tendo a achar as ideias de Paulo Freire interessantes.
(GABRIEL) Não.
(LUCIA) Acredito que a matriz teórica seja a de educação histórica de Jorn Rusen e Peter Lee, com a metodologia da aula-oficina da historiadora Isabel Barca.
(ISABEL) Utilizamos Isabel Barca para montar as aulas e Guarinelo e Funari para montarmos o conteúdo.
(LUANA) Candeau, Barca, Lee, Helena Pinto, Cainelli, Scott.

(ISADORA) Candeau, Barca, Lee, Helena Pinto, Cainelli, etc.

(LEANDRO) Barca, Joon Scott, Candeau, Peter Lee e Cainelli.

(MARCELO) Utilizei a metodologia da aula oficina, criada por Isabel Barca, que é do campo de Educação Histórica.

(RICARDO) Utilizamos o modelo de aula-oficina de Isabel Barca. Matriz teórica foi a Educação Histórica.

(MARCOS) Alguns livros de Paulo Freire discorrem sobre aproximar a temática de sua aula para o "mundo" do aluno, e isso, quando colocado em prática, funciona muito bem.

(BRUNO) Sim. Paulo Freire, Jorn Rusen, Circe Bittencourt, Peter Lee, etc.

c) Questões Profissionais

Conforme o Quadro 02, as perguntas do questionário que diz respeito a questões profissionais são as seguintes:

- Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?
- Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?
- Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas?
- Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

- **Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?**

Existe uma predileção pelo ensino superior entre os futuros professores que é preocupante já que a grande maioria terá que atuar no ensino fundamental e médio pelo fato de não haver vagas suficientes para todos em universidades ou faculdades públicas ou particulares. Sobre isso, podemos inferir algumas razões pelas quais os estudantes manifestam preferência em atuar no ensino superior ao invés do ensino fundamental e médio, como por exemplo, melhores salários, progressão de carreira, *status social*, maior possibilidade de trabalhar com projetos de pesquisa e extensão, e maior engajamento acadêmico em eventos e congressos.

Outro motivo que podemos supor quanto à predileção dos alunos em atuarem no ensino superior, com base nas narrativas, é o fato de alguns deles

mencionarem que o professor, outrora aquele que inspirou e incentivou a escolha pelo curso de História, ter se tornado um problema na graduação, por essa razão talvez os estudantes queiram atuar na universidade para fazer diferente e então inspirar e incentivar outros alunos como eles mesmos foram no ensino fundamental e médio.

Quadro 14 – Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Ensino Médio	07
b) Ensino Superior	10
c) Nos três níveis de ensino	01
d) Nenhum dos três níveis de ensino	01
e) Não disse para qual nível	02
Total de alunos que responderam a questão	15

Alguns alunos se equivocaram na compreensão da pergunta, talvez uma reformulação em nossa questão pudesse ter evitado esse problema, por exemplo, questionando os alunos da seguinte forma: “Em qual dos três níveis de ensino (fundamental; médio ou superior) você gostaria de atuar como professor?”. Seria interessante também se tivéssemos questionado as razões pelas quais escolheriam determinado nível de ensino, porém não incluímos nessa questão o “por que” da escolha, o que pode ter influenciado para respostas curtas e muito objetivas como podemos ver na maioria das narrativas, com exceção de Eduardo e Isabel que esboçaram uma justificativa para sua escolha.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano): Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

(JÚLIA) Ensino Médio e Superior.

(VINICIUS) Gostaria de atuar como professor de ensino médio e superior.

(CECÍLIA) Sim, gostaria de atuar como professora.

(KÁTIA) Superior.

(EDUARDO) Gostaria mais de dar aula no ensino médio e futuramente no superior, mas creio que quando um professor está procurando trabalho no começo de carreira, não cabe a ele escolher.

(GABRIEL) Não.

(LUCIA) Gostaria de atuar como professora do ensino médio e superior.

(ISABEL) No ensino fundamental e médio não. Gostaria de seguir pesquisa e lecionar em universidades.

(LUANA) Médio, mas de filosofia e não de história.

(ISADORA) Superior.

(LEANDRO) Médio ou Superior.

(MARCELO) Sim, espero ter experiência em todos os níveis.

(RICARDO) Sim, gostaria.

(MARCOS) Superior.

(BRUNO) Médio e, principalmente, superior.

- **Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?**

A maioria dos futuros professores de História expressa em suas narrativas que gostariam de ministrar aulas ainda que fosse possível atuar de forma desvinculada da licenciatura. Doze dos quinze estudantes que responderam ao nosso questionário disseram que dariam aula mesmo assim. As razões que manifestam em suas narrativas são: a importância da docência para a formação do historiador (Julia, Eduardo); a razão pela qual escolheu o curso de História que foi justamente para atuar como professor (Vinícius, Marcos e Bruno); vontade, gosto ou

interesse pela docência (Cecília, Lúcia, Isabel, Leandro, Marcelo, Ricardo); e a importância do ensino de História para sociedade (Kátia).

Apenas três formandos escreveram que “sim”, se fosse possível não dariam aulas (Gabriel, Luana e Isadora), e justificam sua resposta em termos de vocação e competência para a docência.

Quadro 15 – Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Preferiria não dar aulas.	03
b) Daria aula mesmo assim.	12
Total de alunos que responderam a questão	15

Gabriel afirma que não “vocação e nem competência para dar aulas”. De fato é necessário que o aluno desenvolva durante a graduação algumas competências para a prática docente, porém, isso pode ser adquirido com a prática em sala de aula. O fato de Gabriel não sentir-se competente para reger aulas de História pode ter relação com sua experiência no estágio obrigatório já que elenca o estágio como tendo sido a sua maior dificuldade durante o curso, conforme sua resposta à questão de número quatro do questionário (O que você achou mais difícil no curso de História?).

Sua resposta também pode estar relacionada com a “vergonha” que o aluno menciona como sendo uma dificuldade a enfrentar em sala de aula, questão de número nove do questionário (Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma dificuldade para ministrar aulas?).

A palavra vocação que os estudantes apresentam em suas narrativas como um aspecto que lhes falta para a prática do ensino de História, significa, segundo dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004) “uma disposição natural e espontânea que orienta uma pessoa no sentido de uma atividade, função ou profissão”, diante disso, segundo a resposta dos próprios alunos, podemos afirmar que não possuem essa disposição para o ensino de História, apesar da experiência do estágio e também da participação no PIBID, no caso da aluna Isadora que

participou três anos do PIBID e cumpriu o estágio obrigatório até perceber que lecionar História não era a profissão que ela gostaria.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano):
Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

(JÚLIA) Não, acredito que dar aulas é essencial para a formação do historiador.

(VINICIUS) Eu não abriria mão de dar aula, porque dar aula foi o que me levou a fazer história e continua sendo uma atividade que gosto muito.

(CECÍLIA) Não, quero dar aulas.

(KÁTIA) Não. Eu acho que se temos acesso a todas essas informações e a capacidade de relacioná-la com nosso presente, devemos sim poder estender o acesso à comunidade.

(EDUARDO) Mesmo se fosse possível não dar aula, eu ainda prefiro dar aulas por achar essa experiência essencial para o historiador ou para qualquer pesquisador.

(GABRIEL) Sim. Porque não tenho vocação e nem competência para dar aulas.

(LUCIA) Não. Eu gosto de lecionar.

(ISABEL) Não. Eu gosto de dar aula, mas não para crianças.

(LUANA) Sim, eu preferia trabalhar com outra coisa, mas quero dar aula de filosofia um tempo, pela experiência.

(ISADORA) Sim, porque eu não tenho vocação para ser professora, fiz 3 anos de PIBID e estágio obrigatório até perceber que não é isso que eu quero fazer.

(LEANDRO) Não, depois das experiências de estágio (obrigatório e não) me interessei em atuar na sala de aula.

(MARCELO) Não, tenho vontade de dar aulas.

(RICARDO) Não, eu gostaria de dar aulas. Mas trabalhar em instituições culturais também seria uma boa opção.

(MARCOS) Não, porque já entrei no curso com esse objetivo.

(BRUNO) Não. Porque eu quero ser professor.

- **Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas?**

As respostas foram quase unânimes nesta questão, com exceção de um estudante, todos os outros responderam que sim, mesmo com a experiência do estágio obrigatório acreditam que terão dificuldades para ministrar aulas. É comum que os alunos não se sintam completamente preparados para a docência, pois essa como qualquer outra profissão demanda tempo para adquirir experiência, ainda assim, o processo de ensino-aprendizagem em História precisa estar sob constante desenvolvimento e aperfeiçoamento, pois as bases teórico-metodológicas sempre são foco de novas pesquisas. O Historiador ao ministrar aula precisa revisitar e rever suas concepções conforme novas discussões vão surgindo, o estágio obrigatório durante a graduação é a porta de entrada para a prática docente, apenas o início dessa jornada como professor de História.

As dificuldades que os graduandos apontam vão desde uma preocupação com relação ao comportamento de seus futuros alunos; sua própria habilidade para administrar uma turma; a falta de experiência e a insegurança; ou problemas com postura em sala de aula, oratória e dicção; receio em ter que trabalhar com escolas e turmas diferentes; até questões mais relacionadas ao conhecimento histórico, como por exemplo, dificuldade em estabelecer relações passado-presente; trabalhar fontes históricas com seus alunos; dificuldade com algum conteúdo mais específico; e o desafio de preparar aulas. Dentre todas estas questões mencionadas pelos futuros professores, o mais recorrente foi a preocupação com uma suposta indisciplina de seus futuros alunos, ou com o “domínio de sala”, a falta de experiência em sala de aula vem logo em seguida como umas das três dificuldades que mais preocupam os formandos.

Quadro 16 – Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Indisciplina dos alunos | Domínio de sala	05
b) Falta de experiência ou preparação |	04

Insegurança | Vergonha	
c) Aplicar métodos como a Aula-Oficina	03
d) Tempo: Falta de tempo para preparar aula | Controle de tempo em sala de aula	03
e) Escolas ou turmas diferentes	02
f) Postura, oratória, dicção.	02
g) Estabelecer relações (passado-presente)	01
h) Uso de fontes	01
i) Conteúdo	01
j) Preparar aulas	01
Total de alunos que responderam a questão	15

Se na questão de número quatro do nosso questionário (O que você achou mais difícil no curso de História), os alunos elencaram a grande quantidade de leituras e trabalhos durante a graduação como maior dificuldade no curso, e aqui ao pensarem acerca da prática docente apresentam uma preocupação com “domínio de sala”, “domínio de conteúdo”, “domínio metodológico”, entre outros, a questão fundamental não é o quanto se tem a fazer, assim como o aluno precisa fazer muitas leituras e trabalhos durante o curso, enquanto professor também precisará de muitas leituras para preparar suas aulas e sem dúvida terá muito trabalho com a elaboração de provas, atividades e suas correções, por exemplo. A questão então é “como fazer”, sempre haverá muita leitura e muito trabalho para o professor de História, o que vai colaborar ou não para sua atuação no processo de ensino-aprendizagem com seus alunos, é de que forma irá trabalhar para desempenhar seu papel enquanto professor.

> (ISABEL) Dificuldades a gente sempre encontra, mas o estágio ajudou bastante. Acredito que encontrarei dificuldades que só a experiência em sala poderá ajudar [...].

Duas alunas pautam suas dificuldades (insegurança e pouca experiência) em razão de dois fatores externos, uma greve (Cecília) e pouco tempo de regência no estágio obrigatório (Luana).

> (CECÍLIA) Sim, acho que terei dificuldades. Porque **não tivemos tempo de desenvolver experiência devido às greves.** Terei dificuldade em manter a segurança com o que estou falando. (grifo nosso)
>
> (LUANA) Claro. A experiência foi ótima, mas foi **um dia da semana, com 3 turmas, durante quase 2 horas**, ou seja, não conhecíamos a turma, nem achei 100%, pois tinha 50 alunos. (grifo nosso)

Cecília não especificou a qual greve estava se referindo, quanto tempo durou essa manifestação e de que forma isso afetou o estágio obrigatório, porém podemos inferir que a greve que a aluna menciona possa ter acarretado um atraso no cronograma de estágios, reduzindo o tempo que os graduandos dedicariam ao processo de estágio desde a observação até o relatório final, porém não podemos afirmar que houve uma redução na carga horária de estágio já que pelo regulamento é necessário um mínimo de 50% para a prática em sala de aula durante a disciplina de Estágio Supervisionado para obter aprovação.

Da mesma forma, contrapomos a resposta de Luana, pois como seria possível realizar todo o seu estágio obrigatório resumindo-o à apenas um dia da semana, com um total de somente 02 (duas) horas de aula; isto iria contra o regulamento de estágio. Deve haver uma explicação para tal situação, para isso seria necessário voltarmos à estudante com novos questionamentos para buscarmos mais subsídios a fim de discutir essa questão, ou mesmo ter acesso ao seu relatório de estágio para analisar, porém este não é nosso objetivo.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano):
Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas?

> (JÚLIA) Acredito que sim, pois cada escola é única e as experiências são diferentes. Indisciplina dos alunos, relacionar o conteúdo programático com o cotidiano do aluno.
>
> (VINICIUS) Com toda certeza usar fontes primárias, aplicar métodos como a aula-oficina e quais tópicos abordar referentes a cada conteúdo.
>
> (CECÍLIA) Sim, acho que terei dificuldades. Porque não tivemos tempo de desenvolver experiência devido às greves. Terei dificuldade em manter a segurança com o que estou falando.
>
> (KÁTIA) Sempre terei dificuldades, porque cada turma terá um perfil e nós

professores sempre precisamos nos reinventar e tentar novas abordagens que para uma turma pode funcionar, mas para outra não.

(EDUARDO) Creio que as dificuldades maiores serão as de postura e oratória para se dar aula, mas isso se concerta com o tempo.

(GABRIEL) Sim. Vergonha e de falar sobre os temas.

(LUCIA) Acredito que não. Talvez o tempo de preparação para as aulas seja reduzido, mas nada que comprometa o curso da aula.

(ISABEL) Dificuldades a gente sempre encontra, mas o estágio ajudou bastante. Acredito que encontrarei dificuldades que só a experiência em sala poderá ajudar. Controlar a sala e os alunos, por exemplo.

(LUANA) Claro. A experiência foi ótima, mas foi um dia da semana, com 3 turmas, durante quase 2 horas, ou seja, não conhecíamos a turma, nem achei 100%, pois tinha 50 alunos.

(ISADORA) Sim, apesar da experiência do estágio ter sido boa, foi muito pouco para aprender a dar aula.

(LEANDRO) Tenho problemas de dicção, tendo a falar rápido, enrolado e essa é uma dificuldade que não seria suprimida no estágio.

(MARCELO) Sim, principalmente em preparar boas aulas, por falta de tempo.

(RICARDO) Sim. Controle de sala, por exemplo. Tempo de aula a ser ministrado.

(MARCOS) Terei dificuldade de ser mais rígido quando necessário.

(BRUNO) Sim, principalmente em relação à disciplina em sala de aula.

- **Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?**

Quatorze alunos responderam que não atuam como professores no mercado de trabalho, mas o interessante foi que quatro deles mencionaram o PIBID como experiência profissional até o momento, isso é muito importante, pois esse é o objetivo do programa, que os alunos adquiram mais experiência na docência durante o curso de graduação. Portanto, o reconhecimento desses alunos de que sua atuação em sala de aula através do PIBID seja considerada muito mais do que um estágio não obrigatório, mas uma experiência profissional direta em sala de aula, com apoio e supervisão, a fim de prepara-los para a carreira docente no ensino de História, pode indicar que estes estudantes tenham desenvolvido um pouco de sua identidade como professores de História.

Quadro 17 – Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

RESPOSTAS	TOTAL
a) Sim (Ensino Fundamental)	01
b) PIBID	04
c) Não	14
Total de alunos que responderam a questão	15

A aluna Lúcia foi a única dentre os quinze que já teve uma experiência na docência antes da graduação, em sua resposta ela afirma “fiz magistério concomitante com o ensino médio e trabalhei com os anos iniciais do fundamental”, porém ela não especifica por quanto tempo lecionou nem a série na qual atuou como professora.

Narrativas na íntegra, em resposta ao questionário 2017 (4º ano):

Quadro 17 – Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

(JÚLIA) Não.

(VINICIUS) Não.

(CECÍLIA) Não, ainda não leciono.

(KÁTIA) Desde o segundo ano, pelo PIBID História. Para sétimo ano e colegial.

(EDUARDO) Apenas no estágio obrigatório, desde o terceiro ano.

(GABRIEL) Não.

(LUCIA) Durante a graduação não. Porém fiz magistério concomitante com o ensino médio e trabalhei com os anos iniciais do fundamental.

(ISABEL) Não.

(LUANA) Não.

(ISADORA) Lecionei no PIBID para o 8º, 9º e 6º ano.

(LEANDRO) Não leciono.

(MARCELO) Eu faço PIBID a 2 anos.

(RICARDO) Não.

(MARCOS) Não.

(BRUNO) Atualmente não. Mas participei do PIBID durante os anos de 2015 e 2016.

CONCLUSÕES

O objetivo de nossa investigação foi buscar quais ideias acerca da História apresentavam os alunos de graduação do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina, PR. Através de um questionário com 12 (doze) questões obtivemos narrativas que nos permitiram investigar o que os graduandos pensavam sobre questões profissionais, pessoais e teóricas relativas ao curso de História e sua formação como historiador e professor. No total foram 15 (quinze) formandos que participaram de nossa pesquisa, respondendo às 12 questões, resultando em 180 narrativas para a análise.

Ao analisarmos a primeira questão “Por que você escolheu o curso de História”, concluímos que a maioria dos alunos escolheu o curso por gostar de História e pelo interesse na docência, outros aspectos como boas aulas de História e/ou bons professores na escola, também apareceram nas narrativas como uma das razões da escolha pelo curso de História.

Durante o curso de graduação são muitos os desafios a serem superados, em suas narrativas à questão “O que você achou mais difícil no curso de História?”, os estudantes elencaram pelo menos onze dificuldades: a grande carga de leitura do curso; o ritmo de estudos necessário, a dificuldade na leitura de alguns textos por sua linguagem mais acadêmica ou por se tratar de um texto em língua estrangeira, e o estágio obrigatório são as questões que mais preocuparam os estudantes durante o curso.

Apesar disso, o aprendizado no curso é recompensador, quase todos os alunos responderam que o desenvolvimento de um pensamento mais crítico foi muito importante nessa trajetória. Porém, em relação aos conteúdos, os alunos permaneceram na esfera de conteúdos substantivos quando questionados sobre qual conteúdo achariam mais interessante de trabalhar em sala de aula, poucos apresentaram conceitos de segunda ordem em suas respostas.

Os temas de pesquisa escolhidos pelos formandos para teus trabalhos de conclusão de curso (Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?), apesar de apresentarem temas mais novos, também é uma questão que ainda permanece nos conteúdos tradicionalmente mais pesquisados, como, por exemplo, guerras e ditadura militar.

O papel do historiador quando ensina História, para os futuros professores de História, é basicamente desenvolver o pensamento histórico e crítico dos alunos, instigando a problematização e ajudando a desnaturalizar estruturas. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

> (JÚLIA / 4º ANO) Ajudar o aluno a pensar por conta própria, a encontrar o caminho para construir o próprio raciocínio, mas antes, oferecendo ao aluno as diferentes perspectivas existentes, para que elas possam fazer suas próprias escolhas.
>
> (VINICIUS / 4º ANO) O papel do profissional varia conforme seu entendimento do que é História e de qual a sua importância. Ao meu ver o seu papel é mostrar a mudança das coisas dentro de um recorte temporal, desvelar discursos marginalizados, desnaturalizar estruturas e hierarquias opressoras, construir identidades e atribuir significado a termos e acontecimentos do tempo presente.

As concepções de História (O que é História para você?) que os graduandos apresentaram ainda ficam muito restritas a ideia de um estudo sobre a ação do homem no tempo, mas alguns estudantes demonstraram respostas mais elaboradas como, por exemplo, a aluna Julia:

> (JÚLIA / 4º ANO) História para mim é o estudo do passado a partir do presente capaz de suprir as carências de orientação do homem, para que ele possa compreender, além do seu meio, sua identidade, sua história, seu passado, enfim, quem ele é. Além disso, é através deste sentido encontrado pela História que é possível ao homem encontrar perspectiva no futuro.

Em relação às questões profissionais (Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?; Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?; Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas?); a grande maioria demonstrou preferência em atuar no ensino superior, e caso fosse possível não ministrar aulas, mesmo assim lecionariam ainda que enfrentando algumas dificuldades que não puderam ser superadas com o estágio obrigatório.

Colocando em um quadro nossas considerações finais acerca de cada uma das questões exploradas no questionário, ficaria da seguinte forma:

Perguntas do Questionário:	Nossas considerações finais:
1. Por que você escolheu o	1. Os alunos entram no curso porque gostam de

curso de História?	História e querem se tornar professores.
2. O que é História para você?	2. Saem do curso sem uma explicação satisfatória sobre o que é História.
3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?	3. Não sabem definir exatamente qual é o seu papel enquanto professores de História.
4. O que você achou mais difícil no curso de História?	4. A maior dificuldade durante a graduação é a bibliografia do curso.
5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu esse tema em particular?	5. Escolhem os temas mais tradicionais para seus trabalhos de conclusão de curso, como ditadura militar e História do Brasil.
6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?	6. Preferem atuar como professores no ensino médio ou superior, não possuem interesse no ensino fundamental.
7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?	7. Permanecem nos conteúdos substantivos ao invés de se preocuparem em trabalhas conteúdos de segunda ordem, o que pode indicar que os próprios graduandos tem dificuldade com conceitos relativos a cognição histórica.
8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?	8. Valorizam a docência e o papel da docência na formação do historiador, e ministrariam aulas de História ainda que fosse possível trabalhar na área de História sem lecionar, pois entendem a importância da prática docente para sua formação.
9. Depois da sua experiência	9. Mesmo depois do estágio obrigatório acreditam

no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?	que enfrentarão dificuldades para ministrar aulas. A maior preocupação é com os alunos que terão e a falta de experiência inicial.
10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?	10. Não conseguem identificar uma matriz teórica nas aulas que prepararam para o estágio, apenas citam o método da aula-oficina de Isabel Barca, juntamente com outros autores. Apesar de mencionar autores e conceitos em suas narrativas, não demonstram entendimento dos mesmos e não desenvolvem suas explicações.
11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?	11. A maioria nunca teve experiência em sala de aula enquanto professor antes do estágio obrigatório ou de projetos como o PIBID.
12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.	12. Todos afirmam que o mais importante que obtiveram nessa trajetória foi o desenvolvimento pessoal e crítico que o curso proporcionou. Apesar de ser um ponto positivo, apenas evidencia que a formação inicial, ao menos desses professores de História, segundo a análise de suas narrativas, foi insuficiente e superficial.

Esperamos que nosso trabalho possa contribuir para o campo de investigações em Ensino de História, e também incentive novas pesquisas que tenham como sujeito os alunos dos cursos de graduação em História, a fim de refletir acerca da formação inicial do professor de História. Muitas pesquisas se dedicam aos alunos de ensino fundamental e médio, e ao universo da escola, mas ainda são poucas as que investigam o que pensam os alunos do ensino superior em História.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Educação Histórica: uma nova área de investigação. **Revista da Faculdade de Letras: História**, Porto, III Série, vol. 2, p. 13 – 21, 2001.

_____. O papel da Educação Histórica no desenvolvimento social. In: CAINELLI; SCHIMIDT, **Educação Histórica: teoria e pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

_____. Aula oficina: do Projeto à avaliação. **Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica.** Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, p. 131-144, 2004.

CAPES, Fundação. **Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.** 2008. Disponível em: < http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em 28 abr. 2018.

BRASIL, **Decreto-lei nº 8.530, de 02 de janeiro de 1946**. Lei Orgânica do Ensino Normal. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 04 de jul, 2017.

BRASIL, **Lei nº 2.594, de 08 de setembro de 1955**. Dispõe sobre o desdobramento dos Cursos de Geografia e História nas Faculdades de Filosofia. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2594-8-setembro-1955-361157-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 13 set. 2017.

BRASIL, **Lei Nº 4.024, de 27 de Dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2896161/pg-1-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-27-12-1961> Acesso em 17 de jul, 2017.

BRASIL, **Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 28 nov. 1968. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5540.htm > acesso em 11 de set, 2017.

BRASIL, **Decreto-lei nº 547, de 18 de Abril de 1969**. Autoriza a organização e o funcionamento de cursos profissionais superiores de curta duração. Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, 18 abr. 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0547.htm>. Acesso em 12 de set., 2017.

BRASIL, **Lei n. 5.692, de 11 de Agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 11 ag. 1971. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm Acesso em 11 de set. 2017.

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Educação Histórica: teoria e pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CHARMAZ, Kathy. **Convite à Teoria Fundamentada**. In: ____. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DA SILVA, Norma Lucia; DE MORAES, Marieta. Os caminhos da institucionalização do ensino superior de história. **História & Ensino**, Londrina, v. 2, n. 17, p. 283-306, jul./dez. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 5ª edição, Curitiba: Editora Positivo, 2014.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da História Ensinada**. Campinas: Papirus,1993.

GAGO, Marilia. Consciência histórica e narrativa na aula de História: concepções de professores. Tese de Doutorado em Metodologia do Ensino da História e Ciências Sociais. Universidade do Minho, Portugal, 2007.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

HISTÓRIA, Departamento de. **Apresentação**. Disponível em: < http://www.uel.br/cch/his/index.php?arq=ARQ_apresenta%E7%E3o>. Acesso em: 06 out. 2017.

MARCHELLI, Paulo Sergio. Da LDB 4.024/61 ao debate contemporâneo sobre as bases curriculares nacionais. **Revista e-Curriculum**, v. 12, n. 03, p. 1480 – 1511, São Paulo, out./dez. 2014. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/21665> Acesso em 05 de jul, 2017.

MARTINS, Estevão de Rezende. **Educação e Consciência Histórica**. In: CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. A. Educação Histórica: teoria e pesquisa. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

PARANÁ, Universidade Federal do. **A mais antiga do Brasil**. Disponível em: <http://www.ufpr.br/portalufpr/a-mais-antiga-do-brasil/>. Acesso em 14 set. 2017.

PETRUCI, Maria das Graças Ribeiro Moreira. CEFAM – Uma proposta de formação e aperfeiçoamento de professores para o 1º grau. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, n. 6, p. 9-25, 1994. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1994000100002> Acesso em 18 Ag. 2017.

PIBID, História/UEL. **Objetivos do Projeto**. Disponível em: <http://pibidhistoriauel.blogspot.com/p/objetivos-do-projeto.html> Acesso em 25 de maio, 2018.

PROGRAD, Pró-Reitoria de Graduação. **Catálogo dos Cursos de Graduação 2017**. Disponível em: < http://www.uel.br/prograd/?content=menu_atalho/cursos_graduacao.html> Acesso em 25 abr. 2018.

LEE, Peter. Progressão da Compreensão dos Alunos em História. In: BARCA, Isabel (Org.) **Perspectivas em Educação Histórica**. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia – UMINHO, 2002.

_____. “Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé”: compreensão das pessoas do passado. **Educação histórica e museus. Braga: Centro de Investigação em Educação**, p. 19-36, 2003.

_____. Em direção a um conceito de literacia histórica. **Educar em revista**, Curitiba, Especial, Editora UFPR, p. 131-150, 2006.

SAVIANI, Dermeval. História da formação docente no Brasil: três momentos decisivos. **Educação. Revista do Centro de Educação**, v. 30, n. 2, 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário para o 4º ano, 2017.

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno
Data:
Nome:
E-mail:
Idade:
Série e período (M/N) em que está na graduação:

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?
2. O que é História para você?
3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?
4. O que você achou mais difícil no curso de História?
5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?
6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?
7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?
8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?
9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?
10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?
11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?
12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

Apêndice B – Questionário para o 1º ano, 2014.

Universidade Estadual de Londrina
Curso de Licenciatura em História – CLCH

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Maria de Fátima da Cunha

Perfil do aluno:

Data:
Nome:
Idade:
Série e Período (M/N) em que está na graduação:
Colégio, período (M/N) e cidade onde estudou o ensino médio:
Indicar se já cursou ou iniciou outro curso na Universidade:

Questionário

1. Por que escolheu o curso de História?
2. O curso de História é muito diferente do que você imaginava no ensino médio? Fale sobre.
3. O que é história para você?
4. Você gostaria de dar aulas de História (fundamental, médio, ou nível superior)? Por quê?
5. Você gostaria de iniciar um trabalho de pesquisa? Em qual área e por quê?
6. Se fosse para lecionar História, qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar? Por quê?
7. O que você achou mais difícil até agora no curso de História? Fale sobre.
8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário 2017: respostas aluna Júlia

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Julia”
Idade: 20
Série e período (M/N) em que está na graduação: 4º ano / 7º Sem. Matutino.

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   A princípio, quando eu ainda estava no ensino fundamental, eu já queria ser professora. Até que na 6ª série eu tive um professor de história que me inspirava e que despertou em mim a vontade de fazer história, além disso, eu sempre gostei de discutir sobre política e achei que o curso de História fosse o mais indicado para isso.

2. O que é História para você?

   História para mim é o estudo do passado a partir do presente capaz de suprir as carências de orientação do homem, para que ele possa compreender, além do seu meio, sua identidade, sua história, seu passado, enfim, quem ele é. Além disso, é através deste sentido encontrado pela História que é possível ao homem encontrar perspectiva no futuro.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Ajudar o aluno a pensar por conta própria, a encontrar o caminho para construir o próprio raciocínio, mas antes, oferecendo ao aluno as diferentes perspectivas existentes, para que elas possam fazer suas próprias escolhas.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   Conciliar a bibliografia de aula com outros livros que também são importantes para a formação no curso, mas que nem sempre estão na ementa.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

Ainda não possuo um tema definido com um recorte, mas será um subtema dentro da Ditadura Militar brasileira. Porque é um tema pelo qual eu sempre me interessei.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Ensino Médio e Superior.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Em geral, qualquer conteúdo relacionado à História do Brasil, pois é algo que talvez faça mais sentido para o cotidiano do aluno, pois faz parte da formação de sua identidade e do lugar onde ele vive.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não, acredito que dar aulas é essencial para a formação do historiador.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Acredito que sim, pois cada escola é única e as experiências são diferentes. Indisciplina dos alunos, relacionar o conteúdo programático com o cotidiano do aluno.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Metodologia de aula-oficina da Isabel Barca, além de alguns conceitos utilizados por Jorn Rusen e Peter Lee.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Não.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    A ajuda dos meus amigos do curso, a ajuda emocional e financeira da minha família, a ajuda de alguns professores e o método de ensino utilizado por alguns deles.

Anexo 2 – Questionário 2017: respostas aluno Vinícius

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/17
Nome: “Vinicius”
Idade: 21
Série e período (M/N) em que está na graduação: Matutino

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Porque no colégio eu gostava das aulas e das discussões que fazíamos sobre a disciplina e a partir dela.

2. O que é História para você?

   História possui dois sentidos: o primeiro, de um passado, daquilo que já passou, em segundo significa uma disciplina que estuda o passado, mais especificamente o transcurso temporal das coisas.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   O papel do profissional varia conforme seu entendimento do que é História e de qual a sua importância. Ao meu ver o seu papel é mostrar a mudança das coisas dentro de um recorte temporal, desvelar discursos marginalizados, desnaturalizar estruturas e hierarquias opressoras, construir identidades e atribuir significado a termos e acontecimentos do tempo presente.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   O mais difícil foi ser cobrado sobre assuntos e práticas que os professores teoricamente teriam que ensinar.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   No meu TCC eu procuro analisar a construção ou as relações de poder que envolveram a participação das mulheres nas primeiras comunidades judaico-cristãs de nossa era. Faço tanto uma análise do que está externo ao sujeito e

que o constitui enquanto sua subjetividade, e levo em conta as técnicas que ele opera sobre si.

Eu escolhi esse tema a partir da minha própria experiência dentro da instituição religiosa cristã, que construiu um discurso que excluía e proibia as mulheres de assumirem cargos de liderança dentro dessa estrutura. Ao estudar esse tema no projeto de IC entrei em confronto ao perceber que esse discurso e prática foi mais uma construção do que uma característica natural.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Gostaria de atuar como professor de ensino médio e superior.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Eu gostaria de trabalhar História dos excluídos e/ou dos marginalizados, tocando em novas perspectivas como a de gênero. Acho que um assunto que fascina os alunos são as guerras mundiais, então acho um assunto interessante. Eu considero esses assuntos interessantes a medida que os alunos tem contato com uma história para além da tradicional e poder encontrar sentido para suas identidades e de outros sujeitos, adquirindo dessa forma empatia e o entendimento da história enquanto uma construção.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Eu não abriria mão de dar aula, porque dar aula foi o que me levou a fazer história e continua sendo uma atividade que gosto muito.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Com toda certeza usar fontes primárias, aplicar métodos como a aula-oficina e quais tópicos abordar referentes a cada conteúdo.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Não consigo identificar uma matriz.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Não.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    Ter contato com projeto de pesquisa.

Anexo 3 – Questionário 2017: respostas aluna Cecília

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Cecília”
Idade: 21
Série e período (M/N) em que está na graduação: 7º semestre / matutino

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Porque no cursinho me apaixonei pelas aulas de História, mas ao entrar na graduação passei a ver a História com outros olhos.

2. O que é História para você?

   História é a ciência que estuda as relações sociais, culturais, políticas e econômicas no tempo.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   O Historiador tem papel importante para a formação da identidade das pessoas.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   A maior dificuldade que tive foi acompanhar o ritmo de leitura e eventos da graduação.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Meu tema é o Movimento Operário no Chile, no período do Governo Allende. Escolhi esse tema porque as ações populares me chamou a atenção.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Sim, gostaria de atuar como professora.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

Acredito ser interessante trabalhar a própria história dos alunos, fazer com que façam pesquisa com o passado de sua família.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não, quero dar aulas.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Sim, acho que terei dificuldades. Porque não tivemos tempo de desenvolver experiência devido às greves. Terei dificuldade em manter a segurança com o que estou falando.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Procurei me utilizar da aula oficina da Isabel Barca.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Não, ainda não leciono.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    O diálogo entre os colegas de classe dentro e for de sala me fizeram abrir a mente para que eu conseguisse pensar conceitos históricos.

Anexo 4 – Questionário 2017: respostas aluna Kátia

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Kátia”
Idade: 22
Série e período (M/N) em que está na graduação: 4º ano, matutino.

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Porque foi a disciplina escolar que mais me ajudou a compreender o mundo e a mim mesma e eu quis entender um pouco mais sobre essa situação de ser sujeito e objeto da história.

2. O que é História para você?

   História é poder ter acesso a questões de si e do mundo que muitas vezes estão nubladas para nós; é poder se tornar um cidadão crítico e não deixar que terceiros tomem atitudes por você.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   É poder dar acesso às pessoas no que se refere à informações, é conseguir relacionar a realidade das pessoas com qualquer assunto, é poder dar acesso à várias perspectivas de diversos assuntos.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   O que achei mais difícil foi a necessidade de me virar sozinha em algumas matérias por conta do desinteresse de alguns professores em nos ensinar.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Estudo do século XIX no Brasil (invenção de um passado republicano). Escolhi este assunto porque percebi que ainda se propaga esse imaginário inventado até hoje e achei interessante tentar mudar esse quadro.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Superior.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   História do Brasil. Porque se os alunos pudessem compreender as relações da história de nosso país com a realidade deles, eles poderiam ter mais controle de suas ações, a alienação clara que existe na nossa sociedade poderia diminuir.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não. Eu acho que se temos acesso a todas essas informações e a capacidade de relacioná-la com nosso presente, devemos sim poder estender o acesso à comunidade.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Sempre terei dificuldades, porque cada turma terá um perfil e nós professores sempre precisamos nos reinventar e tentar novas abordagens que para uma turma pode funcionar, mas para outra não.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Todas eu me utilizei dos métodos da Isabel Barca.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Desde o segundo ano, pelo PIBID História. Para sétimo ano e colegial.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    O mais importante para mim foi aprender de fato o que é o estudo da História, como ele realmente deve ser feito. Foi poder aprender como repassar tudo isso para a comunidade não acadêmica.

Anexo 5 – Questionário 2017: respostas aluno Eduardo

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Eduardo”
Idade: 20
Série e período (M/N) em que está na graduação: M (manhã/matutino), quarto ano; sétimo semestre.

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   História era uma das minhas principais opções quando eu pensava em fazer vestibular, acho que o que me fez decidir por esse curso foi a influência de bons professores de história que tive no colégio, em especial no ensino médio.

2. O que é História para você?

   História para mim é a área do conhecimento que estuda o passado usando como lente conceitos que foram criados em cada época ao longo da história, esses conceitos foram criados dentro da escrita acerca da história, a historiografia.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Acredito que em sala de aula o papel do historiador seja o de problematização do conhecimento com os alunos, com a participação destes. O historiador como professor deve também passar para os alunos que eles também se situam na história, fazem parte dos processos e que eles próprios tem suas histórias.

   Também é importante ser trabalhado a multiplicidade de narrativas, que apesar de eu não ter citado na questão 1, eu acredito que é uma parte importante da história, sendo essa também a narrativa sobre o passado.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   Pela minha experiência no curso, as matérias que menos se alinham com o meu gosto pessoal acabam sendo as mais sofríveis e logo as mais difíceis, eu tenho um desgosto em especial por história medieval. Ainda falando sobre as matérias,

acredito que a maioria não tenha um nível de dificuldade extremo, e aquelas que são mais complexas podem ser administradas com atenção e uma boa leitura.

Morar longe sempre foi para mim um fator de dificuldade também, por morar em Rolândia as vezes me senti um pouco afastado da esfera acadêmica (eventos, projetos e mesas redondas fora do horário das aulas).

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Meu TCC irá trabalhar com a literatura de Gabriel Garcia Marquez, em especial a obra O amor nos tempos da cólera e os elementos dessa obra literária que podem ser trazidos para a história para se falar de aspectos da Colômbia do século XX. Escolhi esse tema principalmente pelo meu gosto por literatura, em segundo lugar pela relevância social que eu acredito que um estudo de história da América Contemporânea possa ter.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Gostaria mais de dar aula no ensino médio e futuramente no superior, mas creio que quando um professor está procurando trabalho no começo de carreira, não cabe a ele escolher.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Algum tema de história moderna ou contemporânea, acho que seria mais legal por ter uma proximidade maior em relação à realidade temporal dos alunos.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Mesmo se fosse possível não dar aula, eu ainda prefiro dar aulas por achar essa experiência essencial para o historiador ou para qualquer pesquisador.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Creio que as dificuldades maiores serão as de postura e oratória para se dar aula, mas isso se concerta com o tempo.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Ainda não, mas tendo a achar as ideias de Paulo Freire interessantes.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Apenas no estágio obrigatório, desde o terceiro ano.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    O crescimento pessoal e a maturidade que o conhecimento do curso me trouxeram como um todo foi muito importante.

Anexo 6 – Questionário 2017: respostas aluno Gabriel

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Gabriel”
Idade: 21
Série e período (M/N) em que está na graduação: M.

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Ainda não sei explicar. Deveria estar fazendo agronomia.

2. O que é História para você?

   Estudo do passado partindo dos problemas do presente

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Apresentar um estudo crítico sobre determinado assunto fazendo com que os alunos questionem esse assunto e pensem por si próprios.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   Estágio Obrigatório.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Identidade Nipônica no Município de Rolândia, pela proximidade com as fontes.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Não.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Temas de história contemporânea. Pela proximidade com as realidades dos alunos.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Sim. Porque não tenho vocação e nem competência para dar aulas.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Sim. Vergonha e de falar sobre os temas.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Não.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Não.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    Conhecimento crítico; leitura; perca de pré-conceitos e preconceitos de antes do curso e etc.

Anexo 7 – Questionário 2017: respostas aluna Lúcia

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Lúcia”
Idade: 21
Série e período (M/N) em que está na graduação: matutino

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Porque sempre tive afinidade com a área, sempre fui muito curiosa e a História é um campo do conhecimento que oferece muitas respostas para minhas dúvidas de como o mundo funciona.

2. O que é História para você?

   História é uma área que estuda os discursos produzidos acerca de eventos passados. Tal campo auxilia a sanar a carência de orientação da humanidade em relação ao tempo.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Acredito que o papel do historiador no ensino da História consiste em apresentar da melhor maneira os conteúdos propostos, levando ao aluno pensar de forma mais crítica sobre os acontecimentos passados resultaram no cenário atual.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   O mais difícil foi ler uma carga muito extensa de leitura, muitas vezes em linguagem acadêmica muito rebuscada.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Meu tema é “Rádio Auriverde: uma interpretação da participação brasileira na segunda Guerra Mundial”. O tema é fruto de um projeto de Iniciação Científica sobre o Brasil e a Segunda Guerra. Gostei tanto da temática que decidi continuar trabalhando com a área.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Gostaria de atuar como professora do ensino médio e superior.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Qualquer conteúdo que ajude a entender o mundo hoje. Por exemplo: formação do Estado de Israel, funcionamento do sistema político brasileiro, etc.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não. Eu gosto de lecionar.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Acredito que não. Talvez o tempo de preparação para as aulas seja reduzido, mas nada que comprometa o curso da aula.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Acredito que a matriz teórica seja a de educação histórica de Jorn Rusen e Peter Lee, com a metodologia da aula-oficina da historiadora Isabel Barca.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Durante a graduação não. Porém fiz magistério concomitante com o ensino médio e trabalhei com os anos iniciais do fundamental.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    Discussões com os colegas de sala professores. As trocas de informações e diálogos foram muito enriquecedoras.

Anexo 8 – Questionário 2017: respostas aluna Isabel

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/17
Nome: “Isabel”
Idade: 20
Série e período (M/N) em que está na graduação: Matutino, 4º ano.

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Porque eu sempre gostei da disciplina de história quando estava no ensino fundamental e médio. Além disso, desde criança me sentia muito curiosa em relação as civilizações da antiguidade.

2. O que é História para você?

   História pra mim é um conjunto das possíveis análises das ações do homem em determinado tempo e espaço.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Ao ensinar, o historiador tem o papel de despertar o aluno e levá-lo a questionar a história.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   Leituras em espanhol.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Para meu TCC, eu analiso as influências zocasterianas presentes no antigo testamento judaico (TANAKH). Analiso mais precisamente a representação do mal (Satanás) nas escrituras hebraicas do séc. VI a.C. Porque eu sempre me interessei pela História Antiga e História das Religiões.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

No ensino fundamental e médio não. Gostaria de seguir pesquisa e lecionar em universidades.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   História Antiga. Porque é algo que desperta a curiosidade dos alunos.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não. Eu gosto de dar aula, mas não para crianças.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Dificuldades a gente sempre encontra, mas o estágio ajudou bastante. Acredito que encontrarei dificuldades que só a experiência em sala poderá ajudar. Controlar a sala e os alunos, por exemplo.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Utilizamos Isabel Barca para montar as aulas e Guarinelo e Funari para montarmos o conteúdo.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Não.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    O curso de história influenciou no meu modo de pensar e na minha maturidade. Organização e produção de artigos também foi importante.

Anexo 9 – Questionário 2017: respostas aluna Luana

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27 de junho de 2017
Nome: “Luana”
Idade: 21 anos
Série e período (M/N) em que está na graduação: 4º ano M.

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Meu pai e uns amigos foram os maiores incentivadores indiretamente, todavia hoje, eu não consigo pensar em um porquê específico. Eu sei para que eu vou usar história, mas não me recordo mais do intuito inicial.

2. O que é História para você?

   O estudo do homem no tempo que serve para orientação do homem nos 3 tempos (passado – presente – futuro).

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Mediar o conhecimento histórico para orientação de quem se ensina.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   Descobrir que não gosto de trabalhar com história (apesar da incrível experiência do estágio obrigatório, não me vejo sendo uma professora-pesquisadora).

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Como o arquétipo medieval de mago, baseado na literatura, influencia a leitura dos meus objetos de análise, o mago Merlin, memória afetiva da infância com o filme “A espada era a lei” (1963) do Reitherman.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Médio, mas de filosofia e não de história.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Idade Média e Idade Moderna, porque eu tenho estudado com mais afinco essas duas “temporalidades”.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Sim, eu preferia trabalhar com outra coisa, mas quero dar aula de filosofia um tempo, pela experiência.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Claro. A experiência foi ótima, mas foi um dia da semana, com 3 turmas, durante quase 2 horas, ou seja, não conhecíamos a turma, nem achei 100%, pois tinha 50 alunos.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Candeau, Barca, Lee, Helena Pinto, Cainelli, Scott.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Não.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    Organização nos estudos, carga de leitura, ritmo de graduação, produção de textos acadêmicos, que para mim, será útil na minha próxima graduação: filosofia.

Anexo 10 – Questionário 2017: respostas aluna Isadora

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Isadora”
Idade: 20
Série e período (M/N) em que está na graduação: Matutino

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Porque eu gosto muito e sempre me identifiquei com a matéria no colégio.

2. O que é História para você?

   História é o estudo dos feitos do homem ao longo do tempo, seus processos e suas consequências.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   O Historiador, ao ensinar, deve estar atento a não ser instrutivo. O ensino de história deve abarcar o ensino da alteridade, identidade, cidadania, etc.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   Me adaptar ao ritmo de provas e trabalhos e descobrir que não quero ser professora do ensino fundamental/médio.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Identificar as características exigidas pela sociedade medieval para que uma mulher fosse considerada santa, trabalho com hagiografias do séc. XIII da Inglaterra anglo-saxã. Optei por este tema por gostar de História das Mulheres e de história medieval.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Superior.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Idade Média, porque eu gosto.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Sim, porque eu não tenho vocação para ser professora, fiz 3 anos de PIBID e estágio obrigatório até perceber que não é isso que eu quero fazer.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Sim, apesar da experiência do estágio ter sido boa, foi muito pouco para aprender a dar aula.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Candeau, Barca, Lee, Helena Pinto, Cainelli, etc.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Lecionei no PIBID para o 8º, 9º e 6º ano.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    Pró-atividade para ter iniciativa nos estudos, trabalhos, participação em eventos, projetos de pesquisa e extensão, etc e organização.

Anexo 11 – Questionário 2017: respostas aluno Leandro

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Leandro”
Idade: 21 anos
Série e período (M/N) em que está na graduação: 4º ano / Matutino

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Por interesse na área na época do colégio, além da “facilidade” de ingressar no curso.

2. O que é História para você?

   O estudo do homem e da sociedade no decorrer do tempo.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Como professor de qualquer disciplina, sua função é mediar o conhecimento entre aluno e o próprio conhecimento.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   As matérias de teoria da história.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   A relação de homens homossexuais com a cidade de Londrina ao longo de 3 gerações. Escolhi devido a necessidade de se retomar discussões a respeito de temas como esses (gênero e sexualidade) em todos os âmbitos, inclusive o acadêmico de modo a bater de frente com o aumento do discurso conservador.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Médio ou Superior.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   As questões que dialogam com o tema de meu tcc, como história das mulheres, das sexualidades, discussões de gênero.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não, depois das experiências de estágio (obrigatório e não) me interessei em atuar na sala de aula.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Tenho problemas de dicção, tendo a falar rápido, enrolado e essa é uma dificuldade que não seria suprimida no estágio.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Barca, Joon Scott, Candeau, Peter Lee e Cainelli.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Não leciono.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    O Museu Histórico de Londrina e o estágio não obrigatório que realizei, realizo lá, uma vez que dessa forma tive contato com a prática de ensino através das oficinas / monitorias, e a prática de pesquisa, por se tratar de um laboratório em que há contato direto com as fontes e como lidar com elas em questões técnicas.

Anexo 12 – Questionário 2017: respostas aluno Marcelo

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Marcelo”
Idade: 21
Série e período (M/N) em que está na graduação: 4º ano, matutino.

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Porque foi minha matéria preferida durante todo o Ensino Básico e também sempre vi a profissão de professor como algo muito belo.

2. O que é História para você?

   História, a meu ver, é o estudo do homem no tempo e no espaço, e também minha paixão.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Ao ensinar História, o Historiador tem, acima de tudo, um papel social e político. Tem o papel de formar cidadãos pensantes e capazes de se situar no tempo e espaço.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   Não tive dificuldades com algo específico do curso, mas sim em me habituar com a rotina de estudos necessária, que antes eu não tinha.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   “Impactos ambientais da construção da represa do Capivara”, escolhi o tema por indicação do meu orientador e também pelo fenômeno ter atingido minha cidade natal.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

Sim, espero ter experiência em todos os níveis.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Principalmente transversais e que estão em discussão nas mídias.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não, tenho vontade de dar aulas.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Sim, principalmente em preparar boas aulas, por falta de tempo.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Utilizei a metodologia da aula oficina, criada por Isabel Barca, que é do campo de Educação Histórica.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Eu faço PIBID a 2 anos.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    Principalmente alteridade e empatia.

Anexo 13 – Questionário 2017: respostas aluno Ricardo

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Ricardo”
Idade: 22
Série e período (M/N) em que está na graduação: Matutino, 7º semestre

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Após o ensino médio, cursei o curso de Administração. No entanto, não me sentia à vontade e não gostei do curso, por isso optei em abandoná-lo. Prestei novamente vestibular, escolhendo o curso de História por sempre ter gostado dessa matéria na escola, além de que pensar em trabalhar num ambiente escolar me parecia uma perspectiva agradável.

2. O que é História para você?

   História é o entendimento das ações do homem ao longo (do tempo). História é entender esse movimento humano, suas implicações e consequências. História é poder situar-se no tempo e no espaço e entender seu contexto e lugar no mundo, ganhando assim perspectivas para lidar com as situações cotidianas.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Ao ensinar História, o historiador deve buscar fazer seu aluno entender-se enquanto ser histórico e participante de seu contexto, além de buscá-lo fazer entender sua colocação na sociedade, seja através de sua posição social, origem familiar, etc.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   A parte de ensino e metodologia. Preparar-se para a sala de aula, lidar com conceitos e discussões não é tão simples quanto parece.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

Patrimônio ferroviário, especificamente a Manobreira Lemluse 101 estacionada no pátio do Museu Histórico de Londrina. Escolhi o tema devido à proximidade com a instituição, realizo estágio na mesma desde o 1º ano da graduação, e também pelo fato de haver disputa pela permanência ou não da peça ferroviária na cidade.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Sim, gostaria.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   História do Brasil, tanto o período imperial quanto o republicano. O primeiro por estar na imaginação popular: “Monarquia na América”, além de sua longa duração. O período republicano, principalmente da Era Vargas em diante, por ainda estar presente na “memória recente” do povo, sendo então uma discussão muito necessária na atualidade por suscitar discussões fortes nos dias atuais. E eu gosto muito de História do Brasil.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não, eu gostaria de dar aulas. Mas trabalhar em instituições culturais também seria uma boa opção.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Sim. Controle de sala, por exemplo. Tempo de aula a ser ministrado.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Utilizamos o modelo de aula-oficina de Isabel Barca. Matriz teórica foi a Educação Histórica.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Não.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    Talvez o mais importante tenha sido aprender a respeitar a diversidade do pensamento de ideias e seu debate, muito importante para o surgimento sadio de novas ideias, estudos, etc.

Anexo 14 – Questionário 2017: respostas aluno Marcos

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/2017
Nome: “Marcos”
Idade: 23
Série e período (M/N) em que está na graduação: 7º semestre

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Pela vontade de ser professor de uma matéria que eu gosto.

2. O que é História para você?

   O estudo das interações sociais no decorrer do tempo.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   Ao dar aulas no ensino básico, o professor de História tem como função aguçar o senso crítico dos alunos, ajudando-os assim a analisar as situações cotidianas de uma forma menos simplista, dualista, e conseguir compreender a multiplicidade de opiniões, visões e discursos presentes na sociedade.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   De início, a carga de leituras, como antes eu cursava uma graduação na área de exatas, estranhei isso de início.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Ação da Ditadura Militar na UEL. Por ser um tema intrigante e que possui a oportunidade de trabalhar dentro de uma interdisciplinaridade.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

   Superior.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Ditadura Militar, por ser um tema que tenho mais afinidade.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não, porque já entrei no curso com esse objetivo.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Terei dificuldade de ser mais rígido quando necessário.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Alguns livros de Paulo Freire discorrem sobre aproximar a temática de sua aula para o “mundo” do aluno, e isso, quando colocado em prática, funciona muito bem.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Não.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    Acredito que o conceito de alteridade, visto no 1º ano na matéria de Antropologia, me ajudou muito a ter uma noção de como as narrativas sobre um mesmo fato podem ser distintas, e o porquê disso.

Anexo 15 – Questionário 2017: respostas aluno Bruno

MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL
PRISCIÉLE MAICÁ SILVEIRA
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Marlene Rosa Cainelli

Perfil do aluno

Data: 27/06/17
Nome: “Bruno”
Idade: 20
Série e período (M/N) em que está na graduação: 4º ano / Matutino

Questionário

1. Por que você escolheu o curso de História?

   Escolhi o curso de História porque eu gostava da disciplina no ensino médio e eu quero ser professor.

2. O que é História para você?

   História é uma narrativa sobre o passado. Contudo, a História não é ficção, já que ela parte da realidade. Além disso, há divergências nas narrativas, o que mostra a impossibilidade de uma História única, oficial.

3. Qual o papel do Historiador quando ensina História?

   O papel do historiador ao ensinar deve ser despertar nos alunos um pensamento histórico, ou seja, fazer com que os alunos aprendam a pensar a História, em vários ritmos de duração, que entendam a relação entre os diversos setores da sociedade, por exemplo.

4. O que você achou mais difícil no curso de História?

   Acho que o mais difícil foi conciliar as leituras das disciplinas, projetos, TCC.

5. Qual é o tema do seu TCC? E por que você escolheu este tema em particular?

   Meu tema é a relação do governo Geisel com a abertura política da ditadura militar, tendo como fonte os seus discursos presidenciais. Escolhi esse tema porque me interesso muito pelo período da ditadura militar.

6. Você gostaria de atuar como professor no ensino fundamental, médio ou superior?

Médio e, principalmente, superior.

7. Qual conteúdo você acharia mais interessante de trabalhar em sala de aula? Por quê?

   Brasil República, pois acredito que os alunos conseguiram se identificar mais fácil com esse tema.

8. Se fosse possível, você preferiria não dar aulas? Por quê?

   Não. Porque eu quero ser professor.

9. Depois da sua experiência no estágio obrigatório você ainda acha que terá alguma(s) dificuldade(s) para ministrar aulas? Qual(s)?

   Sim, principalmente em relação à disciplina em sala de aula.

10. Você consegue identificar alguma matriz teórica utilizada nas suas aulas durante a prática do estágio? Qual(s)?

    Sim. Paulo Freire, Jorn Rusen, Circe Bittencourt, Peter Lee, etc.

11. Você já leciona? Desde quando? Qual disciplina e para qual série?

    Atualmente não. Mas participei do PIBID durante os anos de 2015 e 2016.

12. No que diz respeito ao seu aprendizado no curso de História, indique algo que foi importante nessa trajetória.

    Os professores, os colegas, a biblioteca, café, minha família.